

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

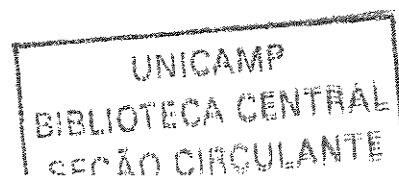
**DISCIPLINA-DISCIPLINAMENTO:
DA VARA DE MARMELO À CADEIRINHA DO PENSAMENTO**

Maria José de Moraes Pereira

200405093 - Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profª Drª Agueda Bernardete Bittencourt, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

**Campinas
2003**

I



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**DISCIPLINA-DISCIPLINAMENTO:
DA VARA DE MARMELO À CADEIRINHA DO PENSAMENTO**

Maria José de Moraes Pereira

Orientadora: Profª Drª Agueda Bernardete Bittencourt

Este exemplar corresponde à redação final da tese de doutorado defendida por Maria José de Moraes Pereira e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Profª Drª Agueda Bernardete Bittencourt

Comissão Julgadora:

Campinas - 2003

UNIVERSIDADE UNICAMP
CHAMADA P414d
EX
IMBO BC/ 57491
IDC 16-117-04
D α
IEÇO 11/11/03
ATA 14/04/2004
CPD

CM00196163-0

BIBID. 314835

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

P414d
Pereira, Maria José de Moraes.
Disciplina – Disciplinamento : da vara de marmelo à cadeirinha do pensamento / Maria José de Moraes Pereira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.
Orientador : Agueda Bernardete Bittencourt.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
1. Professores e alunos. 2. Disciplina escolar. 3. Indisciplina escolar.
4. Registro escolar. 5. Poder disciplinar. I. Bittencourt, Agueda Bernardete.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

03-167-BFE

Resumo

A preocupação com a questão da disciplina/indisciplina e dos castigos na escola vem dos tempos de menina, quando, então, ouvia as histórias de alunos terríveis, indisciplinados que infernizavam a vida de minha mãe-professora. Buscando entendimento para os problemas disciplinares, através do tempo (1900 – 2000), foram pesquisados os registros escolares de quatro escolas públicas de duas cidades de Minas Gerais – três escolas de Ensino Fundamental e uma Escola Normal. Dos arquivos das três escolas de Ensino Fundamental, até a década de 60 (1960), saltaram as imagens positivas de professoras boazinhas, virtuosas e dedicadas e de alunos obedientes, educados e estudiosos. Essas imagens, também, surgem em textos literários onde encontra-se a representação da professora segunda mãe, primeira namorada, irmã mais velha, atriz, etc. Buscou-se a construção da imagem edificante da professora do passado na Escola Normal, onde foi possível trazer o passado para o presente e entender os elos que uniam a família, a escola e a “boa sociedade”, numa cidade pequena do interior de Minas Gerais. Contudo, os documentos atestaram que a escola do passado, para salvaguardar a moral e bons costumes e a disciplina escolar, de forma cruel, ia eliminando os alunos que não se enquadravam no “ambiente harmonioso da escola”. Os estudos realizados permitem rever as idéias sobre o crescente número de ocorrências de indisciplina nas últimas três décadas e refletir sobre os comportamentos dos alunos do passado e do presente, que continuam, ontem e hoje, apenas crianças: meninos e meninas.

Abstract

My concern about the issue of discipline / indiscipline and the punishments that were applied at school come from my childhood when I used to listen to my mother's stories about her terrible badly behaved students who used to drive her crazy. In order to comprehend the problems about discipline through time (from 1900 to 2000) some school documentation was studied at four public schools in two cities in Minas Gerais – three Elementary Schools and one High School for acquiring a Teaching Degree. From the files of the three Elementary Schools up to the 1960's, some positive images of the nice, virtuous and dedicated teachers have come up, as well as obedient polite and studious pupils. These images also appear in literary texts in which the teacher is depicted as a second mother, first girlfriend, older sister, actress, etc. The build up of the remarkable portrayal of the teacher from the past at the High School for a Teaching Degree was developed. Through this it was possible to bring past to present time and understand the bonds which used to gather family, school and the "good society", in a small inner town in Minas Gerais. Nevertheless the documents have testified that the school from the past would ruthlessly eliminate those pupils who did not fit the "harmonious atmosphere of the school" in order to preserve moral, customs and school discipline. All the researches that have been developed so far allow one to think about the increasing number of indiscipline cases throughout the last three decades and reflect about the behavior of the students from the past and the present, who still continue, yesterday and today, being mere children: boys and girls.

AGRADECIMENTO

À Profª Drª Agueda Bernardete Bittencourt

A minha gratidão e o reconhecimento de que, com sua orientação firme e o seu incentivo, tive a coragem de “criar asas para fazer viagens” entre o presente e o passado permitindo-me, às vezes, utilizar a sutileza no lugar do cientificismo.

-

“No meu tempo, as escolas não eram muito boas. Tudo era severo e monótono. Nada era permitido. Uma escola tão inóspita, fria e sufocante que quando me acontecia, mais tarde, sonhar com ela, eu acordava sempre suado, e feliz de ver que tinha sido um sonho, e não realidade.”

Janusz Korczak

Ao Licério,
Homero,
Maria Virgínia.

SUMÁRIO

Introdução	1
I – O Espaço da pesquisa: penetrando nos arquivos de quatro escolas de Minas Gerais.....	19
• Ouro Preto – Antiga Vila Rica	19
• Itaúna – Sertão das Minas Gerais	20
II – Buscando os rastros da disciplina/disciplinamento nos arquivos escolares.....	23
• Escola Estadual D. Pedro II	23
• Escola Estadual Dr. Augusto Gonçalves	42
• Escola Estadual José Gonçalves de Melo	46
III – Minha mãe e eu: a mesma imagem?	55
• Buscando na literatura a construção da imagem da criança linda e da professora maravilhosa.....	55
IV – Minha mãe e eu: quem somos nós?	
Alusões ao passado ou buscando nas lembranças uma explicação para o presente.....	83
• O espaço social de uma pequena cidade de Minas Gerais.....	83
• Um outro espaço... A Escola Normal de Itaúna	91
• Pedras e telhados de vidro	101
• Pensando no lugar social da escola e no papel da escola normal ...	105
• Concluindo: da vara de marmelo à cadeirinha de pensamento	113
os elos se unem.	
Bibliografia	116
Anexos	125

Introdução

A escrita dessa tese foi acentuada por profundas reflexões sobre a minha vida, criando oportunidades de entrelaçar passado e presente.

Nasci num pequeno povoado, denominado Lopes, no município de Itaúna.

À época de meu nascimento, minha mãe estava às vésperas de completar 43 anos. Era professora primária, de uma classe multisseriada da escola rural do povoado. Cresci ouvindo as suas histórias sobre varas de marmelo e meninos burros.

De meninos que saíam dos engenhos de rapadura ou da capina e iam direto para a escola, sujos de garapa, melado ou terra. As unhas grandes obrigavam a professora a uma inspeção constante e davam trabalho para cortá-las, principalmente nos dias que antecediavam as visitas do inspetor escolar.

Sujos... burros... malcriados... Só mesmo com reprimendas e muitos castigos se podia segurar esses alunos na sala de aula. Minha mãe falava desses alunos como se fossem verdadeiros capetas, a infernizá-la na sua prática pedagógica.

À sua maneira, com muitas “varadas”, ensinou o “Bê-a-bá” e a escrita do nome a muitos deles. Aplicava em casa o método que aplicava na escola.

Minha mãe iniciou-me na leitura das primeiras letras e foi a grande incentivadora dos meus estudos.

Fui aluna aplicada e a leitura se tornou o prazer maior da minha vida. Ouvia as histórias contadas por ela e sonhava que um dia eu seria também uma grande “contadora de histórias”.

O Curso de Magistério foi o caminho natural para realizar os desejos de minha mãe de ter uma filha professora. Não saberia dizer se esse era o meu desejo naquela época.

Terminado, o Curso de Magistério, em 1964, comecei a lecionar em fevereiro de 1965. Tinha em minha cabeça uma classe ideal: alunos inteligentes, bonitos, sadios...

Cheguei à escola (que funcionava em uma casinha bem humilde) e encontrei uma diretora, imponente, muito séria, que me olhou e disse:

_ “Você vai assumir uma classe de 1ª série, classificada como HRN3, os meninos são terríveis. Você tem que dar conta deles. Bater? Puxar orelhas? Não faça isso! Puxe o cabelo porque não deixa marcas”. (Mais tarde soube o que era HRN3: H de heterogênea, R de repetente, N de novato e 3 de retardado).

Puxei muito cabelo. (**À lembrança me vem a figura de Arlete: cabelos pretos e olhos grandes, que me fixavam desafiadores a cada puxão de cabelo**).

A idéia de boa professora era a que mantinha a classe em silêncio e que conseguia que os alunos permanecessem bem comportados. Correr no recreio? Nem pensar. Era correr e ficar de castigo, de pé, de frente para a parede e, de preferência, onde o sol estivesse batendo.

E eu era uma “ÓTIMA” professora. O meu nome era citado pela diretora com orgulho. A década era de sessenta. O regime político do País acentuava o caráter autoritário da educação. Antes de entrar nas salas, os alunos tinham de, em filas e em ordem, cantar o Hino Nacional e reverenciar a Bandeira.

Na mesma época em que comecei a lecionar, comecei também o curso de Ciências Sociais. Esse curso pouco contribuiu para a minha prática pedagógica. Continuava numa escola fechada, autoritária, que não propiciava a reflexão e a crítica.

Em 1969, ingressei-me no Curso de Administração Escolar – CAE – do Instituto de Educação de Minas Gerais, transformado em Pedagogia em 1970 e de onde saí em 1971.

Nesse curso adquiri muitos conhecimentos de Metodologia e Didática.

Tive grandes mestres: Lúcia Casassanta, Alda Lodi, Terezinha de Oliveira, Regina Almeida... Com todos formei uma base sólida de conhecimentos sobre como dar aula para crianças de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental.

Faltava, contudo, base crítica.

Enquanto os movimentos estudantis explodiam nas portas das Faculdades, nós continuávamos lá, no Instituto de Educação, “uniformizadinhas”, “arrumadinhas”, acreditando que a escola mudaria o mundo. Lembro-me de uma tarde de confronto entre alunos da Escola de Medicina, da UFMG, e a polícia, bem às portas do Instituto e nós, as alunas do CAE, olhando pelas janelas e orgulhosas da nossa responsabilidade de educadoras, considerávamos aquele movimento uma baderna. Não discutíamos no nosso curso nada a respeito de política e dos movimentos estudantis da época.

Sáimos do Instituto, Pedagogas, “prontas” para atuar na Reforma de Ensino preconizada pela Lei 5692/71: muita bagagem técnica e nenhuma preparação para a reflexão, a crítica e reformulação de idéias e de ações.

Em 1972, assumi a Inspeção Seccional de Ensino de Itaúna. Realizei um trabalho técnico de grande alcance e fui responsável pela implantação da “Reforma de Ensino” nos municípios de Igarapé, Mateus Leme, Itatiaiuçu e Itaúna.

Como Inspectora Escolar atravessei as primeiras greves de professores (1978/1979), nas quais vivemos momentos críticos e dolorosos, repletos de debates, reflexões, confrontos ideológicos.

No final de 1979, afastei-me do Ensino Público e da Inspeção Escolar e passei a atuar como Técnica de Educação no Departamento de Extensão da Universidade de Itaúna. Já dirigia a Escola de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a atuava como professora dessa Faculdade.

A partir de 1980, entrei em contato com os estudos de Paulo Freire, Piaget, Vigotsky e outros estudiosos do caráter político da educação, da função social da escola e dos processos cognitivos de aprendizagem. Passei então a uma fase de reflexão sobre o que havia sido a minha prática pedagógica, principalmente como alfabetizadora. Os métodos e processos de alfabetização, as cartilhas e o fracasso escolar passariam a fazer parte, ao lado dos problemas sociais, das minhas dúvidas e questionamentos.

No curso de pós-graduação *lato sensu* feito em 1983/1984, principalmente com as professoras Magda Soares e Íris Goulart, pude estudar e conhecer um “caminho” diferente para alfabetizar as crianças com as quais trabalhava na Escola de Aplicação. A clientela dessa escola era formada por filhos de operários tecelões da Cia. Industrial Itaunense.

Tínhamos uma “classe especial” de alunos com 2 ou 3 anos de repetência e que ainda não sabiam ler. Com a professora dessa classe, iniciamos um trabalho de estudo e de pesquisa, que nos levou, ao final do ano, a um resultado positivo: todos os alunos estavam lendo. Isso serviu para que os outros professores se sentissem motivados a participar dos nossos estudos. À medida que as reflexões aconteciam, a prática pedagógica de cada professor foi sendo reestruturada. Foi um período rico e valioso para mim.

Em 1993, fui convidada a assumir a Secretaria Municipal de Educação, de Itaúna, permanecendo até dezembro de 1996.

A Secretaria Municipal de Educação colocou-me novamente frente à questão que mais me preocupava: as relações autoritárias e o poder dentro da escola.

Constatei que os castigos físicos ainda persistiam no interior das escolas públicas. Descobri um tipo de castigo que me surpreendeu: “a cadeirinha do pensamento” que é utilizada principalmente nas classes de educação pré-escolar. A criança é colocada de frente para uma parede (só que assentada) para pensar sobre o seu malfeito.

Ainda continuava a idéia de que bom professor é aquele que sabia manter a disciplina e era capaz de “dar todo o programa de ensino”. As discussões sobre questões como: sucesso/fracasso escolar, avaliação, importância da linguagem no processo de ensino aprendizagem eram difíceis de serem conduzidas.

Ao se falar em indisciplina, falava-se sempre de um aluno-problema, um aluno especial, que precisava de uma psicóloga. O pedido de uma psicóloga para atuar na escola foi constante durante todo o meu trabalho na secretaria. O conceito de bom aluno continuava o daquele que sabe ficar em silêncio, é obediente e acata ordens sem questionar.

Defrontei-me, novamente, com as narrativas de minha mãe quando falava de seus alunos burros, malcriados, sujos de garapa e de rapadura e o seu “visível prazer” quando dizia ter **amansado** muitos desses alunos. A vara de marmelo era o símbolo do poder e autoridade da professora e eram os bons alunos que a levavam para a sala de aula.

A experiência vivida na Secretaria Municipal de Educação foi sofrida. O número de professores que desejava sair da sala de aula era muito grande. Usando de ironia eu dizia ser necessário construir no centro da “Praça da Matriz” uma “grande escola” com os dizeres: “Aqui só entra professor. É proibida a entrada de aluno”.

A desculpa para o pedido de afastamento da sala de aula era sempre o mesmo: “as crianças, hoje, não têm limites, são indisciplinadas. Eu não dou conta desses alunos”.

Através das pressões políticas de vereadores e apadrinhados, muitos professores eram afastados da sala de aula e ocupavam funções diversas, dentro e fora das Escolas. O reflexo dessa situação era muito negativo no cotidiano da escola.

Sai da Secretaria Municipal de Educação com uma vontade enorme de me isolar e deixar, definitivamente, a área de educação. Contudo, um ano depois, ingressei-me no Curso de Mestrado, onde o meu objeto de pesquisa foi exatamente a “Disciplina e o Castigo na Escola”. Este tema era recorrente na minha vida. Eu estava sempre “me esbarrando” nele.

As professoras que participaram da pesquisa do mestrado também reafirmaram que “os meninos de hoje” são mais difíceis, mais indisciplinados, mais desobedientes e consideram o “problema” da (in) disciplina como sendo um “problema da família”. Para elas, as crianças indisciplinadas são aquelas que não têm limites na família e os pais, omissos ou permissivos, são os responsáveis pelos comportamentos indesejáveis dos alunos.

Por outro lado, essas professoras que iniciaram o magistério na década de 60 (1960), relatam maiores dificuldades com a indisciplina a partir das últimas duas décadas, 80 (1980) e 90 (1990), quando a escola começa a “se abrir” para os pais e a comunidade. É então, que a relação com os alunos muda totalmente. Para elas, estes se tornam mais relapsos, respondões, desrespeitosos, deseducados. Elas reclamam da perda total da autoridade e da insegurança cada vez maior, pois tornou-se impossível conter a indisciplina dos alunos, uma vez que não se pode usar castigos. “Os pais viram bicho se o seu filho recebe um castigo”. Os castigos mais usados antes da década de 80 (1980) eram: ficar de pé na frente da sala ou no pátio, fazer cópias, puxar cabelos, etc. Hoje, os únicos castigos permitidos são: ficar durante “algum tempo” sem recreio ou aula de arte ou de Educação Física e “dever extra” (dever na sexta-feira). Elas citam o “Estatuto da Criança e do Adolescente”¹ e consideram que este ajudou a agravar a perda de autoridade do professor.

¹ - a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente. O artigo 1º diz: “Esta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente”. A lei trata dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. E, ainda, garante que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Portanto, para elas, no passado, antes do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Escola “se abrir para a comunidade”, era mais fácil exercer o magistério. Então as crianças eram obedientes e educadas. Estas declarações não estavam em consonância com as histórias de minha mãe, onde apareciam “meninos burros que precisavam ser amansados” e com as minhas próprias histórias.

Assim, terminei o mestrado com perguntas instigantes sobre: “a escola, as crianças e os professores do passado” e a vontade de continuar a minha pesquisa.

É isto que me faz buscar nos registros escolares os “atalhos” por onde os alunos escapam do poder disciplinar e por isso são considerados “indisciplinados” ou autores de “atos de indisciplina”.

E assim, me vi no Curso de Doutorado, continuando a minha pesquisa.

Se a pesquisa Bibliográfica sobre disciplina e disciplinamento na Escola é, como diz Júlio Groppa Aquino, pesquisador da USP, uma tarefa quase que arqueológica pela falta de obras referenciais, no caso dos registros escolares tal fato não se repete.

Impressionaram-me as inúmeras fontes escolares, nas quais encontrei registros que se referem às questões da disciplina e do disciplinamento. A minha proposta de pesquisa era a de analisar os livros de ocorrências, onde esperava encontrar os registros de “atos de indisciplina e de castigos escolares”. Contudo, as fontes que tratam da questão da (in)disciplina são muito diversificadas e me proporcionaram um material rico para análise.

Elas permitiram um recorte no tempo proporcionando para a análise, definir três períodos. Um período vai do final do séc. XIX ao início da década de sessenta. O segundo vai de meados da década de sessenta ao início da década de oitenta e o terceiro vai da década de oitenta até a atualidade.

As fontes documentais, que registram fatos ligados à disciplina, são os Termos de Visita dos Inspectores Escolares, que além dos registros sobre o comportamento dos alunos, contam a “história da escola” num período que vai desde o final do século XIX (época da criação e instalação das escolas D. Pedro II e Dr. Augusto Gonçalves) até o início dos anos 60.

Os Termos de Visitas dos Inspectores Escolares nos levam a inferir que o Inspetor era respeitado e ao mesmo tempo temido. Durante este período, os termos de visitas dos Inspectores são os registros mais importantes para o estudo da memória da escola. Eles registram tanto os fatos corriqueiros, quanto aqueles considerados importantes, dignos de elogios, como também os conflitos e os atos de indisciplina dos alunos.

A partir de 1964, aparecem os livros de Ocorrências da Escola.

Então, estes livros vão registrar os conflitos vividos na escola. Nos livros de ocorrência aparecem os registros dos atos de indisciplina não só de alunos, mas também daqueles que trabalham na escola. Eles registram o “lado vergonhoso”² das relações humanas no interior da escola. Talvez por isso, eles tenham sido destruídos por alguns diretores.

Os livros de Atas de reuniões administrativas e pedagógicas constituem outra fonte rica para o estudo, principalmente, dos valores e das crenças que permeavam o trabalho pedagógico nas décadas de 40, 50 e 60 (1940, 1950, 1960).

Nestas atas, o foco de atenção se concentra no “catecismo”, na presença do sacerdote _ diretor espiritual _ em todas as reuniões, atestando a união entre a escola e igreja como elemento forte na formação do professor.

Deparei-me, ainda, com livros de atas de organizações escolares como: Clube de Leitura, Pelotão de Saúde, Clube Agrícola, Grêmio Estudantil que mostravam os movimentos escolares em que os alunos desempenhavam atividades extra-classe.

² Sobre a vergonha, ler Elias, Norbert. O Processo Civilizador, vol. 2 , Op.cit.

Todos os livros se apresentavam como fontes ricas e instigantes, mas o encontro do livro de Atas da Liga da Bondade foi surpreendente e chamou-me a atenção, principalmente, por distinguir de forma tão clara os alunos “pobres”, que deveriam receber ajuda através da caridade dos “mais ricos”.

Na Escola Normal, um livro se destaca dos demais: é o livro de Atas da Congregação. Neste livro estão registrados os acontecimentos mais relevantes da escola e dos quais a participação da Congregação é considerada importante. Nele, mais que em todos os outros, pode-se perceber o “poder escolar” que se traduz no processo disciplinador.

Também as fotografias³ são fontes que produzem um indescritível prazer e curiosidade. Como são diferentes das “fotografias de hoje”. Elas nos fazem ver um tempo em que se congelou a pompa, o ar solene e sério da normalista. Elas são vistas logo à entrada da Escola Normal em quadros fixados na parede.

O entrecruzamento escola, igreja e sociedade levou-me ao Automóvel Clube de Itaúna, hoje em decadência. Até a década de sessenta (1960), esse clube reunia a “nata” da sociedade itaunense e era belíssimo, com o seu salão redondo, as suas sacadas que se abriam para a praça da matriz, a escadaria em mármore branco, por onde subia um tapete vermelho nas noites de gala. O seu estatuto nos dá bem uma idéia dos valores e das crenças daqueles que freqüentavam o clube.

O processo disciplinador, contido nos registros escolares, levou-me ao encontro da imposição do medo, como forma de contenção e disciplinamento. As leituras de Lasch, Canetti, Ribeiro e outras me ajudaram a analisar cada documento, clareando muitas indagações que iam surgindo. Essas análises me levavam ao encontro da minha própria história. Às vezes, as minhas lembranças eram tão fortes e se entrelaçavam de tal modo com os fatos registrados, que eu me dei o direito de “quebrar” a seriedade do texto acadêmico, para colocar as minhas reminiscências. Acredito que isto não trará para o leitor senão a quebra da rigidez de uma pesquisa acadêmica, uma vez que tive o cuidado de não perder o meu “fio de Ariadne”: a disciplina e disciplinamento

³ - Ver cópias de fotografias em anexo

na escola.

Contudo, além desse autores, para continuar a percorrer os atalhos do poder disciplinador, apontados pelos registros, e fazer o movimento dinâmico do cruzamento da minha própria história com as “histórias” contidas naqueles registros, mergulhei nos estudos de Ariès e Elias que, por sua vez, me levaram ao encontro de Erasmo de Rotterdam. O processo civilizador, presente nas dobras dos registros escolares, fez-me compreender que eu estava apenas começando um processo de desconstrução das imagens de alunos, professoras e escolas em tempos e espaços diferentes.

A obra “A Civilidade Pueril”, de Erasmo, fez-me encontrar as permanências do processo civilizador na atualidade. Mais conhecido por seu livro Elogio da Loucura, Erasmo nos legou um tratado indispensável, a meu ver, para todos aqueles que estudam os comportamentos, a disciplina, o disciplinamento escolar, uma vez que ele se transformou em “livro escolar”.

O aluno aprendia a ler por meio de “Civilidades” e ao lê-las e copiar cuidadosamente os tipos de escrita, com caracteres bem desenhados, aprendia a obedecer determinadas regras, que eram constitutivas da ordem escolar e que propiciavam a submissão, a obediência e a sujeição de todos.

A leitura de Erasmo, juntando-se à de Madame de Maintenon, oferece ao leitor a visão dos preceitos e normas a que eram submetidas as crianças e jovens no século XVII e possibilita a análise das permanências do processo civilizador na atualidade. Através dos séculos foi-se construindo a imagem da escola, dos professores e dos alunos. Este fato fez-me percorrer o caminho da literatura que me possibilitou seguir os recortes apontados pelos registros escolares e o estudo dos laços entre o discurso literário e a imagem construída da professora, a partir do final do século XIX até a década de sessenta, e da década de sessenta até a década de oitenta (1960-1980) e daí até a atualidade.

Foi este movimento que me levou ao segundo capítulo, quando, a partir do cruzamento da minha história e da história de minha mãe em tempos tão distantes _ década de 20/30 (1920-

1930), década de 60/70 (1960-1970) _ procurei na literatura o suporte para a construção da imagem da professora boa, linda e maravilhosa do passado e de um tempo onde os alunos eram obedientes e disciplinados.

Isto porque a literatura tenta incitar, antes de mais nada, à empatia, à identificação; ela visa criar uma proximidade entre o leitor e o passado e se funda num processo de socialização das memórias, das narrações e dos discursos. Ela busca estimular comportamentos e formas de pensamento desejados, propondo modelos e pondo em ação estratégias discursivas, tais como a persuasão, a sedução, a verossimilhança, a credibilidade e a autoridade das palavras. Ao oferecer modelos de comportamento, a literatura participa do processo histórico, político e social da definição das identidades nacionais, sociais e individuais⁴.

Assim, sabendo que o presente impõe uma representação seletiva do passado, que não é jamais a do indivíduo só, mas a de um indivíduo pertencente a um determinado contexto, que carrega consigo todo um conjunto de valores e experiências acumuladas entre o tempo da narrativa e a escritura da memória, a exploração das informações, constantes nas fontes documentais mencionadas, permite cumprir a tarefa proposta de utilizar a trama literária como recurso estimulador entre a história e a literatura.

A escolha de Drumond, Adélia Prado e Ziraldo não foi aleatória. Os três escritores são mineiros e viveram as suas infâncias em cidades do interior de Minas, parecidas com a “minha cidade”.

Carlos nasceu em Itabira e publicou o seu livro Contos de Aprendiz, do qual extraio o seu texto, em 1951.

Adélia nasceu em Divinópolis e escreveu o seu texto, após uma breve incursão pelo magistério no final da década de 70 (1970), época em que atuou como líder dos movimentos

⁴ – Sobre a questão do estudo da literatura ver: Cândido, Antônio Mello e Souza. Literatura e Sociedade. 8ª ed. S. Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda. 2000: Publifolha, 2000.

grevistas de professores em Minas Gerais.

Ziraldo, “o menino maluquinho” de Caratinga, nasceu em 1933 e em vários textos, em palestras, em momentos diversos, sempre conta alguma história ligada à sua infância, onde as suas professoras são sempre lembradas.

Cora Coralina, de Goiás Velho, nos permite a sua visão da Mestra do início do século XX. Ressalta-se que Cora Coralina só frequentou a escola primária e publicou o livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais” em 1965, aos 76 anos.

O texto de Viriato Correia, tirado do seu livro Cazuza, que conta a “história verdadeira de um menino de escola”, foi escrito por volta de 1936/1937, quando o autor contava 53 anos.

Esses cinco autores escreveram seus textos em épocas diferentes, mas as lembranças de suas professoras são lembranças de “tempos vividos” antes da década de cinquenta (1950).

Nas revistas, os artigos, as crônicas, as entrevistas que correspondem à representação da professora “boa, querida e maravilhosa”, serviu como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada.

As revistas Nova Escola, AMAE⁵ e, ainda, o Jornal do Professor, do MEC⁶, publicações destinadas aos professores da Educação Básica e aos alunos dos cursos de licenciatura, publicam artigos e textos voltados para a valorização do professor e do magistério.

Assim, utilizam a imagem de escritores, principalmente conhecidos no meio educacional, para fazer os seus artigos: Luís Fernando Veríssimo, Maurício de Sousa, Fanny Abramovich, Elza de Moura (muito conhecida em Minas Gerais), Kleber Garcia e outros.

⁵- A revista AMAE foi criada por ex-alunas do curso de Administração Escolar _ CAE _ do Instituto de Educação de Minas Gerais. O CAE nasceu da extinta Escola de Aperfeiçoamento que teve como sua mais ilustre professora, na década de 30, Helena Antipoff que realizou um trabalho admirável em Minas Gerais.

⁶ _ MEC _ Ministério da Educação e Cultura

Por outro lado, é interessante observar que, para vender a Nova Escola, a Editora Abril, faz propagandas utilizando figuras conhecidas, que freqüentemente aparecem na televisão e jornal, como Pelé, Marília Gabriela, Antônio Fagundes que atestam as influências positivas de seus professores, em suas vidas.

Outra fonte interessante são as músicas.

A música “A professorinha”, de Ataulfo Alves, ouvida tantas e tantas vezes, surgiu naturalmente junto com as lembranças. O compositor e cantor Rubinho do Vale traz uma imagem diferente da professora: a professora _ atriz; a sala de aula _ teatro. Esta imagem se aproxima da imagem que faço de mim mesma, como professora, utilizando de recursos que vão do “cantar ao xingar”, tentando prender a atenção dos alunos (às vezes, inutilmente).

O testemunho de Paulo Freire parece-me interessante por se tratar do testemunho de um educador e grande questionador da educação brasileira. A imagem de professora, que ele descreve, revela a ternura e o valor que o educador coloca na sua professora.

Por último, não resisti ao carinho do Dr. José Carlos pela sua professora, uma grande amiga, testemunha que fui do sentimento de conforto que a carta provocou.

Na fala de uma professora “agora, praticamente, a gente não pode dar castigo nenhum. Hoje, se a gente fizer isso (dar castigo), pode até ser presa”. Essas professoras consideram que a indisciplina é produto da “falta de limites” na família onde “a criança” faz o que quer”.

Contudo, apenas a forma de castigar mudou, uma vez que os castigos continuam sendo aplicados. Eles deixaram de ser físicos para assumirem formas mais sutis. Não se usa mais a vara de marmelo. No entanto, surgiu, entre outros, o castigo da “cadeirinha do pensamento”, lugar onde se coloca o aluno indisciplinado para pensar no mal feito que ele fez. Que imagem a criança pode fazer deste castigo? O ato de pensar se transforma em forma de punição. Se a punição é

tudo aquilo que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, de humilhá-las e de confundi-las, a “cadeirinha do pensamento” se torna assustadora.

Apesar de considerar que os castigos são necessários aquelas professoras afirmam que eles não resolvem o problema da indisciplina.

Percebe-se que o desconforto provocado pelos castigos continua existindo uma vez que eles não eliminam a indisciplina.

Por que continuam existindo?

Que paradoxo é este?

É comum ouvirmos professores e pais falarem da escola do passado como a escola boa, que ensinava e na qual os alunos aprendiam.

“Antigamente...” assim, inicia-se a narrativa de uma época em que tudo era mais fácil, as crianças eram educadas e obedientes, dóceis, bastava o pai olhar para que elas entendessem, não precisava falar.

Na escola, eram alunos aplicados e disciplinados. A lição do mestre era prontamente aprendida. Assim, diz uma professora, “o meu pai fez só até a 3ª série e sabe ler, escrever e fazer contas muito bem. Mais do que esses meninos de hoje, na 8ª série”.

Será isto verdadeiro?

Tivemos na educação um período de ouro?

Uma época em que tudo era fácil e os professores eram felizes?

Teria a escola vivido uma idade mítica até a década de 70 (1970)?

Seriam os alunos “de antigamente” tão obedientes e “quietinhos”?

“Antigamente” era melhor?

Serão as “crianças de hoje” mais difíceis que as “crianças de ontem”?

Os professores viveram em um período que só poderia ser narrado alegoricamente como idade de ouro, onde tudo era mais leve e fácil?

Onde buscar respostas para tais questionamentos...

As fontes documentais produzidas em épocas e espaços diferentes __ Ouro Preto e Itaúna __ apresentam uma semelhança que permite perceber o controle e os modelos de comportamento que se queria imprimir nas Escolas de Minas Gerais.

A “sacralização” do magistério, bem como a representação e práticas, que tendem a conferir à professora um caráter “mágico” e poético, aparece com frequência na literatura nas primeiras décadas de 1900. Nessas décadas parece ter existido uma harmoniosa convivência e troca de serviços entre a literatura e os estudos sociais.

Isto, me fez buscar na Escola Normal os mecanismos usados para transformar a “normalista linda, vestida de azul e branco” na professora “linda, contida e virtuosa” que corresponderia às expectativas da “boa sociedade”. A análise documental da Escola Normal Oficial de Itaúna permite o desvelamento das práticas escolares e culturais que garantem a imagem da professora. Os mecanismos criados para garantir a “disciplina”, tanto na escola quanto na “sociedade” são fortemente marcados pela repressão e pelo medo.

Dessa forma, torna-se importante refletir sobre o lugar social da escola no interior da cultura.

A escola, ao mesmo tempo que transmite saberes e conhecimentos, estabelece formas específicas de relações sociais e liga-se à aprendizagem de formas de exercício do poder.

Os saberes e os conhecimentos recortados em matérias, cursos, classes, tempo, se transformam em programas e manuais de ensino.

E o programa de ensino, que se institucionaliza como “Programa Oficial”, para ser cumprido num determinado tempo, bem como a própria organização pedagógica colocam o professor e o aluno numa “camisa de força”, fechando-os em limites bem precisos.

É assim que a liberdade de ensinar e aprender, que engendram o desejo de saber e o prazer de conhecer, é totalmente negada pelos dispositivos reguladores da vida escolar, tanto para o professor quanto para o aluno.

O silêncio, a imobilidade, a obediência, a ordem são as leis da escola e a aceitação das regras é condição para a apropriação do “saber” e para que não haja “perda de tempo”.

Portanto, qualquer resistência do aluno às normas da vida escolar ameaçam o “bom andamento” da escola e se transforma num espinho que incomoda e que faz a criança sentir o clima severo e sufocante da escola.

Se, para Walter Benjamin⁷, “o passado traz consigo um índice misterioso que impele a redenção” é possível que se possa redimir “essas crianças terríveis de hoje” ao se desconstruir as imagens do passado.

Desconstruir a imagem das crianças lindas e obedientes, bem como a das professoras bondosas e corretas do passado, mexe com a minha própria história. Posso concluir que, durante toda a pesquisa, me sentia ora fascinada, ora completamente sem rumo, mas, sempre, apaixonadamente, com vontade de continuar e de produzir um texto sobretudo leve e provocador.

⁷ - Benjamin, Walter. Op cit

Isto porque o percurso da pesquisa me levava ao movimento entre o passado e o presente, entre a minha própria história e as “histórias” que ia vislumbrando nas várias fontes pesquisadas.

Ao retomar as narrativas de minha mãe e a minha história pessoal, procurei fragmentos que me permitiram retomar o passado e “realizar o encontro secreto” entre as gerações precedentes e a atual.

Para Benjamin, articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele foi de fato, mas apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.

O momento do perigo, o momento em que o professor se sente impotente diante do aluno e mesmo com desprazer se sente “obrigado” a apelar para os castigos _ “os castigos são necessários...” _ é um momento de “agora”. Saber que “não é o passado que ilumina o presente, nem é o presente que ilumina o passado”, mas o passado e o presente se conectam e reorganizam sempre em novas constelações, dá a certeza de que “o perigo” pode ser ultrapassado e que através de fragmentos significativos poder-se-á construir a alegoria capaz de “unir o visível ao invisível, a vida e o sonho”. O passado, penetrado e atualizado traz a possibilidade de modificação.

Benjamin fez-nos compreender o tempo no seu entrecruzamento e na sua continuidade, mostrando o passado como algo que pode ser retomado no presente. Através da reconstrução de fragmentos do passado, da reflexão sobre experiências vividas e sobre as quais se pode falar, poder-se-á interpretar os fatos e, dessa forma, recontar a história, produzir entendimentos diferentes e novos conhecimentos.

O ESPAÇO DA PESQUISA: PENETRANDO NOS ARQUIVOS DE QUATRO ESCOLAS DE MINAS GERAIS

*“O passado, penetrado e atualizado, dialeticamente revela ter em si mesmo uma carga explosiva, uma explosão de futuro comprimido, de possibilidade interna de modificação”.*⁸

*Remo Bodei*⁹

Ouro Preto – Antiga Vila Rica

Em Ouro Preto, na Escola D. Pedro II, escola pública mais antiga de Minas Gerais, inicio o meu caminhar em busca das coisas do passado.

Ouro Preto, antiga Vila Rica foi até 1897 a sede dos governos das Minas Gerais. Berço e palco da Inconfidência Mineira, Ouro Preto guarda nos casarões centenários a história de Minas. Subindo e descendo as suas ladeiras, pela ruas estreitas, calçadas de pedras escorregadias, envoltos pela neblina, os casarões parecem nos dizer que o tempo parou... presente e passado se confundem...

Foi em Ouro Preto que se deu a criação, em 1835, da primeira Escola Normal da Província de Minas Gerais, que só foi inaugurada em 1840, em decorrência do fato de que dois professores foram enviados para fora do país, para que se preparassem para utilizar os Métodos Simultâneo e Mútuo, que iriam substituir o ensino individualizado até então existente na província.

⁸- “(...) Le passé, pénétré et actualisé, “dialectiquement, révèle avoir en lui même une charge explosive, un sprengstoff de futur comprimé, de possibilité interne de modification (...)” (tradução livre)

⁹ – Bodei, p.39, 1986. Op.cit.

A criação e instalação da Escola Normal propiciou o surgimento do professor de ensino primário que substituiu definitivamente o mestre-artesão.

Foi, portanto, em Ouro Preto que surgiram as primeiras professoras primárias, formadas em Escola Normal.

Justifica-se, assim, a escolha da Escola Estadual D. Pedro II para o início da minha pesquisa.

Devo ressaltar que os habitantes da cidade de Ouro Preto, que recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade, são constantemente conscientizados a respeito do valor da conservação dos casarões e documentos que compõem este patrimônio.

O arquivo da escola é muito bem conservado, o que torna fácil a sua utilização para pesquisa.

Itaúna – Sertão das Minas Gerais

Continuei a pesquisa na cidade de Itaúna, onde moro, nas duas escolas mais antigas do município: a Escola Dr. Augusto Gonçalves e a Escola José Gonçalves de Melo. As duas escolas eram mantidas pelo Estado até o ano de 2000, quando foram municipalizadas.

A Escola Dr. Augusto Gonçalves foi criada no final do século dezenove, em 1892 e, embora pública, atendia e ainda atende a uma população selecionada.

A Escola José Gonçalves de Melo (ou grupo de cima) foi criada na década de 40 (1940) e, desde o início do seu funcionamento, atende a alunos pertencentes à classe popular.

Há, ainda, nos dias que correm, uma nítida referência à Escola José Gonçalves de Melo como uma escola “mais fraca”, onde o “ensino não é bom”. A Escola Dr. Augusto Gonçalves é considerada a “melhor” escola pública do município, o que faz com que a competição pelas “vagas” de matrícula seja grande.

A análise dos dados das três escolas foi instigante. A imagem do professor foi surgindo através dos livros de registros e das fotografias, ora “pregadas” nas paredes, ora em velhos e amarelados álbuns.

Se 1840 marca o aparecimento do professor formado em Escola Normal, quem é esse professor que vai sendo delineado nos fragmentos dos livros e álbuns escolares?

Que papel a Escola Normal desempenhou na vida do professor?

Essas questões nortearam a minha pesquisa em direção aos arquivos da Escola Normal Oficial de Itaúna. Embora o seu nome oficial seja, hoje, Escola Estadual de Itaúna, ela ainda é denominada pelo povo de Escola Normal. Ninguém diz: “Eu vou à Escola Estadual”, mas, sim, “eu vou à Escola Normal”.

Considero adequado dizer que os documentos das três escolas de minha cidade estão em estado lastimável. Em todas elas os documentos são arquivados de forma inadequada. Os livros estão depositados em lugares diferentes, sendo que numa delas, eles estão depositados em um porão entre livros “velhos” e em desuso. Em todas as três faltam livros de ocorrências que “se perderam” durante reformas dos prédios, ou foram queimados.

O pedido para verificar os livros de ocorrência causou desconforto nas três escolas da minha cidade. Contudo, não encontrei nenhuma resistência à pesquisa nos outros livros de escrituração, principalmente quando me reportava às datas mais antigas. Tive autorização para retirá-los da escola e tirar cópias. Os livros de Termos de Ocorrências do Inspetor Escolar são os mais interessantes e mais ricos em dados relativos à disciplina e indisciplina na escola.

A dificuldade em encontrar (ou não encontrar) os documentos foi recompensada pelas instigantes questões que os dados (ou até a falta deles, pelo fato de terem “sumido” ou sido “queimados”) fazem surgir.

O que pode revelar o desaparecimento de livros de ocorrências?

Que significados podem ter o “apagamento dos rastros”?

BUSCANDO OS RASTROS DA DISCIPLINA/DISCIPLINAMENTO NOS ARQUIVOS ESCOLARES.

*“O passado traz consigo um índice
misterioso que impele à redenção...”*

Walter Benjamin¹⁰

Escola Estadual D. Pedro II

Atravesso um pátio calçado de pedras escorregadias e entro no casarão, por uma varanda que corta a frente do prédio por inteiro. Penetro no passado: assoalho que range com os meus passos, móveis antigos, salas amplas, pé direito alto e telhados forrados de madeira. Prédio antigo que permanece no presente guardando a memória do passado. Procuro entre os registros mais antigos os fragmentos que possam ser significativos para a minha pesquisa.

Em 1909, encontro o “Livro de Termos de Visitas do Inspetor Escolar”. Ao Inspetor Escolar cabia a tarefa de fiscalizar o “bom” funcionamento da escola. O Inspetor Escolar era o guardião da ordem, da disciplina e, por isso, era escolhido para exercer esta tarefa, entre aquelas pessoas que se destacavam na sociedade pelas suas virtudes.

Há, nos termos de visita de Inspectores, registros sobre prédios escolares, a limpeza e ordem da escola, a disciplina dos alunos, o zelo e dedicação dos professores, o desempenho da diretora, enfim, cabia ao Inspetor fiscalizar e observar tudo o que acontecia no cotidiano escolar.

¹⁰ - Benjamin, p.223. 1987. Op. Cit.

Há registros de visitas em que o Inspetor observa a limpeza das unhas, das orelhas e dos cabelos dos alunos, além de “tomar-lhes” a leitura e a tabuada. Segundo a narrativa da minha mãe, a visita do Inspetor era temida e precedida de uma grande faxina na escola. É freqüente nos termos de visita os elogios feitos à limpeza e organização da escola.

É no livro de Termos de Visitas do Inspetor Escolar que está o registro da história do Grupo Escolar D. Pedro II, hoje Escola Estadual D. Pedro II, até o ano de 1964, quando surge o “livro de ocorrências” da escola. Se no livro de “Termos de Visitas” a história era contada de quando em quando, registradas durante as visitas do Inspetor, a partir da década de 60 (1960) o registro passa a ser feito cotidianamente. A partir dessa década, parece que houve uma explosão de “atos de indisciplina”. É interessante o comentário de uma professora durante a minha pesquisa: “parece que as crianças de antigamente não pintavam. Hoje elas são uns capetas”.

Penetrando, portanto, no passado, encontro o primeiro registro de indisciplina no ano de 1911.

Assim, está registrado:

Termo de visita em Abril de 1911

*Visitei hoje este estabelecimento tendo encontrado tudo em boa ordem.
Suspendi um aluno por faltas graves.*

Ouro Preto, 29 de Abril de 1911

Affonso da Costa Cruz – Inspector escolar

Fico a imaginar em que consistem as faltas graves. O que terá feito um aluno de “Grupo Escolar”, em 1911, para ser suspenso de aula por um inspetor escolar? Depois deste lançamento, só aparece o registro de indisciplina em 1964. Neste período os termos de visitas dos inspetores normalmente estão redigidos com notas de elogios à diretora e aos professores. Por exemplo, em 20 de agosto de 1915 encontramos o seguinte:

Termo de visita

Aos vinte dias do mez de Agosto de 1915 fiz minha primeira visita ao Grupo Escolar D. Pedro II, em cumprimento das funções do cargo. Encontrei as professoras em suas carteiras, com avultada presença de alumnos. Não posso deixar de salientar a salutar impressão experimentada pelo zelo e intelligência de todo o corpo docente e aproveitamento dos alumnos, o que muito recomenda este estabelecimento de ensino. A disciplina e a ordem em tudo revelam a boa vontade de todas as professoras.

Notei, com pesar, porém, que as obras consideradas executadas que, ainda, não satisfazem as necessidades do edificio, não se acham concluídas com grande prejuízo e embaraço para a administração do Grupo, que, se vê em colisões para remediar todos inconvenientes.

É digno, com especialidade, de ser aqui consignado, a maneira correcta, enérgica, intelligente, previdente, decidida e esforçada com que a actual directora interina tem desempenhado suas árduas funções, com real vantagem para a harmonia e com assaz estabilidade do corpo docente, para o superior interesse e aproveitamento dos alumnos e para a causa do ensino, que, melhor, auxiliar, não poderia encontrar para a elevada missão.

Ouro Preto, 20 de Agosto de 1915

Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos

Inspector Escolar Municipal

“A disciplina e a ordem em tudo revelam a boa vontade de todas as professoras”.

O termo de visita revela a imagem da professora dedicada, inteligente, que zela pela disciplina e ordem com “boa vontade”.

Por outro lado, as “árduas funções” da diretora são exercidas de maneira correta, enérgica, inteligente, decidida e esforçada. A “elevada missão” do magistério não pode prescindir de pessoas tão especiais, que não medem esforços para remediar todos os inconvenientes, vencer todos os obstáculos e cumprir as suas “árduas funções”.

Em 1920 deparo-me com um livro onde está registrada a “Acta de Fundação da “Liga da Bondade”, do Grupo Escolar D. Pedro II”. Em ato solene, realizado no salão de festas do Grupo Escolar, com a presença da diretora, professoras e alunos foi fundada, “com grande entusiasmo”, a associação “Liga da Bondade”. O Estatuto da Liga da Bondade registra:

Art. 1 – Com a denominação de “Liga da Bondade” fica creada neste estabelecimento onde terá a sua sede, uma associação escolar, cujo fim é desenvolver no espírito da creança o temor de Deus, o amor da bondade para tudo que vive, ensinar-lhe o horror da violência e da mentira, a beleza da misericórdia, o respeito e atenção para com seus mestres e superiores e ao mesmo tempo todas as virtudes necessarias à formação de um carácter nobre e illibado. (Transcrito conforme o original)

Para atingir o fim preconizado pela Liga da Bondade, os seus membros, com certeza, deveriam cultivar as mesmas virtudes e crenças.

Os seus deveres ultrapassam os muros da escola conforme o estabelecido nos artigos 9 e 10.

Esses artigos rezam:

Art. 9 - Os membros da “Liga da Bondade”, devem assumir o compromisso de, no Grupo ou fora do Grupo, proteger os fracos e de intervirem sempre em favor de tudo quanto vive: pessoas, animaes ou plantas que possam necessitar do seu auxílio.

Art. 10 - O membro da “Liga da Bondade”, deve-se comprometter a não mentir e proceder sempre com a máxima correcção e lealdade em suas relações, especialmente com as pessoas de sua família, com seus professores, seus collegas, etc.

Professoras especiais para formar alunos especiais...

A “Liga da Bondade” recebe contribuições dos sócios e distribui, “aos alunos pobres de reconhecido mérito”, material escolar, roupas, calçados e merenda. “Estes objetos” são distribuídos no último dia letivo de cada mês, em presença de todo o pessoal do estabelecimento, aos “alunos que fizeram jus a este benefício.”

Cabia aos professores a escolha dos alunos que deviam receber o “benefício” que funcionava como prêmio ao bom comportamento.

Adentrando no tempo, através dos Termos de visitas dos Inspetores, é curioso observar que os termos se repetem. Alguns inspetores copiam sempre, da mesma maneira, o termo de visita anterior. Quase todos os termos registram o “funcionamento regular do estabelecimento”, o número de alunos matriculados e os freqüentes no dia da visita, a boa disciplina dos alunos, o asseio e as boas condições higiênicas, o zelo e a competência da diretora e do corpo docente.

Veja-se o termo de visita de 27 de outubro de 1924.

Termo de Visita

Visitei, em Ouro Preto, dia 20, 21, 22, 24 e 25 do corrente, o grupo escolar “D. Pedro II”, proficientemente. Dirigida pela inteligente educadora Exma. Sra. D. Anna Guimarães.

A matrícula actual é de 578 alunos, dos quais 277 são do sexo masculino e 294 do feminino, distribuídos pelos quatro anos (?) do curso do modo seguinte: 223 no 1º, 173 no 2º, 139 no 3º e 36 no 4º.

A escripturação do archivo está bem cuidada. Durante o tempo do horário regulamentar, aos dias da visita, assisti às aulas em todas as classes. Assim, pois, verifiquei que o programa de ensino tem sido convenientemente desdobrado pelas professoras que, no geral, são dedicadas e cumpridoras dos deveres de seu cargo.

É irrepreensível a ordem do estabelecimento relativamente à regularidade das aulas à disciplina dos alunos, ao asseio e às condições materiais e hygienicas do prédio.

Cumpro, pois, o dever de deixar consignado, neste termo, haver verificado apreciável aproveitamento na maioria dos alunos, o que prova

zelo e muita competência da diretora e operosidade da parte do corpo docente.

Tiveram frequência nos dias 20, 21, 22, 24 e 25 respectivamente, 413, 423, 447, 422 e 423 alunos.

Ouro Preto, 27 de outubro de 1924.

Luiz Ernesto Cerqueira

Inspector Regional

A análise dos dados revela a baixa frequência dos alunos. Dos 571 (277 + 294) matriculados (e não 578, como está registrado), constata-se que cerca de 27% não freqüentam a escola, ou seja, faltaram respectivamente no dia 20, 158; no dia 21, 148; no dia 22, 124; no dia 24, 149 e no dia 25, 148 alunos.

Não há, porém, registros sobre os alunos que constituem este percentual alto de ausência da escola.

O esquecimento desses alunos não será revelador para entendimento do processo de exclusão dos alunos indisciplinados?

Pode-se verificar que a matrícula dos alunos na 4ª série corresponde a 6,3% do total de alunos da escola.

A ausência de ocorrências de indisciplina na escola não será um indício de que o aluno que não se enquadrava na ordem proposta era eliminado da escola antes da 4ª série?

Os termos de visitas dos Inspetores revelam que o estado organizava e institucionalizava a escola com os princípios básicos de frequência, provas, horários, disciplina, ordem, higiene, etc.

O funcionamento da escola era determinado por instruções¹¹ que a Secretaria de Estado da Educação passava aos inspetores que, por sua vez, as repassavam às escolas, copiando-as nos livros de “termo de visita”.

De 1924 a 1963 os termos de visita do inspetor são repetitivos. Eles se referem sempre às mesmas questões e fatos: frequência dos alunos, limpeza da escola, dedicação dos professores, zelo da diretora, “boa disciplina” dos alunos.

Em 1964 surge o “Livro de Ocorrências da Escola”. Assim, é neste livro que o cotidiano da escola passa a ser registrado. Deste cotidiano fazem parte as viagens da diretora à Secretaria de Estado da Educação em Belo Horizonte, a participação da escola nos eventos da cidade, as saídas de professoras antes do final do horário, a participação do diretor em reuniões da comunidade, o recebimento de material escolar, etc. Todos os fatos do dia-a-dia passam a ser registrados. O controle se torna visível.

Um dado a ser desvelado é o surgimento do livro de Ocorrências na mesma época em que o país teve os seus rumos políticos mudados radicalmente, com o golpe militar de 1964, que destrói o estado de direito e impõe, com a justificativa de segurança nacional, a repressão que se expressa desde censura até prisão, tortura, exílio e assassinato.

Os registros mais freqüentes deste livro referem-se a atos de indisciplina dos alunos. Em 19 de agosto de 1964 aparece a segunda ocorrência de indisciplina, desde 1911:

Dia 19

Por motivo disciplinar mandei um aviso a casa de José Martins e 6ª feira, 21, o pai veio até à Escola onde conversamos os três.

(assinatura da diretora)

¹¹ - Ver cópia de “Instruções” no anexo

Parece que a conversa com o pai do aluno não produziu o efeito desejado uma vez que no dia 6 de outubro de 1964, aparece o seguinte termo:

Dia 6

Por motivo de disciplina foi excluído o aluno José Martins.

(assinatura da diretora)

Esta ocorrência registra a primeira expulsão de um aluno da escola. Como se pode observar não há explicação sobre o ato de indisciplina cometido pelo aluno, o que me leva a perguntar: qual terá sido o ato cometido pelo aluno para que fosse expulso da escola?

Os registros de ocorrências de indisciplina “explodem” a partir desta data, 6 de outubro de 1964. Numa mesma página e no mesmo dia aparecem três , quatro, até oito ocorrências . Estas são redigidas de forma lacônica e breve como esta:

19/10/66

Hoje Marconi por desrespeitar uma aluna ficou suspenso por 8 dias.

(assinatura da diretora)

A suspensão às aulas é freqüente. A partir de 1965, não se registra mais a expressão exclusão ou expulsão de alunos indisciplinados. O aluno recebe, após o registro de três ocorrências, a sua transferência. As palavras exclusão ou expulsão soam como uma sentença: o aluno recebe a expulsão ou exclusão como pena ou castigo.

A palavra transferência soa mais suave: ela significa o ato de fazer passar de um lugar para o outro, deslocar.

O curioso é que a transferência só se efetuava se outra escola “aceitasse” o aluno. Bastava a escola declarar que não havia “vaga” para não receber o aluno transferido. Dessa forma, não havia garantia de continuidade de estudo para o aluno transferido, o que revela que a transferência nada mais representa que expulsão. Há apenas uma troca de palavras. A expressão “aluno transferido” deveria soar de forma mais suave que a expressão “aluno expulso”.

Em 8/9/65, o relato de uma ocorrência permite observar como um fato foi analisado e as decisões foram tomadas. Nesta ocorrência parece que a palavra transferência é usada com o sentido de expulsão, uma vez que é considerada como “pena máxima”. E a “pena máxima” conta com a aprovação do corpo docente.

8/9/65

D. Jaimita Gesteira tem vindo para ensaiar junto com Elisabeth e Verônica a Ginástica.

Enquanto almoçava Elisabeth veio dizer-me que Dirce havia chegado e estava chorando no reservado pois 4 alunos da Escola haviam, entre outros estado no Rosário, na véspera e atirado contra ela. Acertaram 3 pedras nela – uma no ombro e duas nas costas. Fiquei chocado e após ter chegado na sala pedi me contasse tudo. Acusou a Messias, Adão, Airton e Nelson. Chamei-os ao gabinete, juntos e falei-lhes do que tinha tomado conhecimento repreendendo-os. Disseram-me Messias negou ter jogado pedra e sim um pedacinho de madeira e que não havia acertado. Airton disse não ter jogado nada assim como Nelson. Adão confessou ter jogado uma e que achava ter sido atiradas as outras duas por um irmão menor de Antônio Luis. Chamei-o e disse-me não ter jogado e não sabia se o irmão jogara. Apertei mais os demais e disseram-me que o Mauro Correa havia jogado. Chamei-o e confessou ter jogado uma. Após vários minutos em que diziam ter jogado somente 2 pedi que saíssem pela porta e aguardassem. Dirce anteriormente, quando julgava ter sido os 4 primeiros queria que eu os expulsasse senão iria à secretaria e à delegacia de polícia pois não damos atenção e valor às professoras. Fui categórica e lhe disse que eu tinha leis a obedecer e que tinha superiores

a serem ouvidos e respeitados. Quando ficou claro quem eram achou que os iria prejudicar.

Convoquei e reuni todos os professores presentes expus o desagradável acontecimento solidarizando-me com a ofensa feita à pessoa da professora e li a portaria republicada em 24/08/65, quanto à disciplina, obrigações e repreensões. Acho até benevolente as penas previstas.

O corpo docente presente achou que deveríamos aplicar a pena máxima, isto é transferência, apesar de duas professoras dizerem não ter tido ainda nenhum dos alunos advertência escrita aos pais. Perante as professoras perguntei aos alunos que mandei-os entrar pedindo falassem quem havia atirado as pedras. As Sras professoras desconhecaram a atitude dos alunos pois não haviam tido e nem feito reclamações deles. Agradei a presença das Sras mestras e pedi aos alunos aguardassem fora da sala. Pedi ao departamento de transporte uma condução e como quando chegou estava com a Sra Diretora das Escolas R. José Leandro em visita à escola, D. Ana Carvalho O. foi acompanhando os alunos à casa explicando o motivo dando a conhecer a pena pedindo o aluno aguardasse em casa o envio 2ª feira da transferência do mesmo.

Assinatura do diretor

Em várias situações a polícia é solicitada “para ajudar a resolver problemas disciplinares” como nesta ocorrência:

3/3/66

No dia seguinte de distribuir os talões de passagem, fiquei sabendo hoje terem tirado o de Roberto de Jesus. Hoje desapareceu outro. Ana pediu aos alunos, de sala em sala, para procurarem. Passado tempo ameaçou chamar a polícia. Mandou chamar. Explicamos a ele que queríamos apertá-los e que seriam ameaçados a busca e que esta não se realizaria. Foram avisar que iriam fazer a busca. Deram um pouco de tempo. Daí a pouco Maria Lúcia chamou que havia, na sala, uma aluna sentindo-se mal. Ana chegando carregou-a e ficou, por cima, das taboas da construção na varanda. O pulso estava bom, ela não voltava a si. Busquei água, joguei no rosto. Como demorava a voltar mandamos pedir álcool na vizinhança e Ana jogou no rosto um punhado. Da 2ª vez ela piscou. Voltou a si e ficou mole. Enquanto isto duas colegas

chegaram perto de Ana Maria e disseram ter ela desmaiado por ter tirado o talão e que haviam visto onde colocaram e indo com elas a professora encontrou. Devolvemos êste ao dono. Pedimos a 2 colegas de Maria Luzia dos Reis que acompanhassem a colega até à casa por ter se sentido mal.

Assinatura do diretor

Algumas ocorrências registram o apoio e a aceitação por parte da família das medidas disciplinares, inclusive a transferência dada ao aluno.

No início do ano de 1967 as ocorrências, não só de alunos, se multiplicam.

Em 4/4/67 a diretora faz o seguinte relato:

... o ambiente está carregadíssimo e difícilimo de entrosar. Parece caixa de pólvora. Temo não agüentar firme no leme pois as rajadas são terríveis e após uma discussão (as professoras) guardam rancor sem procurarem se sentirem estremecidas por qualquer brincadeira.

(assinatura da diretora)

A partir desta data as ocorrências não são registradas e aparece em 28/09/67 o seguinte relato:

28/9/67

Após um grande período de intervalo iniciamos hoje novamente as anotações. Temos tido muito assiduamente o problema de faltas principalmente no 2º horário, o de oficinas. Já usei de suspensão, de aviso aos pais; prendi-os durante um mês após as aulas para melhorarem as notas quando perderam média e agora tenho mandado copiar a matéria da próxima prova para gravarem. Continuo tendo os mesmos problemas. Os professores parecem sentirem, salvo excessões, obrigação

de darem aula e não aquela necessidade de transmitirem aos alunos a ciência. Sinto cansada e não compensada do esforço despendido.

Assinatura do diretor: ...Castro

Nesta ocorrência aparecem os castigos aplicados na escola e a inutilidade dos mesmos: “continuo tendo os mesmos problemas”.

A análise dos livros de ocorrências leva à percepção de que entre os anos de 1964 e 1968 o número de ocorrências aumentou consideravelmente.

Nos anos de 1969 e 1970 são registradas poucas ocorrências.

O “silêncio” parece que se casa com o contexto social do período¹².

Entre os anos de 1972 - 1977 não houve registro de nenhuma ocorrência.

Não há nenhuma explicação sobre a falta de registros nestes anos e causou-me surpresa quando encontrei a primeira ocorrência, do ano de 1976, que começa da seguinte forma:

“Há quatro anos estou muda. Pela circular 05/76 sou obrigada a reiniciar...”

Não consegui cópia dessa circular, uma vez que as mesmas eram distribuídas através de ofícios datilografados e não eram publicadas no Jornal Oficial da Secretaria de Estado da Educação.

¹² - O governo militar, no poder desde 1964, através do AI-5 de dezembro de 1968 e do Decreto-Lei 477 de fevereiro de 1969, impõe à sociedade uma rigorosa repressão de pensamentos e ações. O Decreto-Lei nº 477 permitia que se reprimisse com rigor qualquer crítica no interior das escolas e universidades.

Esse fato me faz levantar questões sobre as orientações do poder público e as exigências que as diretoras deveriam cumprir, principalmente, com relação à disciplina e o disciplinamento dos alunos, dos professores e dos funcionários da escola.

Foram registrados no ano de 1976 somente a participação da escola em dois eventos da comunidade e nenhuma ocorrência de indisciplina.

Em 1977, também não há registro de ocorrências.

É possível que a falta de ocorrências possa ser explicada pelos mecanismos criados pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais para a implantação da “Reforma de Ensino” preconizada pela Lei 5692/71 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesta época eu era “Inspetora Seccional de Ensino” e, como tal, responsável pela fiscalização das escolas. De acordo com o número de alunos matriculados e os níveis de ensino atendidos, a escola recebia uma classificação a que se denominou “Tipologia”. A tipologia da escola tinha por finalidade definir o nível de remuneração do diretor e o número do pessoal técnico e administrativo da escola. Mormente, estes cargos eram preenchidos com funcionários escolhidos pelo diretor.

Era comum o aparecimento de “alunos fantasmas” na matrícula. Por esse motivo, os inspetores eram orientados para, em suas visitas às escolas, irem às salas de aula para “contar” o número de alunos.

Não havia, portanto, para os diretores, interesse na exclusão de alunos.

O ano de 1978 inicia com o primeiro registro feito pela diretora, assim:

“Até a presente data temos tido problemas com algumas professoras, pois não aprovamos certos métodos de ensino e certas atitudes. Temos muito alunos problemas e ainda não conseguimos chegar à hora certa, uniformizados, limpos, etc.”

É forte neste registro a divergência entre diretora e professoras.

A partir deste ano, os “problemas disciplinares” dos alunos se misturam aos dos funcionários e professores da escola. Há registro de muitos “termos de repreensão” a funcionários e professores com a seguinte observação:

“o funcionário nega-se a assinar”.

O termo de repreensão é assinado pelo diretor, pelo vice-diretor e por duas testemunhas. Por sua vez as ocorrências dos alunos têm também uma redação diferente das anteriores. Elas são redigidas pelo professor ou funcionário da escola, na 1ª pessoa, e são assinadas pelos alunos. Estas ocorrências registram a confissão de culpa do aluno que a assume junto com o seu castigo. Como neste termo:

Hoje fui chamado à diretoria por não entrar na Escola pelo portão, saio sem licença pulando o muro. Não posso fazer mais isto, não posso brincar em sala e me comprometo a proceder direito. Se assim não fizer ser-me-a dado a transferência. André Luciano Onia

6-11-85

As ameaças de transferência aparecem freqüentemente na forma de “convite” como neste termo:

Os alunos abaixo assinados por brigarem e falarem nome feio dentro da sala de aula, desrespeitando a professora ficam suspensos hoje, amanhã e depois. Se reincidirem serão convidados a transferirem.

8-10-85

“Serão convidados a transferirem”, ou seja, a escola não dará a transferência, o aluno é que deve pedi-la. Um forma mais “suave” de expulsão. Exclusão branda e dissimulada.

As cópias dos “bilhetes” que são enviados à família aparecem registrados no livro de Ocorrências como este:

“9-10-85

Dona Ceci

Hoje seu filho não quis atender ao professor que lhe advertia em vir fazer forma. Mande-lhe ir a sala buscar os objetos e ele desiducadamente ainda falou: que pena é hoje só.

Fica por tudo isto e pela pintação na sala (classe) suspenso, hoje, amanhã e depois.

Aconselha-o com calma, pois como ele vem fazendo não está dando para continuar. Atenciosamente.

A diretora”

“Como ele vem fazendo não está dando para continuar”. Uma outra forma “suave” de dizer que o aluno poderá ser excluído da escola, “pela transferência”.

O caminhar no tempo passado permite ir e voltar e isto faz com que se possa descobrir em suas dobras fatos que ora lançam alguma luz, ora alguma interrogação sobre a história da escola. Há, por exemplo, registrado no livro de visitas do Inspetor, em 11-05-1982 o seguinte:

“Verificamos a freqüência constatando estarem as salas superlotadas.”

Este dado, “salas superlotadas”, pode ser, também, outro motivo para o aumento dos registros de indisciplina dos alunos, uma vez que o maior número de alunos na sala pode significar mais interferências durante a aula.

Para receber a demanda de alunos no ensino de 1º grau, atendendo aos dispositivos da Lei 5692/71¹³, as escolas mineiras foram bastante sucateadas. Como Inspectora testemunhei que todos os espaços viraram salas de aula: bibliotecas, laboratórios, porões, cantinas e, ainda, novas salas foram construídas em espaços de recreação. Assim atendeu-se maior número de alunos, superlotando não só as salas de aula mas, também, as escolas.

A partir deste ano, 1982, até o ano de 1995, o aumento do número de ocorrências foi significativo. Em 1996 poucas ocorrências são registradas. Registra-se, neste ano, como ocorrência importante na escola, a eleição de diretora.

Pode-se observar, nas ocorrências, que a indisciplina dos alunos acontece quase sempre durante as aulas de determinados professores. Os nomes de alguns deles são repetidos com frequência. Quando estas trazem o motivo da repreensão observamos que as faltas cometidas pelos alunos são descritas como: desrespeito aos professores ou colegas, falam palavrões, respondem ao professor, fogem das aulas, fogem da escola pulando o portão, o muro ou a janela, etc..

O aluno após a terceira “advertência escrita” recebe a transferência da escola. As três advertências escritas são comunicadas aos pais com o pedido para que compareçam à escola. Em 06-10-87 há o seguinte registro:

“Senhores pais de Josemar Rolim da Silva

¹³ - Pela lei 5692/71 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o “Ensino Primário, gratuito e obrigatório, se estendeu de quatro anos para oito anos, recebendo o nome de Ensino de 1º grau (hoje, Ensino Fundamental).

Bom dia

De há bastante tempo vimos sentindo a ausência presente de Josemar na sala de aula. Desde o início de julho quando iniciamos as aulas após a greve dos professores ele está muito desinteressado.

Ultimamente ele não faz deveres, não faz provas pois só as assina. Não gosta de ficar na sala. Está na escola e não faz Educação Física. Em vista disto pedimos a presença dos senhores 5ª feira, dia 8, depois de amanhã às 16:30 h, na escola quando estarão presentes: a Srª Inspetora, a Supervisora, os professores, os Senhores, eu e o aluno. Não predispostos queremos um levantamento sério e consciencioso e a explicação das atitudes.

Se por motivo forte não puderem estar aqui peço-lhes que me comuniquem até amanhã, às 9 h.

Atenciosamente

Mdelfina de O Castro"

6-10-87

É curioso observar que, ordinariamente, é usada nos registros a linguagem coloquial sem preocupação com a escrita formal. Os erros de concordância, de estrutura de frase e mesmo de ortografia são freqüentes na redação dos termos de ocorrências.

Em uma correspondência enviada à mãe de uma aluna pode-se verificar que havia um clima bastante hostil entre a professora e a diretora.

A correspondência está grampeada no livro de ocorrências e é a seguinte:

"Srª Beatriz

Peço desculpas por lhe escrever a lápis mas o que eu gostaria de dizer é que Juliana não fez nada de mais, mas como é a diretora que dá a última palavra, ela teve que se retirar da escola. Fique sossegada.

Um abraço.

Professora Ana Lúcia."

Este bilhete foi enviado pela professora no dia 17/10 para a tia da aluna, porque a diretora não admitiu “dois pesos e duas medidas” no tratamento com os dois alunos implicados em briga na sala.

A diretora fez no próprio bilhete a seguinte ocorrência, que foi também assinada pela tia Beatriz:

“ A professora só mandou o aluno Joselito embora, deixando a aluna Juliana, porque aquele ela não considera seu aluno e a outra é boa aluna.

Se os dois brigaram, ambos teriam a mesma penalidade.

Rosa de Lima Barbosa Leite (diretora)

Beatriz Maria Ferreira (tia da aluna)”

Pode-se observar, portanto, que o bilhete da professora chegou às mãos da diretora.

Há várias cópias da seguinte correspondência onde se muda somente o nome do aluno e a assinatura da mãe.

“Senhores pais de Sérgio Alexandre Alves

Seu filho hoje ficou de castigo na Escola por brincadeira em classe e por não a atender nas repreensões. Conversei com eles e se continuarem assim infelizmente não os poderei tê-los mais aqui.

Espero que conversem muito com eles para não mais acontecer.

Espero muito a ajuda de casa.

Atenciosamente

MD O. Castro (diretora)

Assinatura: Maria da Conceição Alves (mãe)''.

Na correspondência enviada pela escola à família pode-se observar que aquela espera que esta se responsabilize pela disciplina do aluno na escola.

Por outro lado, há respostas da família que transferem o problema para a instância do poder constituído, no caso, representado pelo juiz.

Nesta ocorrência pode-se perceber isto:

“A mãe do Cláudio Augusto Ramalho esteve aqui e pediu que qualquer atitude indesejável do seu filho é só telefonar para o Juiz .

A mãe trabalha na casa de Erlite.”

A partir da década de 90 (1990) aparecem vários registros de solicitação de ajuda e de visita do juiz de menor à escola.

Isto permite pensar que aos oficiais de justiça são atribuídos direitos de paternidade. Assim, para a escola, os poderes do estado podem substituir os poderes dos pais¹⁴.

¹⁴ - Sobre este assunto ver Lasch, op. cit. e Ribeiro, op. cit.

Escola Estadual Dr. Augusto Gonçalves

Volto a Itaúna e à Escola mais antiga de minha cidade:

Escola Estadual Dr. Augusto Gonçalves, hoje Escola Municipal Dr. Augusto Gonçalves.

A Escola Municipal Augusto Gonçalves é a mais antiga da cidade e teve como primeiro registro de funcionamento uma ata de exame de alunos em 1º dezembro de 1892. Possui, até o ano de 1960, um arquivo que permite um levantamento de sua história, muito interessante. Esta escola é considerada a mais tradicional da cidade e nela fizeram o seu curso primário (1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental) as pessoas mais importantes do município.

O documento mais antigo da escola é uma ata de 1º de dezembro de 1892, na qual há o registro do primeiro exame das “alunas apresentadas como mais adiantadas pela professora, as quais foram individualmente argüidas”, por uma comissão que tinha como presidente o “Delegado Literário”, Sr. Francisco Manoel Franco. Os termos de visitas dos Inspetores Escolares eram sempre elogiosos, destacando a dedicação e o zelo com que diretora e professoras, exerciam a nobre missão do magistério. Os livros de ocorrências não foram encontrados.

A diretora do estabelecimento explicou que o desaparecimento destes livros ocorreu à época da reforma da escola, em 1996. A escola logo após a reforma foi municipalizada e teve o seu corpo administrativo e docente substituído por funcionários e professores da rede pública municipal.

Portanto, até a década de 90 (1990) não existe o registro de ocorrência de indisciplina na escola.

Os termos de visitas dos inspetores escolares falam da ordem e da boa disciplina dos alunos, da limpeza e higiene da escola, do ambiente harmonioso da escola.

As atas de reuniões e dos termos de visitas dos inspetores escolares registram o valor atribuído à disciplina escolar. Em todas as atas das reuniões pedagógicas/administrativas, tanto as mais antigas, quanto as mais recentes, pode-se ler trechos que falam sobre a disciplina e os castigos. As reuniões são sempre dirigidas pela diretora e as atas lavradas pela vice-diretora.

Reunião do dia 08-05-1981

Castigos – Não devem dar castigos de fazer cópias. A criança faz mecanicamente e não surte efeito nenhum.”

Reunião do dia 20-08-1981

Saída: dado o primeiro sinal, preparar a classe. Ao 2º sinal sair. As crianças estão saindo correndo. As professoras devem acompanhá-los até a escada. Tem professoras deixando alunos sozinhos copiando dever. Não podemos fazer isto. Não é ordem minha nem de ninguém. É do regulamento. Façam a aula metodicamente, de acordo com o horário. É falta de disciplina da professora ouvir o sinal e não obedecê-lo.

O professor é o responsável pela disciplina. Portanto, ao “dar castigo” a professora tem que ficar com o aluno. “Não é ordem minha e nem de ninguém. É do regulamento.” Assim, as regras se tornam impessoais.

Na ata da reunião do dia 11-11-1982 está registrado:

“Item 2 – Disciplina – não está boa. Precisamos meditar com nossos alunos. Os mais problemáticos precisam de nossa compreensão. Não quero dizer que com isso podemos deixá-los à vontade. Precisamos sempre, sempre educá-los para um bom procedimento na entrada, saída, recreio e saídas para tomar o leite. Vamos aproveitar esses últimos dias do 2º semestre para educá-los cada vez mais.

Recreio não é para correr. É descanso. Ensina-los a usar as instalações e o hábito de lavar as mãos sem molhar o chão. Um monitor nas salas ajuda muito. Hoje aproveitamos dois alunos na hora do recreio e deu certo. O cidadão para vencer na vida precisa ser disciplinado.”

“Disciplina – é um assunto que estamos sempre batendo. Vamos preparar as classes antes das saídas das salas. Façam isto todos os dias, ao menos cinco minutos.

“O cidadão para vencer na vida precisa ser disciplinado”.

O aluno deve aprender obedecendo regras...

E o professor deve, também, cumprir as regras: vigiar a entrada, a saída, o recreio, o uso das instalações sanitárias...

“Disciplina – é um assunto que estamos sempre batendo”, ou seja, não pode ser esquecida.

Na década de 90 (1990)¹⁵ aparecem os livros de “Atas de Reuniões de Pais”. Cada professora realiza a reunião com os pais de seus alunos. A diretora dirige a reunião junto com a professora. Percebe-se nas atas das reuniões que, em todas, cumpre-se uma pauta, da qual faz parte os seguintes avisos e orientações: 1 - Entrada e saída; 2 – Assiduidade; 3 – Uniforme; 4 – Disciplina; 5 – Asseio; 6 – Leitura; 7 – Dever de casa; 8 – Provas; 9 – Colaboração constante dos pais; 10 – Assuntos gerais (aniversariantes, palavra franca, agradecer a presença).

O apelo aos pais, para que ajudem a escola na questão disciplinar está registrado em todas as atas de reuniões de pais.

Assim, em 26-02-1999 está registrado:

Disciplina: pedir aos pais que conversem sempre com as crianças, valorizando a disciplina. São sérios os prejuízos na aprendizagem, quando não se tem uma disciplina satisfatória.

¹⁵ - Relembrar que a Lei 8.069 é de 13-07-1990. Ver pág. 6.

Na ata da reunião de 05-04-2000 aparece o seguinte:

“Disciplina – Pedir ajuda aos pais quanto a disciplina. Está sendo um desafio maior que transmitir conhecimentos. Acarreta prejuízos sérios na aprendizagem. Castigos às vezes são necessários.”

Os pais passam a ser freqüentemente chamados à escola e os termos de ocorrências são assinados por eles e, algumas vezes, pelo aluno também.

É interessante o aparecimento da sugestão para que se leve a criança ao psicólogo, como nos exemplos abaixo:

Aos 20 dias do mês de agosto compareceu à Escola Municipal “Augusto Gonçalves” a Sra. Aparecida Siqueira, mãe do aluno da 4ª série Lucas Siqueira Rezende, respondendo ao chamado da direção da escola para tratarem de assunto referente ao seu filho, o qual não faz as atividades propostas pela professora e nem os deveres de casa. A criança é hiperativa, não fica quieta na sala de aula e não se relaciona bem com seus colegas. É uma criança que não se deixa intimidar por nenhuma espécie de castigo e não mostra interesse de participar de nenhuma atividade. Simplesmente quer ficar passeando fora e dentro da sala de aula perturba não apenas seus colegas como os outros das outras salas também, batendo nas portas e gritando nas janelas. Mais uma vez colocamos a mãe ciente das dificuldades de seu filho e ela se propôs a levá-lo em uma psicóloga, pois problemas clínicos não foram registrados nos exames que levou a criança para fazer. A criança está freqüentando a sala de recursos na E. M. Maria Augusta de Faria, a mãe declarou. Ciente de suas responsabilidades de mãe, a mesma assina esta ata que será assinada pela diretora e pela pedagoga da escola, também.

Maria Aparecida Siqueira

Maria Clarice da Silva Freire

Elaine Aparecida Ramos Rodrigues

Aos 26 dias do mês de setembro do ano de 2001, compareceram na Secretaria da Escola Municipal “Augusto Gonçalves”, a professora Luciane Vinhas Veloso da 4ª série, a pedagoga Valéria Rangel, o responsável pela aluna Daiane Aparecida de Andrade da 4ª série da referida professora, o senhor Vicente Camilo Andrade, seu pai, para juntos resolvermos os conflitos que vêm ocorrendo na sala de aula envolvendo a referida aluna. A professora citou os fatos em que a aluna várias vezes respondeu a professora e agrediu colegas na sala de aula verbalmente e fisicamente precisando da interferência de colegas para segurá-la. Também a aluna várias vezes se recusou a cumprir as tarefas. A professora disse que tem a maior paciência com ela e também os colegas, mas a aluna não está retribuindo, está sempre revoltada. Ela relatou também que a aluna chora à toa e não aceita errar. Nós resolvemos que a aluna teria um castigo na escola que seria resolvido pela professora e o pai concordou e sugerimos que a criança seja levada num psicólogo para que possa ser feita uma avaliação de seu comportamento. Chamamos os colegas de Daiane para também assinarem a referida ata e servirem de testemunha dos conflitos ocorridos. Colocamos o Sr. Vicente Camilo ciente de que sua filha não poderia mais se alterar com a professora e seus colegas, pois isto geraria uma transferência de escola. Nada mais havendo a ser tratado, lavro a ata que será assinada por mim, e os demais envolvidos.

Assinatura do diretor e de “todos os envolvidos”.

A disciplina na Escola é ainda muito rígida. Pude observar durante a pesquisa que os alunos antes de entrarem para as salas são colocados em filas, por ordem de tamanho, com as mãozinhas para trás e cabecinhas baixas. Na sala, assentam-se em carteiras enfileiradas e em lugares definidos por um “mapa de sala”. Existe um rigoroso controle de horário e das atividades. A diretora declara que a disciplina é o elemento principal para o bom funcionamento da escola.

Escola Estadual José Gonçalves de Melo

Também, nesta escola, os livros de ocorrências “sumiram”. A existência dos mesmos está registrada em um termo de visita da inspetora Maria Augusta S. Rocha, em 22 de setembro de 1988, quando ela registra “um problema entre dois alunos da 3ª série e que “a diretora registrou em livro próprio a ocorrência”.

A história da Escola é bastante curiosa. Ela foi instalada ao pé da zona boêmia que ocupava uma rua que ia desembocar no alto do morro de Rosário, onde no passado os escravos tinham a sua igrejinha, que existe até hoje. Enquanto o Grupo Escolar Dr. Augusto Gonçalves recebia os alunos de “classe alta”, o Grupo José Gonçalves de Melo, que recebeu o apelido de Grupo de Cima, recebia os alunos das classes mais pobres e principalmente aqueles que moravam nos arredores do morro do Rosário. O seu prédio foi construído no terreno onde existia o cemitério da cidade, que foi transferido para um local mais distante do centro. Há, ainda, entre ex-alunos, a lembrança de ossos encontrados no terreno em volta da escola e o medo das assombrações que povoavam o imaginário das crianças.

Esta escola emerge, no início da década de quarenta (1940), com uma missão: a missão de evangelizar as crianças que não pertenciam à “boa sociedade”.

Assim, cabia à escola iniciar as crianças na aprendizagem da fé e dos bons costumes. Os livros de atas de reuniões e os termos de visita de inspetor permitem perceber o quanto a disciplina e a religião católica¹⁶ são importantes para a vida escolar.

Todas as atas de reuniões registram a presença de um sacerdote, denominado “orientador espiritual da escola”. Da sua instalação até a década de 70 (1970), há uma participação intensa dos alunos da Escola em todos os eventos religiosos. A diretora da escola, nas décadas de 50 e 60 (1950/1960), é responsável pela “missa das crianças” aos domingos e pela orientação da catequese no município.

Para a diretora a missão dos mestres ia além da responsabilidade de transmitir conhecimentos. Para ela, as professoras eram também responsáveis pela formação dos espíritos, pela inculcação de virtudes. Era dever do mestre zelar pela “salvação da alma das crianças, pelas quais era responsável perante Deus”.

O poder se torna visível nos múltiplos matizes da devoção religiosa; na submissão ativa

¹⁶ - Não há registro de participação de pessoas que professam outros credos.

nos atos de manifestação de fé. Deus assume as características de um soberano de quem tudo se espera e a quem se deve total obediência. Assim, para a diretora, tudo o que lhes sucede é expressão da vontade divina, inclusive, quando acontece algo ruim com alguém, toma-se como sinal do castigo divino. Cada professor deve zelar para que os alunos cumpram os seus deveres dentro e fora da escola, “agradando” a Deus.

Tudo isto incita a procura por essa professora, pelos caminhos que ela percorreu até chegar à sua formação.

Fotografias da época mostram as professoras, sempre bem trajadas, penteadas, imponentes, com os seus alunos nos ofícios religiosos.

A mesma postura com que se freqüentava as festas do Automóvel Clube de Itaúna.

Uma mesma imagem...

Contida...

Virtuosa...

Distinta...

Em 19 de maio de 1951, está registrado na ata de Reunião Administrativa e Pedagógica¹⁷:

“a pedido do Revmº Padre José Ferreira Neto, D. Ilca fez um apelo às professoras, no sentido de auxiliarmos as catequistas na disciplina das crianças, aos domingos, na assistência da Santa Missa. Somos educadoras, portanto, cumpramos a nossa nobre missão com carinho e amor, tanto no grupo, como em qualquer lugar em que estivermos. “Não somos educadoras somente no Grupo”.”

¹⁷ - É importante registrar que, tanto na Escola Dr. Augusto Gonçalves quanto na Escola José Gonçalves de Melo, as reuniões eram sempre dirigidas pela diretora da escola, e as atas eram redigidas pela sua vice-diretora. Em Minas Gerais o cargo de vice-diretora era ocupado por uma pessoa escolhida pelo diretor e considerada de sua estrita confiança. Até a década de oitenta (1980), o cargo de diretor era ocupado por indicação política.

A professora é considerada a “zeladora, a guardiã da moral”, não só na escola, mas, também, “na assistência da Santa Missa”, aos domingos. A “nobre missão de educadoras” deve ser “cumprida com carinho e amor”, em todos os lugares. A disciplina é imprescindível para o funcionamento da escola e o castigo é uma forma de contenção da indisciplina _ “voltar a classe, se necessário for. Exigindo-se é que se consegue disciplina”.

Assim está no seguinte registro da Reunião, dirigida por D. Josefina, diretora da escola, no dia 22 de março de 1969:

“Ao iniciar a sessão, após uma pequenina oração, D. Josefina falou a respeito da disciplina, que ainda não está funcionando no 1º turno. Com boa vontade de todas, disse ela, poderemos alcançar uma disciplina satisfatória.

Quanto ao horário, de acordo com o colégio, as professoras, devem estar no estabelecimento 15 minutos antes do início das aulas. Tenho observado, disse ela, que algumas professoras nunca chegam no horário exigido. Isto causa indisciplina, pois os alunos, sòzinhos ficam fazendo desordens na fileira. Mais uma vez, peço a todas que deixem registrado no ponto o horário de chegada no estabelecimento.

Quanto a indisciplina na sala de aula, creio que é culpa da professora, pois uma aula bem preparada, bem dosada e bem motivada, só tem que atrair a atenção dos alunos e gerar boa disciplina. Se há indisciplina é porque a professora não prepara bem as suas aulas.

Quanto ao recreio, cada professora terá que permanecer no seu posto de vigilância, são 2 em cada posto. Enquanto uma vai a cantina tomar café a outra deverá permanecer firme e atenta ali no meio das crianças. Na cantina, não devem permanecer por muito tempo, para dar a todas oportunidade de tomar o café.

Quanto ao pátio, chamar a atenção das crianças para não jogarem papéis no pátio. Ensinar a criança, esse bom hábito de conservar limpo todo o estabelecimento.

A respeito da saída, após a aula, não deixar que os alunos saem em desordem, voltar a classe, se necessário fôr. Exigindo-se é que se consegue disciplina”.

Em vários registros pode-se perceber que a professora é considerada como a responsável pela disciplina dos alunos. A indisciplina acontece quando a professora não prepara bem as suas aulas e não é capaz de “motivar” os seus alunos, portanto a culpa é dela. Até no recreio ela tem que permanecer “firme e atenta” no seu “posto de vigilância”.

A culpabilização da professora pelas transgressões do comportamento aceitável é o mecanismo utilizado para melhor vigiar a conduta da professora na sala de aula. Ao mesmo tempo cabe a ela a vigilância do recreio. Vigilância e enquadramento: são os meios empregados para tornar os alunos e, também os professores mais dóceis.

Em 09 de março de 1968, está registrado numa ata da reunião administrativa e pedagógica da escola; dirigida pela diretora cuja ata é lavrada pela vice-diretora:

“Disciplina – um assunto que não pode ser abandonado. A entrada das aulas, às 7,15 e às 12,15 o portão estará fechado, não sendo permitida a entrada de alunos depois deste horário. No noturno poderá haver uma tolerância maior, considerando-se vários fatores a que estão sujeitos os alunos deste curso. Entretanto, todas as professoras deverão estar no estabelecimento alguns minutos antes do sinal e aguardar seus alunos à porta das salas.

Exigir uniforme dos alunos. Aqueles que comparecerem sem uniforme serão mandados para casa, levando um bilhete para os pais pedindo providência a respeito. Será dado o sinal 5 minutos antes do horário de saída – às 11,15 e 16,15 para as professoras organizarem a saída das classes, acompanhando-as até o portão. A turma que sair em desordem será voltada. Quanto ao recreio será dado apenas um sinal para termina-lo, e os alunos irão logo para os seus lugares, em silêncio. Se houver perda de tempo esperando ordem, este tempo será descontado então no fim da aula. As meninas permanecerão no pátio interno e os meninos na área de fora. Todas as professoras ficam encarregadas da disciplina no horário de recreio. Dentro da sala de aula, a disciplina é única e exclusivamente de responsabilidade da professora e nenhuma deverá deixar aluno sozinho, de castigo, depois da aula; quando o aluno ficar em horário excedente a professora deve ficar com ele. Em casos de maior indisciplina os pais deverão ser avisados.”

Assinatura da diretora

Separar as meninas dos meninos faz parte das regras disciplinares e permite um maior controle do recreio que deveria ser “vigiado” por todas as professoras. Os castigos são recomendados e, também, estarão sujeitos à “vigilância” do professor. Assim, ao impor os castigos aos alunos, os professores, também, estão sujeitos a eles “no posto de vigilância”.

Em uma ata de 5 de maio de 1962 pode-se observar nas recomendações da diretora, na reunião de professoras, o quanto a formação católica é considerada essencial e está presente na educação, neste estabelecimento.

“A ausência dos adultos a muitos atos religiosos, o fracasso da vida espiritual de muitos, se deve muitas vezes, a uma preparação deficiente e corriqueira para a primeira comunhão. Este preparo deve ser feito o ano inteiro, dando uma formação mais sólida, um conhecimento firme da doutrina, o reconhecimento de assistir à Santa Missa e os sentimento da presença de Deus. Nesta época de tantas idéias errôneas, principalmente em se tratando do comunismo, cabe às professoras estarem preparadas para responder com conhecimento e orientar com segurança aos seus alunos sobre o regime comunista. É do conhecimento nosso a situação da Alemanha de hoje, em Berlim Oriental e Ocidental e as conseqüências dessa divisa no povo alemão. Todos nós sabemos o que vem acontecendo em Cuba sob o poder de Fidel Castro. Vimos sempre através da imprensa, os castigos, os crimes, as fugas, as perseguições registradas nestes lugares. Nossa responsabilidade é grande diante das crianças. Neste mês de N. Senhora, vamos oferecer as orações de todas as classes, ante o altar que erigimos em nossa escola, pedindo a Mãe de Deus, um governo bom e santo para o Brasil, sob a bandeira grandiosa da paz. Que todas as classes rezem um mistério do terço e no fim do mês a Imagem da Virgem percorra todas as salas, ficando a idéia de no último dia, fazer a coroação lá na Gruta. Não esqueçam de incentivar os meninos a Santa Eucaristia designando pelo menos, 3 de cada classe para comungar diariamente. Estamos também no mês consagrado a Obra das Vocações Sacerdotais e embora, tenhamos perdido este ano passado, a bandeira para um grupo de Pará de Minas, nosso trabalho não deve esmorecer e sobretudo a parte de orações que devemos fazer por esta intenção.”

Relembro que a diretora da escola é a responsável, também, pelo catecismo e pela missa das crianças do município. A cerimônia da primeira comunhão era realizada com grande cuidado e aparato¹⁸ e seguia um ritual cuidadosamente preparado durante o curso de catecismo.

Às tarefas das professoras acrescentava-se o ensinamento religioso e, assim, as crianças eram conduzidas para o interior do espaço cristão por meio de uma catequese que ultrapassava os muros da escola. A coroação na Gruta, a comunhão diária, a bandeira da Obra das Vocações Sacerdotais que era outorgada à cidade que mais jovens encaminhasse ao Seminário, eram formas utilizadas para cristianizar as crianças aproximando-as do sagrado e afastando-as do profano. O sacerdote era visto como um ser dotado pela igreja de poderes excepcionais e, portanto, capaz de afastar da terra as punições divinas, tais como a peste, a fome e a guerra. O comunismo, considerado na década de 60 (1960) como um perigo que rondava a nossa sociedade, produzia um medo apocalíptico. Este medo era utilizado para conduzir mais seguramente o cristão à penitência, à oração e à vocação religiosa. O catecismo fazia recuar o perigo do comunismo e os males que dele poderiam advir. É preciso deixar claro que estou falando de uma cidade do interior de Minas Gerais, onde as tradições da religião católica eram, e ainda são, muito fortes.

Assim, as professoras são exortadas a realizarem um trabalho intensivo de catequese consolidando a Igreja e fechando todas as brechas que acaso pudessem ameaçar o poder eclesiástico.

As reuniões pedagógicas, realizadas aos sábados, a cada 15 dias, eram preparadas cuidadosamente e mais pareciam reuniões festivas _ verdadeiros “saraus matutinos” _ Era durante estas reuniões que as professoras tinham oportunidade de mostrar os dotes artísticos: recitar poesias, cantar, ler um texto de sua autoria ou de outrem. E sempre, sempre, a presença do sacerdote. É o poder eclesiástico que se apóia no poder civil para melhor vigiar a conduta religiosa e moral da população.

¹⁸ - Sobre a 1ª comunhão é interessante ler Ariès. Op. Cit.

É assim que as crianças da E. E. José Gonçalves de Melo, que pertencem às camadas populares, tornam-se o alvo para a aprendizagem da fé e dos bons costumes. A escola assegura, portanto, a ordem necessária para o desenvolvimento social.

As imagens seqüestram-me ... no tempo.

As professoras me “parecem” tão iguais nas fotografias das festividades da escola e nas festividades do Automóvel Clube...

Contidas...

Virtuosas...

Distintas...

MINHA MÃE (1920/30) E EU(1960/70): A MESMA IMAGEM?

Buscando na literatura a construção da imagem da criança linda e da professora maravilhosa.

“Desde os meus dez anos, é para mim uma espécie de dogma o fato de que eu consisto de muitas pessoas, das quais de forma alguma estou consciente. Creio que são elas que determinam o que me atrai ou repugna nas pessoas que encontro. Foram elas o pão e o sal de meus primeiros anos. São elas a verdadeira vida secreta de meu intelecto.”

Elias Canetti¹⁹

As narrativas de minha mãe sobre a pequena escola rural onde ela lecionava, antes de eu nascer, nos idos de 1920, 1930, ainda soam nos meus ouvidos e me transportam no tempo. E, devagarinho e saudosamente, me trazem a imagem de minha mãe-professora. Uma mulher enérgica e brava (ou melhor: braba, como era costume dizer). A vara de marmelo, no canto da sala, era símbolo do poder que, às vezes, como dizia ela, “servia para apontar exercícios no quadro negro.” Ela nunca confessou o uso da vara para castigar. Eu ouvia entre assustada e encantada as suas narrativas sobre os alunos “burros”, desobedientes, malcriados que ela conseguia “amansar” e ensinar a ler, a escrever e a contar.

¹⁹ - Canetti, p. 105. 1987.op.cit.

De todas as lembranças as mais fortes são aquelas ligadas a esses alunos.

Aos bons alunos cabia a alegria e satisfação de dar aulas e eram eles, que levavam as varas de marmelo que serviam para ameaçar e impor a autoridade.

Também vivi e assisti a inúmeros castigos nas escolas onde estudei: cópias, suspensão de aula, “reguadas”, puxões de cabelo...

A sala de aula já era um castigo: os bancos enfileirados, onde nos assentávamos de dois em dois e sem despregar os olhos da lousa e “sem tirar o lápis do papel” copiávamos os pontos de História, Geografia e Ciências, as palavras erradas dos ditados, cinco vezes cada uma, os problemas de aritmética...

E havia ainda o castigo “ficar sem o recreio”.

O recreio era o único lugar e momento em que se podia conversar na escola. Era, ainda, o momento de fazer as trocas de merenda: bolo de fubá por pão; goiabada com queijo por manga...

Ficar sem o recreio era uma tortura e, por qualquer coisa, lá ficávamos, dentro da sala, ouvindo a algazarra dos colegas lá no pátio.

E havia o medo, terrível, de alguém contar para a mãe sobre o castigo. Este determinava um outro em casa. Minha mãe dizia:

“Professora é a segunda mãe. Quando aluno ganha castigo é porque “não estava rezando”. Se ganhar castigo na escola, ganha outro em casa.”

Ao iniciar a minha vida profissional, deparei-me com uma classe de alunos “terríveis”. Sou orientada para ser enérgica e para o uso de castigos para poder controlá-los. Estamos na década de 60 (1960) e a boa professora é aquela que mantém os alunos quietos e em silêncio. E eu procurei

ser uma “ótima” professora. “*Não dê beliscões ou reguadas, puxe o cabelo porque não deixa marcas*”, dizia a diretora.

Naquele contexto, naquele espaço e tempo, sem experiência, consegui atender as expectativas da direção da escola: “dei conta” da classe e promovi os alunos à série seguinte. A este “sucesso” pode-se creditar inúmeros castigos.

A partir dessas lembranças, procuro significados escondidos para os gritos, os puxões de cabelos, as cópias, os castigos mais diversos, imersos na minha própria prática pedagógica.

Não sei precisar o momento em que o título de “ótima professora” passou a me incomodar. Mas, sem dúvida, este foi para mim o “momento do perigo”, o relâmpago em que as narrativas, minhas e de minha mãe, se cruzaram nas reminiscências dos castigos.

1920/ 1930... 1960/ 1970/ 1980... A mesma história ?

Essa pergunta vem carregada de lembranças dolorosas, de momentos de raiva incontida, de sentimento de incompetência, completa, diante de uma criança ou adolescente “indisciplinado” na sala de aula, numa situação que, definitivamente, eu não podia compreender.

Pesquisando sobre a disciplina e os castigos, encontro em Ariès²⁰ uma alusão ao uso da vara de marmelo, no século XII, numa narrativa sobre a educação do Delfim, Luís XIII:

“O Delfim agora já sabe falar direito, e vez por outra tem saídas insolentes que divertem os adultos: O rei mostrando-lhe uma vara de marmelo, perguntou-lhe: - Meu filho, para quem é isso?

²⁰- Ariès (1981, p.84) op. cit.

– Ele respondeu zangado. – Para vós. O rei não pôde deixar de rir”.

A disciplina escolar teve origem na disciplina eclesiástica ou religiosa, ela era menos um instrumento de coerção do que de aperfeiçoamento moral e espiritual, e foi adotada por sua eficácia, porque era a condição necessária do trabalho em comum, mas também por seu valor intrínseco de edificação e ascese.²¹

A influência religiosa está presente em várias narrativas que reportam a séculos passados.

Em 1686, Madame de Maintenon, falava sobre a educação das moças: “...quando se quer formar sua razão, exercitar seu coração, elevar seu espírito, destruir suas más inclinações, em uma palavra, fazer-lhes conhecer e amar a virtude, tem-se sempre que trabalhar e estar presente em suas vidas em todos os momentos e ocasiões.

Uma pessoa de razão, é uma pessoa que faz sempre em cada momento do dia o que ela deve fazer, que começa o dia adorando a Deus de todo o seu coração, não somente porque lhe dizem isto, ou porque os outros o fazem, mas porque pensa em tudo de bom que Deus lhe oferece e em tudo aquilo que ela será durante o dia.

... eu lhes peço que vocês se apliquem à obediência, à prática do bom coração, tenham uma boa atitude e olhem estas virtudes como convém às jovens ou às religiosas.

... a reputação e a honra, para as pessoas de nosso sexo devem ser bem zeladas, pois, após a graça de Deus, é o bem mais precioso que temos neste mundo²².”

A *Civillité Nouvelle* de 1671²³, aconselha o modo de corrigir as crianças: “A criança deverá repetir em casa o que tiver aprendido na escola ou no colégio, ou então deverá aprender em casa o

²¹ - Ariès (1981, p.191) op. cit.

²² - Mme de Maintenon, Leroy e Loyau, 1998. Tradução livre. Pág. 254/255; 263; 272; 275. Op cit.

²³ - Ariès, 1981, pág. 254 . Op. Cit

que tiver de recitar diretamente diante do mestre”. “À noite, os pais deveriam proceder a um exame de consciência: “Se a criança se tiver portado como um homem”, será lavada e acariciada. Se tiver cometido algumas faltas leves, os adultos a corrigirão, “ralhando, caçoando dela ou infligindo-lhe alguma pena leve e fácil de suportar”. “Se tiver praticado alguma ação do tipo das que se aproximam do crime, como a blasfêmia, o roubo ou a mentira, ou tiver proferido algum insulto ou injúria grosseira contra uma criada ou criado, ou tiver sido desobediente, demonstrando teimosia e arrogância, será surrada com uma vara”. “A seguir, a criança dirá boa-noite a seus pais e mestres, e irá fazer suas necessidades”.

Através dos tempos o homem foi construindo uma memória que governa a sua ação. A moralidade não se constitui em um traço natural, nem é um “legado da graça de Deus”. Ela foi adquirida por um longo processo de adestramento que terminou fazendo com que o homem se tornasse um ser providente e previsível. Para construir a memória civilizatória foi “necessário muita dor”, uma vez que esta construção foi realizada com castigos, torturas, inscrevendo no corpo e na mente as leis que se queria imprimir. O processo de civilização foi e é caro e traz uma responsabilidade enorme para o homem.²⁴

O conceito de civilização – *civilité* – surge no século XVI a partir da obra de autoria de Erasmo de Rotterdam, *De Civilitate Morum Puerilium* (Da civilidade em Crianças). Esta obra veio à luz em 1530 e conta com 130 edições, das quais 13 em datas recentes.

O seu estudo é instigante e através da memória suscitada permite que o passado surja nas permanências do presente, compondo a própria história da civilidade.

Em seu livro, Erasmo trata do comportamento de pessoas em sociedade e do “decoro corporal externo”. Ele foi dedicado a um menino nobre e escrito para a educação de crianças. Através de uma linguagem clara e polida, Erasmo mostra um mundo e um estilo de vida que, em muitos aspectos, assemelha-se ao mundo atual.

²⁴ - Ver Elias, Norbert. O Processo Civilizador. Op. Cit.

Erasmo fala sobre o olhar, a postura, os gestos, as expressões faciais, o vestuário, a maneira de sentar e de cumprimentar, como comportar à mesa, como comer, etc.

Em seu tratado, Erasmo delimita todos os comportamentos, as principais situações da vida social e da convivência humana.

Antes de Erasmo as questões relativas à conduta humana já preocupavam os homens.

A idade média deixou-nos grande volume de informações sobre o que era considerado comportamento socialmente aceitável. Contudo, as regras sociais na Idade Média eram transmitidas de boca em boca, oralmente.

Ariès, no prefácio de *A Civilidade Pueril*²⁵, alude aos manuscritos latinos, franceses, ingleses e italianos do séc. XV, que, ainda antes do uso da imprensa, descreviam em versos fáceis de fixar na memória a forma de bem se conduzir na sociedade, numa época em que se vivia sempre em conjunto, no seio de uma comunidade restrita, de limites bem precisos. Nesta época usava-se a palavra cortesia que abrangia simultaneamente regras de boas maneiras e uma moral comum: não mentir, não se endividar, falar com honestidade e servir bem o seu senhor à mesa, na intimidade, na corte, na guerra e na caça, saber guardar segredos. Todas essas regras são anteriores à sua escrita e pertenciam à cultura oral.

Coube, portanto, a Erasmo compilar as boas ou más maneiras de se conduzir na vida social, quando a partir de então, os livros de civilidade, escritos em papel azul, passaram a fazer parte das mercadorias dos vendedores ambulantes que os vendiam em aldeias a semianalfabetos, ainda ligados à oralidade.

Transformada em livros escolares, a civilidade tornou-se então de novo o que nunca deixaria de ser: uma compilação de regras de comportamento, cujo respeito era indispensável à vida pacata de uma pequena comunidade.

²⁵ – Erasmo. *A Civilidade Pueril*. Editorial Estampa. Lisboa. 1978

O tratado de Erasmo surgiu numa época em que a hierarquia social medieval se transformava e prenunciava a transição para a modernidade.

E, lentamente, os tratados de civilidade foram ganhando força e importância maior, uma vez que as regras se tornam então indispensáveis à vida em comunidade.

Assim, a questão de um bom comportamento, uniforme, torna-se cada vez mais premente, tendo em vista a alteração da própria estrutura social, o que faz surgir pressões e controle não existentes anteriormente.

Os códigos de comportamento tornam-se mais rigorosos e o controle social torna-se mais imperativo.

No preâmbulo de seu livro, Erasmo afirma que “a arte de educar as crianças divide-se em diversas partes, das quais a primeira e a mais importante é que o espírito, ainda brando, receba os germes da piedade; a segunda, que ele se entregue às belas-letras e nelas mergulhe profundamente; a terceira, que ele se inicie nos deveres da vida; a quarta, que ele se habitue, desde muito cedo, às regras de civilidade.”

Erasmo diz que “a mais importante regra de civilidade é, por muito irrepreensível que se seja, desculpar com facilidade as infrações dos outros e não querer menos a um camarada que dê mostras de falta de cuidado ou de educação.”

Na conclusão de sua obra ele diz: “se esta modesta obra te puder ser de alguma utilidade, meu tão caro filho, gostaria que a oferecesses a todas as crianças de tua idade.”

Voltando ao preâmbulo podemos observar que este pedido de Erasmo encontra respaldo na sua afirmação de que as “crianças aceitarão mais facilmente os preceitos dedicados a um jovem de elevada posição e com um grande futuro”.

Desta forma, pode-se entender que Erasmo esperava que os preceitos da *Civilidade Pueril* pudessem alcançar todas as crianças e jovens daquela época.

É de se imaginar que ele tivesse uma visão do caráter “universal” de sua obra.

Ainda hoje, as regras de comportamento são consideradas indispensáveis para “bom andamento da sala de aula”, para “o bom aproveitamento da turma”, para “a consecução do programa de ensino”, etc, “Sem disciplina não há aprendizagem, “o que vale dizer que sem um “código de civilidade” que uniformize os comportamentos não é possível pensar a sala de aula.

Através dos tempos, sob formas e entendimentos diversos, os preceitos de civilidade vão sendo impressos não só nos livros, mas também nos corpos das crianças.

Dos textos de Erasmo e Madame de Maintenon salto no tempo em busca de textos atuais que confirmem as marcas do processo civilizador da escola. A escolha da produção literária como fonte de pesquisa se justifica porque ela se abre como possibilidade de nela encontrar informações sobre as concepções e o papel social atribuído à educação e ao professor.

Isto porque na literatura²⁶ subsistem e vivem os costumes, as idéias, as representações de um povo. Nelas, as idéias e práticas são descritas mais vivamente e deixam-se penetrar, desvelando sentimentos e emoções que permitem criar metaforicamente as imagens do passado.

As imagens de professoras e alunos que saltaram dos arquivos pesquisados são imagens positivas que revelam alunos obedientes e educados e professoras boazinhas, modelos de virtude.

²⁶ – Durkheim no seu livro *A evolução pedagógica*, 1995, pág. 309, alude ao ensino das literaturas como inseparável do ensino histórico, pois é nelas que fixam-se o principal das civilizações. Ainda, sobre o uso da literatura como fonte para a pesquisa histórica Ler: Xavier, Maria Elizabete. S.P. op. cit.

Essas imagens trazem um tempo passado, revivido e incorporado no presente de maneira ora romântica, ora nostálgica, o que faz produzir uma atração por aquele tempo como um tempo privilegiado, um tempo mítico do Paraíso²⁷.

Assim, a imagem da professora surge fantasmagoricamente distante e virtuosa. Não raro a professora é vista como a segunda mãe: aquela que deu uma nova vida ao ensinar o bê-a-bá.

Carlos Drumond de Andrade descreve este nascimento:

Foi aí que nasci. Nasci na sala do 3º ano, sendo professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus tenha. Até então, era analfabeto e despretensioso. Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da serra era bravo e parado.

A aula era de Geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes.

As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci.

De repente nasci, isto é, senti vontade de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o irresistivelmente, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte.

C. D. de Andrade. Contos de Aprendiz. 9ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora Sabiá, 1973, p. 153-154.

O texto de Carlos me fez viajar no tempo e na geografia. Desejei conhecer D. Emerenciana.

Também, a poetisa Cora Coralina, aos 95 anos, homenageou a sua primeira e única professora dizendo:

²⁷ – O estudo da Idades Míticas constitui uma abordagem especial das concepções do tempo, da história e das sociedades ideais. A esse respeito, são interessantes os trabalhos de Le Goff e de Eliade. Op cit.

“Tudo o que sou devo a Silvina Ermelinda Xavier de Brito. Ela está viva na minha memória pela sua paciência, sua didática e sua pobreza. Tão pobre que eu quisera exalta-la em letras de diamante.”

(Coletânea AMAE – 124)

No seu poema A Escola da Mestra Silvina, ela relembra a escola e os seus colegas e termina dizendo:

E a Mestra?

Está no Céu.

Tem nas mãos um grande livro de ouro e ensina a soletrar aos anjos.

“Bença, Mestra”! Assim, Cora cumprimentava Silvina Ermelinda Xavier de Brito. “Era todo o nome dela”. Respeito, seriedade, ritual. A metáfora da segunda mãe.

A casa da escola ainda é a mesma. Quanta saudade quando passo ali! Rua Direita, nº 13. Porta da rua pesada, escorada com a mesma pedra da nossa infância.

(...)

Sempre que passo pela casa me parece ver a Mestra, nas rótulas. Mentalmente beijo-lhe a mão. “Bença, Mestra”.

CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais. 9ª ed. São Paulo, Global, 1985. p.75-8

“Bença, mãe”. Este ritual ainda está presente em algumas famílias mineiras. Ao se levantar, ao sair de casa ou ao deitar: Bença, mãe”. “Bença, pai”. “Bençoi, filho”. “Bençoi, filha”.

Fico a imaginar esse ritual na “Escola da Mestra Silvina”:

Meninos numa fila.

Meninas noutra fila.

“Tudo muito sério.

Não se brincava.”

— “Bença, mestra”.

Luís Fernando Veríssimo, em uma de suas crônicas, em que fala sobre a sua infância e suas relações com as mulheres, lembra a professora como uma extensão de uma mãe, mas uma mãe maior, “importante”.

Assim ele se expressa:

“Mas olhávamos as mulheres e acompanhávamos as experiências como se elas fossem de outra espécie. Primeiro com reverência: a professora era uma extensão da mãe, mas uma mãe muito mais sabida e imponente.”

Nova Escola – Nov 1990, pág. 17 (Humor)

Maurício de Sousa, o pai da Turma da Mônica, descreve os seus professores, nas décadas de 40 e 50 (1940-1950), como pais e mães. Para ele,

“Os professores, da minha época eram pais e mães na sala de aula, tinham muito carinho e cuidado com os alunos, indo além do que era o papel deles. Era uma época de ouro.”

Jornal do MEC. AnoXV. Nº 17. Brasília-DF. Abril 2002

Como resposta a esse carinho, o aluno Maurício de Sousa ilustrava com desenhos e caricaturas as lições de casa e suas notas eram sempre dez.

Assim, para ele, foram seus professores os grandes incentivadores do desenhista que se projetava para o futuro. A descrição de alguns de seus professores revelam a dedicação e o cuidado para com os alunos que ultrapassavam os muros da escola.

Maria Nair de Castilho, professora de Português, levava jornais para a sala de aula e era exigente com a leitura e a correção da escrita; Jair Batalha criava viagens por meio da Geografia; o Paulo não dava aula de História, mas fazia um show contando uma história com começo, meio e fim; e o Romeu, professor de Ciências, levava os alunos depois da escola para o laboratório de sua casa para que eles fizessem experiências.

“Era uma época de ouro”. Uma época em que os professores levavam os seus alunos para as suas casas e continuavam as lições da escola, como se isto fosse uma coisa natural e prazerosa.

A minha lembrança não sugere prazer...

Até a década de 70 (1970), os professores de Minas Gerais tinham “promoção” de dois em dois anos, o que significava um aumento de salário para cada nova letra acrescentada ao exercício do cargo. Começava-se com a letra A e chegava-se ao final de carreira à letra M. A nota para a promoção era “dada” pela diretora, que tinha como critério para a avaliação, o percentual de alunos aprovados pela professora. As “provas finais” vinham da Secretaria de Estado da Educação, em pacotes fechados, que só eram abertos no momento de iniciar as avaliações. Assim, o esforço do professor para “ensinar” o programa inteiro a todos os alunos tinha que ser enorme: “do tamanho da cobrança”.

Eu mesma levei alunos para a minha casa e continuei as lições da escola.

Eu queria e precisava da promoção...

Viriato Correia descreve a “Dona Nenén”, sua professora, e me faz imaginá-la como uma bonequinha de porcelana ou uma princesinha dos muitos contos de fada que povoaram a minha infância. Para ele a professora é a imagem da irmã mais velha: aquela a quem se devia respeitar e estimar.

Linda, doce, delicada, suavíssima. Eis a Dona Nenén:

Dona Nenén, a professora de minha classe, foi quem primeiro me entrou no coração.

Vinte e quatro anos, pouco mais ou menos, leve, magrinha, pequenina, e olhos pardos e grandes. Um riso bonito e tranqüilo clareando-lhe o rosto.

Eu nunca tinha visto moça mais linda. E tão forte impressão ela me causava com a sua beleza, que eu tirava constantemente os olhos dos livros para ficar minutos esquecido a olhá-la.

Ela, porém, me advertia:

_ Não se distraia, menino, cuide de sua liçãozinha.

Era uma criatura doce, delicada, suavíssima. Assim, miudinha, misturada ali conosco, podia-se pensar que fosse nossa irmã mais velha. Fazia-se respeitar porque se fazia estimar.

Não ralhava nunca. Apenas nos olhava com aqueles olhos grandes e serenos. Bastava aquilo para que nos sentíssemos arrependidos e envergonhados.

Mas, quando a falta era grande, além do olhar, ela nos contava uma história. Quase uma fábula ou um apólogo, com um fundo moral que mostrava o erro cometido.

Viriato Correia, CAZUZA, São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1984

“Ela é sua irmã mais velha. Obedeça-a”. Esta frase me vem à memória e, eu, muitas vezes a ouvi de minha mãe nos meus tempos de menina. “Fazia-se respeitar porque se fazia estimar.”

A irmã mais velha. Aquela que “ajuda” a criar os irmãos mais novos e que faz, às vezes, o papel de mãe.

Paulo Freire em um artigo intitulado “Que Saudade da Professorinha”, descreve a sua primeira professora, a “inesquecível Eunice Vasconcelos”:

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto(...)

Não se casou. Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência (...)

Hoje, a presença dela são saudades, são lembranças vivas. Me faz até lembrar daquela música antiga, do Ataulfo Alves: “Ai, que saudade da professorinha, que me ensinou o bê-a-bá”.

Aqui também a professorinha, o afeto, a imagem carinhosa é saudosamente lembrada. “Lembranças vivas” que “faz até lembrar daquela música antiga, do Ataulfo Alves”.

A primeira namorada?

O primeiro amor?

“Não se casou”, diz Paulo Freire.

Para sempre... Faz-se a imagem do magistério vocação e dom ao qual se doa, totalmente, com abnegação e dedicação.

Assim, em prosa e em versos cria-se a memória da professora que parece satisfazer as aspirações de completude ao se imaginar a existência de uma época excepcionalmente feliz.

*Ai, que saudade da professorinha
Que me ensinou o bê-a-bá
Onde andarás Mariazinha
Meu primeiro amor, onde andarás?*

O primeiro amor?

A melodia aturde-me, atropela-me. Ataulfo Alves traz a imagem de uma outra professora. Não mais a segunda mãe, mas o primeiro amor.

Cantado em prosa e verso, o primeiro amor é o amor idealizado e, portanto, inesquecível. Ama-se a pessoa ou ama-se o amor? Quem é essa professorinha, primeiro amor?

O compositor e cantor Rubinho do Vale presta a sua homenagem às professoras, no CD ABC do Amor, dizendo:

*A professora é uma grande atriz.
A sala de aula vira um teatro.
A platéia (alunos espertos e atentos) admira, ama, aplaude em silêncio.
Pergunta, questiona, exige mais, quer novidades.
E a grande atriz está sempre pronta, provoca a platéia, chama para o debate.
E assim a professora prossegue com o seu lindo espetáculo: Educar.
Sinto saudades de Maria de Teó, de D. Júlia e de D. Raquel, minhas primeiras professoras lá na roça. Longe daqui, no Vale. Tempo bom.
Já faz é tempo. Parece agora.
Abraços mil para todas vocês professoras, lutadoras do Brasil.*

Professora: Segunda mãe ...primeiro amor... grande atriz...

A fantasmagoria está criada. Surge o mito. O mito está voltado para o passado: passado imaginado como uma idade do ouro, uma época virtuosa, um tempo onde tudo era mais fácil, mais bonito, melhor.

*Eu daria tudo que tivesse
P'ra voltar aos dias de criança
Eu não sei p'ra que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança.
Ataulfo Alves*

A escola era melhor... Essa é a imagem que nos vem através de tantos textos.

Para Carlos, Cora, Maurício, Ataulfo, Rubinho, tudo era melhor, porque, naquele tempo, eram jovens?

O passado se apresenta repleto de boas lembranças.

Tem a memória a verdadeira história?

Elza de Moura, conhecida educadora de Minas Gerais, e ex-aluna da antiga Escola de Aperfeiçoamento, fala de uma professora dessa escola, aludindo a imagem da professora culta, segura, firme e inteligente. Sente-se na sua descrição a admiração que sentia por aquela que considera a sua “grande mestra”. Então, Elza de Moura, já era também professora primária²⁸ e no Curso de Aperfeiçoamento “aluna-mestra”.

Marieta foi o tipo de mulher que nos impressionou pela privilegiada inteligência e firmeza de convicção. À primeira vista nos assustava, a nós alunas, que a julgávamos distante e difícil. Isso foi o começo, mas o

²⁸ – Até o ano de 1971, era essa a denominação da professora que lecionava no Curso Primário que corresponde hoje às séries iniciais _ 1ª à 4ª série _ do Ensino Fundamental.

convívio na escola e depois fora dela, levou-nos a uma aproximação mais íntima. Naquele tempo dava-se muita importância à socialização nas escolas. Hoje, fala-se muito em integração escola-comunidade, mas é falsa essa integração.

De um lado, a escola isolada, lutando sozinha para não soçobrar; e do outro, a comunidade alienada, usando a escola em seu benefício, mas pouco ou nada fazendo por ela. A socialização, era um modo de aproximar a escola da comunidade. A professora demonstrava isso, expondo com segurança, demonstrando grande cultura. Nós, as suas alunas, nunca a vimos titubear ou vacilar perante alguma pergunta capciosa. Suas respostas eram claras e limpas, esclareciam qualquer dúvida...”

AMAE Educando – Nov.1984, pág.16

Percebe-se que mesmo as alunas de cursos de graduação guardam uma lembrança da professora como uma pessoa muito forte, cuja influência perpassa toda a vida. É assim que Fanny Abramovich, ex-aluna da USP, fala de sua professora Dona Mariinha – Maria José Garcia Werebe – sua professora inesquecível:

Ela era uma pessoa audaciosa, sempre à procura de novas fontes e possibilidades. Interessada em tudo, insaciável na sua curiosidade, questionadora. Me fez uma pessoa perguntante e não acatante. Me abriu as portas do até então desconhecido, me fez caminhar por onde eu temia cair, me pôs no mundo como um ser que atua. Lembro dela como uma mulher entre a tímida e a seca. Não derramava afetividade. Mas marcou minha vida para sempre. Se me tornei uma educadora, devo sobretudo a ela. Saudades das sacudidelas impulsionantes. Obrigada.

Nova Escola. Maio, 1998. Pág. 58

Esta imagem de professora que impulsiona, que faz descobrir os caminhos para o futuro, aparece nas lembranças de muitos ex-alunos que são hoje pessoas que abraçaram o sucesso profissional e que aparecem com frequência nos meios de comunicação. A imagem do “bom, amável e dedicado professor do passado” é utilizada em anúncios e propagandas.

Um anúncio publicitário da Fundação Victor Civita se apropria do dia 15 de outubro, para lançar a “campanha de valorização do professor.”

*15 de outubro é o Dia do Professor.
Não deixe que esse dia passe em branco.
Preste homenagem a quem lhe deu uma lição de vida.
Certas pessoas a Gente nunca apaga da memória
Tudo o que seus professores fizeram por você o tempo não apaga.
Revista Superjovem, ano 1, n.2, Superinteressante, set 1991, s. p.*

*“Professor é o segundo pai, às vezes a primeira paixão e é um herói para o aluno. O prof. Mazzei é para mim um resumo disso tudo.”
Pelé*

Com essas palavras Pelé homenageia o seu professor que aparece ao seu lado na fotografia que ilustra a propaganda da Fundação Vitor Civita – Editora Abril. E Pelé não é o único.

*“Dona Marina foi um exemplo de mulher profissional que tive. Foi a primeira vez que vi uma mulher com atitude. Aprendi com ela.”
Marília Gabriela Baston de Toledo Crochrane*

Esta declaração está no canto de um retrato de Marília Gabriela abraçada à professora Marina e o título: “Bom Professor, Brasil Melhor. Fundação Victor Civita.”

É dessa forma que a Editora Abril fala da Revista Nova Escola e dos professores “que têm um papel fundamental na construção do Brasil dos nossos sonhos.” Esta revista dedica uma página com o título “Obrigado professor (Obrigada Professora) às lembranças do tempo de escola de pessoas famosas em diversas áreas no Brasil. Em cada relato a história do professor inesquecível, que “marcou para sempre” a vida de cada um. Sabendo-se que a “Nova Escola” é uma revista destinada a um leitor específico – o professor – o uso deste tipo de propaganda tem um objetivo visível: a venda da revista.

O ator Antônio Fagundes diz que a sua opção pela profissão de engenheiro só foi mudada quando deparou, no Colégio Rio Branco, em São Paulo, com dois professores de Português.

Seus métodos didáticos diferentes provocaram uma reviravolta em minhas perspectivas. A um deles, José Eduardo Oliveira Costa, o professor Eduardo, é a quem devo minha estréia no teatro. (...)

Certa vez, nos pediu uma redação sobre um tema árido, Engenharia e Progresso. Não sei o motivo, mas resolvi fazê-la em versos, na forma de poema. O comentário do professor, escrito na margem da folha, foi decisivo. Era algo como: “Desista da Engenharia, você deveria tentar a carreira artística, tem talento para isso”. Foi a primeira vez que pensei seriamente na possibilidade de largar a minha vocação e entrar no mundo da arte.

Nova Escola. Outubro 1995. Pág. 58

E o Brasil, graças aos dois professores, ganhou um grande ator.

Para Ziraldo, cartunista e escritor, são muitos os professores inesquecíveis, todavia ele descreve uma:

Dona Glorinha, que entre outras coisas e contra a vontade das velhas professoras do Grupo Escolar e de sua rabugenta diretora, retirou a palmatória furadinha da parede de minha classe. Só mais tarde percebi a luta de dona Glorinha. Que ela venceu. Descobrindo – bem mais tarde – que sua presença em minha vida tinha sido fundamental para que não a perdesse por aí. A vida, digo.

Engraçado, agora, remoendo essas lembranças, descubro que tive uma professora maluquinha, sim. Foi a Dona Glorinha d'Ávila, tão pequeninha, tão frágil, tão bonitinha...

Nova Escola. Setembro 1998. Pág. 58

...tão pequeninha, tão frágil, tão bonitinha...

Tal imagem faz surgir a idéia de alguém que de repente... some no ar...fantasmagoricamente diáfana... como a imagem da princesinha dos contos de fada que encantavam a minha infância e me faziam sonhar com castelos, príncipes e bruxas malvadas, vencidas pela fada bondosa e linda.

Ziraldó, Carlos Drumond, Viriato Corrêa... escritores famosos que são lidos por muitos... e que fazem das histórias reais, literatura.

Mas há aqueles que, no anonimato, também prestam a sua homenagem à professora, como nesta mensagem:

“D. Aparecida,

Desde pequeno sentia orgulho de ter tido como primeira professora alguém como “a senhora”. Por várias vezes quis dizer-lhe o quão importante você foi pra muita gente, inclusive eu. Não sei que magia há em ser professor, mas com certeza não é só a tarefa do dever cumprido de nos ensinar o beabá. Pode ser no jeito de ser meio mãe... meio pai ou meio contador de histórias ... meio dono da verdade para tantas crianças. Pra mim, ser professor era como ser alguém especial, escolhido por Deus, para, realmente, nos ensinar. Ensinar Português, Física,

Matemática ou qualquer outra matéria e ensinar como é a vida... Como ser um bom menino.”

Em 05/02/2002 a professora Maria Aparecida Silva, já aposentada há alguns anos, recebe, após a perda de seu marido, esta carta de um ex-aluno seu, hoje médico de grande prestígio em Itaúna... O interessante é que esta carta foi escrita com o estrito objetivo de homenagear e agradecer à professora. Eu tomei conhecimento dela pelo fato de ter comentado sobre minha pesquisa com a professora e ela, então, mostrou-me a carta. Nela, há também, a alusão da imagem da primeira professora “meio mãe, meio pai” e ainda a imagem diferente de “meio contador de histórias e meio dono da verdade”. Tudo isto faz do professor “ser alguém especial” a quem se agradece por “ter ensinado a ter fé na vida, nas pessoas, acreditar em sonhos e batalhar para chegar lá”.

É com estas palavras e ainda “seu sempre aluno”, que o médico Dr. José Carlos se despede de sua professora.

Tantas imagens...

Imagens tão diferentes para professores de uma mesma época: décadas de 40, 50, 60 (1940-1960).

Mas, em todas _ mãe, primeiro amor, irmã mais velha, atriz...._ a imagem inesquecível, bondosa, linda...

Às vezes as imagens se misturam como nesta crônica do escritor mineiro Kleber Garcia Campos.

Na escola havia a Dona Geralda. Era um misto de mãe, tia e madrasta. Dura e aristocrática, tinha qualidades e defeitos, como convém a um

ser humano. Lembro-me dela, da primeira aula. Lembro-me dos recreios, do gosto de goiabada com queijo, do cheiro de picolé de essências. A essência da minha infância!

AMAE Educando. Nº 215. Outubro 1990. Pág. 44

“Durona e aristocrática”, mas, mesmo assim, “como convém a um ser humano.”

A mistura de mãe, tia e madraستا com os gostos e os cheiros da infância. Os cheiros da infância que nos acompanham pela vida toda. E são eles que me fazem lembrar da maçã embrulhada em papel de seda roxo, pedido que se fazia a todo parente que ia à capital, Belo Horizonte.

Não encontro mais o cheiro daquela maçã nas “maçãs de hoje”. Contudo, ele está impregnado em mim e ainda o sinto quando, no recreio da escola, exibia a maçã como se fosse um troféu.

Cheiro de maçã.

Cheiro de picolé de essências.

Lembrança de recreio... de escola... de professora...

Filtradas pelo tempo, as lembranças vão sendo purificadas e acabam por apresentar o passado como um período onde tudo era cor-de-rosa. A alegoria de um tempo repleto de boas lembranças.

Assim a imagem edificante do professor do passado aparece repleta da sentimentalidade que dá a marca do bom professor sobre os seus alunos e desenha o perfil de um professor idealizado pela memória.

Essa memória que desenha imagens edificantes e positivas de “professoras maravilhosas” parece oriunda da ideologia incutida nas escolas normais.

Contudo, imagens negativas de professores povoam um grande número de textos literários, principalmente escritos no Império e na primeira República²⁹.

A descrição de professores cruéis e autoritários, bem como do ambiente austero e da disciplina severa, no final do séc. XIX, povoam os escritos de alguns autores:

Uma barbaridade (...) o mestre dava muito coque, e batia de régua, também.

Rosa, João Guimarães. Sagarana (pág. 243) .28ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

Helena Morley³⁰ assim descreve o colégio onde sua prima Luízinha era aluna interna:

Estiveram contando a vida que levam no colégio e tive pena delas, coitadinhas. De madrugada, com este frio todo, têm de se levantar, ir para a missa e passar uma hora ajoelhada no chão duro. Quando voltam da missa, tomam uma água de café com cuscuz e vão para o estudo. A comida, dizem elas é insuportável. Banho frio e Irmãs implicantes, impossíveis de agüentar.

²⁹ – Sobre as imagens negativas de professores e escola na literatura ler Souza, Maria C.C.C. in Gondra, José(org). Dos arquivos à Escrita da História: A Educação Brasileira entre o Império e a República. 2ª ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

“Lugar comum nestes escritos, provavelmente, deve ligar-se à visão prospectiva do memorialista, influenciado pela crítica escolanovaista dos anos vinte. O emprego de qualitativos como autoritário ou repressivo, usado a partir de então, é anacrônico, no sentido que apenas por referência às pedagogias permissivas posteriores é que foi possível perceber a prática anterior.”

³⁰ – Morley, Helena. Minha Vida de Menina. Op. Cit. Pág.221/222

Por sua vez, a literatura regional³¹, neste mesmo período, revela a “crença extraordinária no poder da educação e da escola”. Nestes, o mestre recebe um tratamento especial e respeitoso. As lembranças dos castigos não apagam, nas “províncias alijadas da civilização” e no campo, o prestígio do professor que se iguala ao prestígio do padre e do “doutor”.

Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos pro dá cá aquela palha. Por isso era um dos mais creditados na cidade.

Almeida, Manuel Antônio de. Memórias de Um Sargento de Milícias. 9ª ed. S. Paulo. Ática, 1979. pág. 38

“Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, mui pouco, e mui leve. Só era pesada a palmatória, e ainda assim... (...) Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é das últimas letras; com a diferença que tu, se me mestias medo, nunca me meteste zanga.”

Assis, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. 16ª ed. S. Paulo. Ática, 1991 (Série Bom Livro). pág. 31.

A lembrança dos castigos não maculava a imagem do professor, porque eles eram, então, condizentes com a forma social de manifestação da autoridade. Assim, o uso da palmatória, da vara de marmelo ao lado de outras formas de castigos representavam o direito legítimo do comando na profissão docente e, ao mesmo tempo, davam, ao professor a possibilidade de colocar a autoridade em prática.

³¹ – Ler: Xavier, Maria E. S. P. A Educação na Sociedade Brasileira: um Exame das Concepções e das Práticas Educacionais na Produção Literária Nacional.(1840-1920). Tese de Livre Docência. Inicamp.2002. Esta autora afirma que “também nos romances regionais, dos históricos José de Alencar aos realistas/naturalistas de Franklin Távora e Domingos Olímpio, ao contrário do que constatamos naqueles centrados na vida da capital do Império e na emergente Paulicéia, revela-se a extraordinária crença no poder da educação e da escola. Este enfoque é importante, uma vez que este trabalho se desenvolveu em Minas Gerais e, mais especificamente, em “cidadezinhas” do interior de Minas Gerais.

Contudo, para mim, a descrição dos professores autoritários e dos castigos deixam perceber, nas memórias dos adultos, imagens nada edificantes da escola e da sala de aula. Assim são as minhas lembranças...

As minhas lembranças não são edificantes...

A lembrança da escola não me traz imagens de professoras tão bondosas e ingênuas.

As minhas imagens se aproximam muito mais da escola descrita no texto de Adélia Prado, escritora mineira que se “aventurou”, por um curto período, na década de 70 (1970) pelo caminho do magistério e fez uma análise de sua experiência, assaz interessante.

Com um estilo mordaz, que lhe é peculiar, ela assim descreve o cotidiano da escola:

“Acabo de perder o emprego de que tanto gostava. Estou outra vez devolvida à sala de aula, um desconforto muito grande. Não desaparece de mim a sensação de impropriedade da minha atuação. Estou sempre coberta de uma poeira de giz e ridículo. Na sala dos maiores dei três excelentes aulas, tão boas que a menina escreveu no quadro: “Viva a ótima professora Dona Violeta, professora nota 10!” Ó meu Deus, é muito cansativo. Com os menores tenho feito joguinhos, brincadeiras, quando queria direto entrar no assunto. Me esforço para aprender a lidar com estudantes de onze anos. Por que será que caí de novo no inferno desta coisa chamada escola? Uma gritaria e os meninos se amontoam nas janelas: “pega, pega!” É a radiopatrulha que a supervisora da noite, mandou chamar para espantar uns pobres moleques gritando do lado de fora da cerca. “Enchi eles de matéria, não agüento mais de intipatia daquele bicha da 8ª B”, é o corriqueiro da conversa da Leodita. A merenda é paga. Quando me dei conta, devia ter mais de um mês que a menina se postava no mesmo lugar, puro osso e olhos na baciinha de alumínio onde os privilegiados tomavam a sopa. Em plena aula a cantineira abre a porta, sem bater: “ponho o que para senhora hoje” Tem empada e biscoito frito.” Sinto tanta vergonha que não tenho coragem de escolher entre empada e biscoito frito. Da reunião de professores o que sobrou para nós foi um texto com “Os dez mandamentos do professor que devemos fazer para manter entre nós um ambiente de harmonia”. Dona Cenira “leu” a reunião sem arriscar uma só frase fora do papel. Salustia olhou no relógio o tempo todo. Coralina vendeu jóias para Lucrecia. A uma intervenção minha, Dona

Cenira disse contrariada: “acho interessante, mas não posso fugir da pauta” e voltou os olhos para o papel. Antevejo amarguras. Joaquim quer saber se concordo com o professor de religião: “o homem não veio do macaco e felicidade é só no céu”. Luto tanto antes de responder, procurando um jeito de não machucar ninguém, que o menino diz: “puxa, é a primeira coisa que Dona Violeta não sabe”! É proibido fumar. Todo mundo fuma. O que se ouve é inacreditável: “como que eu posso fazer alguma coisa neste ambiente horrível? Os meninos não têm educação, as famílias não ajudam, são carentes demais!” As professoras falam e têm as unhas grandes e polidas, os cabelos pintados de acaju, grande parte faz pedagogia, tem problemas de coluna e não vê a hora de arranjar coisa melhor. O bedel passa perto de uma rodinha de meninos fumando escondido, traz pelas orelhas e sapeca-lhe, à frente de todos, três dias de suspensão “para servir de exemplo”. A direção tem este serviçal como seu braço direito. O caos organizado, não é assim a loucura?” (Adélia Prado. In: Os Componentes da Banda S. P. Siciliano, 1992).

Volto a perguntar:

Terá havido uma “idade de ouro” na escola onde as crianças eram “tão boazinhas, obedientes, estudiosas” e as professoras “fadas madrinhas” que as faziam aprender tudo?

Em um diário meu, lá dos idos de 50 (1950), encontrei o seguinte:

O tempo não passa... Que chatice. A aula está péssima... a professora idem.

A aula deveria durar 5 minutos e não cinqüenta. Afinal o que a professora ensina em cinqüenta minutos a gente poderia aprender em cinco. O tempo não passa... O recreio custa a chegar... Aula chata!

Os meus cadernos estavam sempre cheios de anotações que revelavam a monotonia das aulas e o meu tédio.

Um pensamento era constante nos meus cadernos:

“Oh Deus, dai-me força e coragem para suportar com fé e amor as provas que envias.”

A sala de aula era um lugar doloroso...

Era necessário a “ajuda de Deus” para suportar ficar assentada, imóvel, realizando atividades que nem sempre faziam sentido para mim.

São estas lembranças, que trazem o passado para o presente, que me fizeram querer entender o comportamento dos alunos considerados indisciplinados e, por isso, excluídos da escola.

Há um contraste entre a memória construída que faz da escola do passado o “paraíso mítico da educação” e a escola do presente como o local de violência e indisciplina de “alunos que não querem nada”.

MINHA MÃE E EU: QUEM SOMOS NÓS?

ALUSÕES AO PASSADO OU BUSCANDO NAS LEMBRANÇAS UMA EXPLICAÇÃO PARA O PRESENTE

“Não adianta negar que temos juízos de valor. Nós temos as pré-noções e ao incorporá-las, estaremos discutindo-as e refletindo sobre elas.”

Weber (anotado em meu caderno de Sociologia, Curso de Ciências Sociais/1968)

O Espaço Social de Uma Pequena Cidade de Minas Gerais

Itaúna é uma cidadezinha perdida entre serras onde, até os idos de 1970, a vida corria preguiçosamente como as águas do Rio São João Acima que, então, a cortava por inteiro.

A praça da Matriz, como até hoje é chamada, era o lugar onde se passeava aos domingos, após a missa das dez e das dezessete horas.

Após a missa os rapazes se postavam em duas alas, formando um amplo corredor por onde as mocinhas iam e vinham, fazendo o *footing*. Nesse vai e vem, aconteciam os flertes e iniciavam-se os romances. Os flertes poderiam durar dias ou meses, até que o rapaz tivesse coragem de se aproximar da moça. O passo seguinte incluía o convite para a sessão de cinema que começava às dezoito horas e o acompanhamento até a casa da moça e então o namoro se oficializava.

A praça da Matriz era o coração da cidade: nela também, imponente sobressaía o prédio mais alto na época, onde funcionava o Automóvel Clube de Itaúna.

Dos objetivos do Automóvel Clube de Itaúna, criado em 1918, consta no art. 1º, item I de seu Estatuto o seguinte:

“Promover o desenvolvimento do automobilismo em Itaúna e incentivar tudo que diga respeito à construção, melhoramento e conservação da rede rodoviária municipal”.

E ainda, itens III, VI e VII tratam da “criação do Departamento Automobilístico”, de empreender esforços para “obter para os seus associados facilidades no trânsito automobilístico, dentro e fora do estado,” bem como “estabelecer um posto de serviço e abastecimento, oferecendo vantagens aos seus associados”.

Que importância o automóvel parece ter nesta época...

Automóvel Clube ... A metáfora é perfeita para explicar o status que se adquiria ao freqüentar o clube. Até o final da década de 50, só existiam dois carros na cidade. Um deles pertencia ao homem mais rico da cidade. O outro era um “carro de praça”, assim chamado o carro de aluguel – táxi – naquela época. O “carro de praça” pertencia ao fotógrafo da cidade que, ao alugar o carro para ocasiões importantes, levava junto a sua máquina fotográfica que registrava, principalmente, casamentos e batizados. No Automóvel Clube aconteciam as festas mais importantes da cidade. Os bailes obedeciam a um calendário fixo e os preparativos para eles duravam dias. Sabia-se de “cor e salteado” as datas em que se realizariam: “reveillon”, carnaval, aleluia, primavera, aniversário do Clube.

O artigo 26 do Estatuto do Clube dizia:

“A Passagem do Ano, o Carnaval, o Sábado da Aleluia, o dia de São Pedro, A Entrada da Primavera e o Aniversário do Clube, serão considerados dias festivos para a sociedade”.

Seis bailes... seis datas esperadas ansiosamente...

“...dias festivos para a sociedade”...

... para aqueles que podiam freqüentar o clube: somente para “a boa sociedade do Automóvel Clube.”

Havia também os Bailes de Formatura. Nestes bailes, era permitida a presença dos familiares dos formandos que não faziam parte do Clube.

Convencer pai e mãe a darem o consentimento para ir às festas fazia parte do ritual. Parecia haver entre as mães um conluio no sentido de tornar difícil a ida ao baile. Era uma maratona conseguir uma mãe que se responsabilizasse pelo acompanhamento das moças ao baile. Contudo, sempre havia uma mãe que se dispunha a acompanhar um grupo de moças.

Era exatamente no Automóvel Clube que a “boa sociedade”³² encontrava as condições ideais para satisfazer as exigências sociais da *society* e onde eram amalgamados os elementos daqueles que compartilhavam o *savoir-vivre*, a unidade da cultura espirituosa, o refinamento das maneiras, a formação do bom gosto.

A aparência, o comportamento, os modos e a etiqueta fazem com que os participantes da “boa sociedade” ganhem prestígio e representação.

Assim entende-se que os pequenos obstáculos para as moças freqüentarem o Automóvel Clube representava um esforço em busca de maior prestígio e ostentação.

O Automóvel Clube era um local indispensável à auto-afirmação social, onde todos aqueles que o freqüentavam se achavam envolvidos numa competição por status e prestígio.

Era durante os bailes que as moças podiam conseguir a glória ao serem eleitas “Rainha da Primavera”, uma das “Dez mais do ano X”, “A Mais Bela Foliona do Ano”, etc.

As mães, vigilantemente, se postavam no salão, acompanhando com os olhos os volteios

³² Ver Elias, Nobert. A Sociedade de Corte. Op. Cit.

daquelas que se encontravam sob a sua guarda.

As escapadelas aconteciam, mas eram tão inocentes! É que moral, contenção, recato, virgindade eram uma coisa só nessa época. O preço de uma ousadia era muito alto: a moça que perdia a moral ficava privada do convívio social, proibida de freqüentar o “Automóvel Clube”, que possuía um estatuto rígido e era dirigido por um conselho de pais.

Os membros desse conselho, durante anos, se revezavam nos diversos cargos: presidente, vice-presidente, secretário, etc.. Eles eram, ao mesmo tempo, as pessoas mais influentes da cidade e ocupavam cargos importantes na vida pública e econômica do município.

Dessa forma o Automóvel Clube era de fato o local de integração político-cultural-econômica.

O sistema de normas e valores, cujos mandamentos são obrigatórios para os indivíduos, determinavam a convivência no círculo da sociedade e a participação no grupo social.

O Estatuto do Clube registra no Capítulo XIII, que trata das Penalidades, no artigo 45, a eliminação do sócio do clube pela “prática de ato notoriamente reprovado dentro e fora do clube e que importe em descrédito ou desprestígio para a sociedade.

Portanto, o pertencimento à “boa sociedade” do Automóvel Clube dependia do status e prestígio que o indivíduo tinha na sociedade.

Uma das chances de pertencimento a essa “boa sociedade”, bem como de ascensão, respeito e valorização, no caso específico das moças que não possuíam condições econômicas, residia na distinção do “ser normalista”, ou ser “professora”.

Assim, normalistas e professoras podiam freqüentar o Clube embora os seus familiares não fossem aceitos como membros daquele grupo. Esta é com certeza uma das causas de uma mãe levar um “grupo de moças”. Nem todas as mães e pais podiam freqüentar o Clube.

“As senhorinhas que não tenham recursos para fazer parte do quadro social serão admitidas pela diretoria como sócio aspirante” diz o Estatuto. Ser sócio aspirante dependia da opinião social que assumia uma importância e função muito grande. É a “opinião” que fundamentava o conceito de “honra” que até a década de 70 (1970) significava um comportamento pudico e contido.

Assim, uma moça tinha assegurada a sua honra, enquanto fosse considerada um membro do grupo segundo a “opinião” da sociedade. Perder a “honra” significava perder a condição de membro da “boa sociedade”.

Dessa forma, a imagem da professora, forjada dentro dessa mesma sociedade, colocam-na, também, sob as pressões das opiniões dos membros do grupo social a que passam a pertencer.

A opinião social forja o prestígio dos indivíduos que, por sua vez, assumem um comportamento que é determinado por um conjunto de regras que garantem a sobrevivência dos mesmos no grupo.

Portanto, ser professora não parece ser, essencialmente, uma profissão, mas a garantia de pertencer e frequentar a “boa sociedade”.

A elaboração metódica de um ritual que se compunha da etiqueta, do gosto, das roupas, das atitudes, constituía uma arma na luta por prestígio. O Estatuto do Clube registra que “por ocasião dos bailes da Primavera e Aniversário do Clube, será exigido, obrigatoriamente, para todos os sócios o traje a rigor, (sic) sendo permitido para os cavalheiros o azul marinho ou branco”

Nas demais festividades é dever do sócio “respeitar a indumentária e as demais normas estabelecidas pela diretoria para as festas sociais”.

Não há como não voar no tempo... e, através da imaginação viver no tempo presente um baile de gala... Todos os cavalheiros de azul marinho ou branco... as senhorinhas de longos vestidos azuis... rosas e quando muito, amarelos... Tons pastéis...

As coerções que submetiam as moças às normas da “boa sociedade” poderiam determinar o comportamento da professora.

A “boa sociedade” desempenhava um papel considerável no controle do comportamento, do pertencimento à elite e da honra dos indivíduos utilizando-se de normas estatutárias que tinham com a escola uma associação socialmente significativa.

Lembro-me da rotina vivida na década de 60 (1960).

Fora os domingos e os bailes, o ordinário viver das moças transcorria numa monotonia só.

Escola, lidas da casa, aulas de bordado e de costura, às vezes aulas de piano para as mais ricas. O casamento era o sonho e a meta de toda mocinha. A pecha de solteirona rondava aquelas que viam os anos passar sem arranjar um pretendente.

O curso normal era chamado de “curso espera marido”. A aura da “normalista linda”, cantada em prova e versos fazia vislumbrar um futuro romanticamente “cor de rosa”.

Por outro lado, só existia na cidade, até a década de 70 (1970) a possibilidade de se fazer o Ensino Médio, que oferecia três cursos: o Normal, o Científico e o Clássico.

Quem fazia o curso Científico tinha por objetivo fazer cursos superiores das áreas de saúde ou das ciências exatas e o curso Clássico preparava para os cursos superiores das áreas humanas. Somente os alunos do sexo masculino faziam esses dois cursos, porque a eles era permitido fazer o curso superior em outras cidades, principalmente em Belo Horizonte.

Às mulheres restava o Curso Normal. Além de propiciar uma profissão, o Curso Normal oferecia um elenco de disciplinas que preparava as moças para o papel de esposa e mãe.

Do currículo do Curso Normal fazia parte, por exemplo, a disciplina Puericultura que ensinava os cuidados com a gestação e com o bebê. O “álbum de Puericultura” confeccionado caprichosamente pelas alunas tinha em miniatura todas as roupas usadas por um bebê daquela época: faixa umbilical, coeiro, fralda, toucas, sapatinhos, etc.³³

Brigava-se para apresentar o álbum mais bonito na exposição de trabalhos realizada no final do ano. Essa exposição era um grande acontecimento e, portanto, era visitada, inclusive, pelas autoridades.

Nesta exposição eram, também, apresentados os trabalhos realizados na disciplina “Desenho e Trabalhos Manuais” onde se aprendia a pregar botões, fazer bainhas, inclusive com “ponto paris”, bordar, pintar, etc. Destas aulas saíam muitas peças para os enxovais de noivas.

Lembro-me das exposições dos enxovais de noivas que eram feitas um mês antes do casamento. Algumas dessas exposições eram realizadas na casa comercial mais importante, bonita e bem localizada da cidade, na sua rua principal. Os enxovais causavam inveja e alimentavam os “bate papos” durante um bom tempo.

A educação esmerada que se mostrava espelhada na delicadeza e primor dos bordados à mão, na elegância das rendas francesas e das bainhas em “ponto paris”, era o sinal do refinamento da conduta social, das boas maneiras e do bom gosto, tudo isto exigências vitais da posição social.

Além disso, o enxoval confeccionado ao longo do namoro e do noivado poderia ser também, uma maneira de tornar a moça mais atraente para o seu pretendente.

³³ - Bechelaine, Maria Batista. Op. Cit.

Por outro lado, a exposição do mesmo poderia ser uma forma de mostrar que a moça estava bem preparada para o casamento e seria uma prendada “dona de casa”.

Ressalta-se que ainda hoje, no mundo atual, no interior de nossas Minas Gerais, ainda existem noivas que fazem o seu enxoval ao longo do namoro e do noivado. Já não se fazem mais exposições de enxoval, mas o ritual de sua confecção, que conta com a observação do namorado ou noivo e dos familiares e amigos mais próximos, continua existindo. O enxoval ainda representa as “prendas” que a moça possui.

A aluna do curso normal era, portanto, preparada para o “nobre papel de mãe” quer como mãe de verdade, quer como mestra e, nesse papel, segunda mãe.

Um Outro Espaço... A Escola Normal De Itaúna

“De repente, a vida começou a impor-se, a desafiar-me com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liquidava esses outros e apareciam novos.”

Carlos Drumond de Andrade³⁴

Os elos começam a se unir:

Senhorinhas.

Professoras.

Normalistas.

Saio das lembranças para buscar na “Escola Normal Oficial de Itaúna, hoje Escola Estadual de Itaúna, pistas que me levem para mais perto da “normalista linda, vestida de azul e branco”.

Entro devagar porque foi aqui que eu construí as minhas recordações.

É aqui, entre o vivido e o “misterioso”, que eu faço perguntas ao passado para entender as indagações do presente.

Como se construiu o símbolo da professora boazinha, segunda mãe, irmã mais velha?

Se o passado é algo para ser descoberto, se ele não está pronto e acabado, como nos fala

³⁴ - Andrade, Carlos Drumond de. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Rita de Cássia Barbosa. 2ª ed. S.P. Nova Cultural, 1988. pág. 24.

Benjamin³⁵, poder-se-á, através da reconstrução de fragmentos do passado, da reflexão sobre experiências vividas e sobre as quais se pode falar, interpretar os fatos e, dessa forma, recontar a história. A memória ao situar-se numa rede temporal torna-se ato de racionalidade e permite a relação de outras vozes, de outras figuras, produzindo entendimentos diferentes e novos conhecimentos.

Assim, a história pode e deve ser recontada pelo narrador do presente que através de fragmentos significativos constrói a alegoria capaz de “unir o visível ao invisível, a vida e o sonho”.

Escola Normal Oficial de Itaúna... responsável pela formação de professoras que atuam no Município e nas cidades vizinhas desde o início da década de 20 (1920). Foi nesta escola que as professoras que aparecem nos registros da E.E. José Gonçalves de Melo e da E. M. Dr. Augusto se formaram. Os seus nomes estão lá, nas placas das formandas, pregadas nas paredes da escola.

O visível está à minha frente: a Escola Estadual de Itaúna é até hoje considerada a melhor escola pública do município. O seu prédio é imponente e foi construído no estilo neo-clássico.

O invisível? Mistério... alegoria... fantasmagoria.

Também nesta escola não foi possível verificar os livros de ocorrência. A diretora mandou-me procurá-los com a supervisora escolar que lá atua desde 1976. Contudo, a mesma assegurou-me que os livros de ocorrências foram “queimados”.

Ela fez o seguinte relato:

“Quando a Denise entrou para a Direção, ela comprou armários novos e nós organizamos o arquivo. Nós queimamos os livros de ocorrência porque eles não interessam a ninguém. Nós fazemos as ocorrências somente para intimidar. Os livros de ocorrências só foram feitos depois do Mário Penido³⁶. No tempo dele não tinha bagunça. O aluno sabia que

³⁵ - Benjamin, Walter. Op. cit.

³⁶ - Diretor da Escola no final da década de 60 (1960) e década de 70 (1970).

se chegasse nele, ia suspenso mesmo.

Depois do Sr. Paulo³⁷ complicou muito. Ele não tinha muita autoridade. Foi aí que nós inventamos o livro de ocorrência. Então, o livro de ocorrência intimidava. Só que achamos que não precisava guardá-los.

A orientadora educacional fazia as ocorrências e guardava na sala dela. As ocorrências eram sigilosas e nem tinham tanta importância, porque eram só para intimidar. Nós continuamos a fazer as ocorrências, mas, no final do ano a gente destrói o livro e começa outro no ano seguinte. Neste ano ainda não fizemos ocorrência até agora.”

Até a década de 70 (1970) “não tinha bagunça”. O aluno sabia que “ia suspenso mesmo” se chegasse ao diretor.

Disciplina rígida e autoritária, assentada num sistema hierárquico. Depois... o diretor perdeu a autoridade.

“Aí ... inventamos o livro de ocorrência...” Ocorrência somente para “intimidar”...

A intimidação provoca naquele que a recebeu o medo do castigo, da repressão, da sanção.

O medo³⁸ é uma das principais experiências que temos de nossa condição humana. Ele é o primeiro e o mais visível persuasor da submissão do homem que tenta garantir a sua vida. A necessidade de segurança é fundamental e constitui a base da afetividade e da moral do homem. Assim, a insegurança é o símbolo da morte e a segurança é o símbolo da vida.

O medo, que nasceu com o homem e faz parte da própria vida, se transforma em algo essencial e uma garantia contra os perigos. Sendo inerente à natureza humana, o medo é o reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente das punições.

Através dos tempos, o medo foi utilizado para dominar. O poder funda-se essencialmente

³⁷ - Diretor na década de 80 (1980)

³⁸ - Sobre o medo ler: Ribeiro, Renato Janine. Ao Leitor sem Medo; e Delumeau, Jean. História do Medo no Ocidente, Op. Cit.

na submissão. Ao intimidar o aluno que se “desvia” das normas da escola, a supervisora que afirma a falta de autoridade do diretor utiliza o livro de ocorrências que é destruído ao final do ano. Mudam-se, portanto, os dispositivos que regulam o tempo, o espaço e o comportamento dos alunos.

Mas continua o medo...

O livro de ocorrências, que provocava e registrava o medo dos alunos, por sua vez, é causador, também, de medo ou talvez de vergonha naqueles que o utilizavam, por isso, foi queimado. Não há outra justificativa para a sua destruição.

Os livros de atas de reuniões e termos de visitas do inspetor escolar estão bem conservados e organizados e propiciam, àqueles que neles pesquisam, uma visão clara do funcionamento da escola, desde o início na década de 20 (1920).

A disciplina sempre foi considerada como “um valor a ser cultivado” e o professor é o seu guardião”.

Assim, encontrei registrado em 6 de dezembro de 1943 o seguinte termo de visita:

“Acompanhando os trabalhos desta época, procurei dar perfeito desempenho à missão que o Exmº Sr. Dr. Secretário me confiou. Tive, mais uma vez, ocasião de observar o esforço e o trabalho dos Srs. Professores, bem como a boa vontade e grande dedicação dos alunos, que se integram, inteiramente, no espírito de disciplina e de ordem.

Todo êxito de uma carreira depende do entusiasmo e da fé que a ela dispensamos. A educação – fim culminante da escola – só será realmente séria, se nela os Srs. Professores puserem mais do que a inteligência – o próprio coração.

Que Nosso Senhor nos ajude em nossa tarefa, que abençoe o nosso trabalho, a fim de que, dentro de nossas escolas, se forme o ótimo cidadão para o Brasil.

Itaúna, 6 de dezembro de 1943

Nair Gonçalves de Sousa – fiscal”

Confiança...

Disciplina e ordem...

Fé...

Proteção divina...

Para um trabalho onde deve-se colocar o “próprio coração”

A missão dos mestres ia além da responsabilidade de transmitir conhecimentos. Eles eram também responsáveis pela formação dos espíritos, pela inculcação de virtudes, pela formação do “ótimo cidadão para o Brasil”.

Quem seria este ótimo cidadão?

Em abril de 1960, foi elaborado o regimento da escola, onde são definidos os deveres dos alunos bem como as penas disciplinares.

O regimento da escola aparece como regulador de todo funcionamento da escola e principalmente do comportamento do “corpo discente”.

A exigência do “bom comportamento” é dever do aluno não só no recinto da escola como também fora dela. Dessa forma, a educação escolar adquire um aspecto totalizador que se utiliza de um processo de vigilância constante e da delação para corrigir e reeducar os alunos.

O regimento da escola registra:

“Título Quinto

Do Corpo Discente

Dos Deveres dos Alunos

Art. 76º - São deveres dos alunos:

- a) Conduzir-se irrepreensivelmente não só no recinto do estabelecimento como também fora dêles;*
- b) Cumprir com pontualidade e assiduidade o horário escolar;*
- c) Executar os trabalhos escolares determinados pelos Professores;*
- d) Respeitar e acatar a autoridade do Diretor, Professores e inspetores de alunos;*
- e) Tratar com urbanidade e respeito os funcionários do estabelecimento, os colegas e outras pessoas que exerçam qualquer atividade no Colégio;*
- f) Respeitar as instituições pátrias e escolares na realização dos programas cívicos;*
- g) Zelar pela conservação dos edifícios e pátios, do material escolar e dos seus utensílios de estudo;*
- h) Trazer, diàriamente e em ordem a caderneta escolar;*
- i) Participar das atividades sociais, literárias e esportivas do Colégio, comparecendo às solenidades comemorativas e sessões de trabalhos extracurriculares;*
- j) Proceder com honestidade nas provas de exames e demais trabalhos escolares;*
- k) Observar os preceitos de higiene individual;*
- l) Usar o uniforme escolar.*

Verdadeiro “Código de Civilidades”...

O aluno tem que se sujeitar à submissão e à obediência, aprendendo através das regras a comportar-se dentro e fora da escola.

É assim que no espaço escolar, totalmente ordenado para a realização dos deveres, cada um, num tempo cuidadosamente regulado, tem que submeter-se às regras, acatar a autoridade do diretor, dos professores e dos inspetores de alunos.

A infração a qualquer regra determina as penas disciplinares impostas aos alunos. E as penas são severas. Elas vão da anulação dos trabalhos até a expulsão dos alunos infratores.

No Capítulo 2º está determinado:

Das Penas Disciplinares

Art. 77º - São penas disciplinares aplicáveis aos alunos:

- a) advertência em sala de aula;*
- b) anulação de trabalho escolar;*
- c) advertência pela Diretoria;*
- d) suspensão por 5(cinco) a 30 (trinta) dias;*
- e) suspensão de frequência às aulas por 1 (um) a 3 (três) dias;*
- f) exclusão de exame e anulação de prova;*
- g) cassação da matrícula mediante guia de transferência;*
- h) suspensão por um ou dois anos letivos;*
- i) expulsão do Colégio.*

Art. 78º - São da atribuição dos Professores as penas das letras A, B e F; são de atribuição do Diretor as penas das letras C, D e E; são de atribuição da Congregação as penas das letras G, H e I.

Art. 79º - Na imposição das penalidades previstas no artigo precedente observar-se-á o seguinte:

- a) incorrerá proporcionalmente ao número de incidências e de acordo com a natureza e gravidade da falta nas penas das letras A, B, D e E o aluno que deixar de cumprir os deveres que lhe são impostos pelo Regimento;*

- b) incorrerá na pena da letra F o aluno que perturbar a boa ordem das provas, usar de meios ilícitos na realização da prova ou trabalho;*
 - c) incorrerá na pena da letra G o aluno que, pela reincidência freqüente na observância dos seus deveres for considerado inconveniente à boa ordem e disciplina do Colégio e o que for reprovado duas vezes consecutivas nas mesmas séries;*
 - d) incorrerá nas penas das letras H e I o aluno que praticar atos graves contrários à moral ou às instituições pátrias, ou cometer falta grave que implique em respeito à autoridade do Diretor ou membro dos corpos docente e administrativo e o que cometer falta sujeita às leis penais do país.*
- § único – As penas das letras G, H e I sòmente serão aplicadas após inquérito disciplinar.”*

Vigilância...

Delação...

Mecanismos para garantir a disciplina...

O castigo constituía uma forma de impor uma disciplina rígida e ao mesmo tempo colocar em prática a autoridade dos professores. As penas disciplinares, passando pela advertência, anulação de trabalho escolar, suspensão das aulas, exclusão de exame e anulação de prova são mecanismos que garantem a disciplina da escola, que foram e ainda são, como pude verificar nos registros, utilizados, freqüentemente, na escola. Através dos mecanismos disciplinares cria-se uma cultura do medo e ao mesmo tempo uma cultura da culpa. É dessa forma que o aluno assume a sua advertência e a assina. Por outro lado, há sempre o medo da exclusão da escola, seja através da transferência, da suspensão por um ou dois anos letivos (o que faria o aluno durante este período?) ou da expulsão do colégio.

E o rigor disciplinar se estendia para além dos muros da Escola Normal de Itaúna, conforme pode-se constatar no seguinte registro:

“Ata de Reunião Extraordinária da Congregação do Colégio Estadual de Itaúna

Aos dez dias do mês de março de mil novecentos e setenta e hum, às 10 (dez) horas, por convocação prévia do Diretor do Colégio Estadual de Itaúna, Reverendo Cônego José Ferreira Neto, reuniram-se os professores do Colégio, na sala para este fim destinada. O Diretor declarou que havia convocado o corpo docente em geral em caráter extraordinário a fim de relatar-lhes fatos que reputava de relevância para a disciplina do estabelecimento. Começou dizendo que no ano letivo de 1970, houve sério desentendimento entre duas alunas do terceiro ano ginasial, por motivos que mais tarde veio a saber através das próprias colegas das duas alunas. Dizia-se que uma delas era “amante” do pai da outra e que o fato era notório na cidade com reflexo no Colégio, e especialmente dentro da classe a que pertenciam as mencionadas duas alunas. Para que se não atingissem a dignidade, honra da boa fama das demais estudantes das terceiras séries, ou para que ficassem fora de qualquer suspeita, o Diretor seria forçado a declinar o nome das alunas implicadas. Depois de fazer a identificação, o Diretor apurou o fato, apenas no aspecto em que ele passava a interessar a moral e a disciplina geral do Estabelecimento. Como a aluna sobre quem pesava a acusação de conduta duvidosa, fora do Colégio, se afastasse espontaneamente, deixando de freqüentar as aulas, julgou que a melhor solução seria esperar. Já que o incidente passou a ser praticamente esquecido. Por infrequente a mencionada aluna, foi reprovada. Sua ausência prolongada restabeleceu a disciplina da classe, ou sala de aula. Eis que, em princípios deste ano, a aluna, embora reprovada, requereu matrícula no terceiro ano, como repetente. Explicou o diretor ainda, que durante o período em que aquela aluna esteve afastada por motivos particulares dela, recebeu ele varias denúncias de pessoas idôneas, inclusive de familiares do amante, ou suspeito amante da aluna, sobre fatos graves, atentatórios da moral e dos bons costumes – e que comprovavam as suspeitas existentes. – Em prosseguimento, disse o Diretor, completando seu relato, que ao ter conhecimento do pedido de matrícula da aluna em questão, convocou-a pessoalmente, e dela, em presença do Secretário Prof. José Correia de Camargos e do Professor José Gomes Miranda, este membro do conselho disciplinar, obteve a confissão espontânea da aluna, confirmando os fatos contra ela apontados. Esclareceu o Diretor que a aluna fez-lhe a

revelação desses mesmos fatos, espontaneamente, e em presença das testemunhas, ao Diretor do Colégio e não ao Sacerdote, como aliás de evidência pelas próprias circunstâncias de publicidade do ato. Diante disso, o Diretor fez um breve relato sobre o caso na reunião dos professores em 25 do mês de fevereiro, tendo alguns a que o Diretor indefirisse a matrícula, a que a aluna estaria impedida a bem da disciplina e da moral do estabelecimento. Como naquela reunião não houvesse uma deliberação geral da Congregação, solicitava o pronunciamento de cada professor sobre o assunto, acrescentando que havia indefirido a matrícula. Posto, a seguir o assunto em discussão, vários professores fizeram uso da palavra, solicitando esclarecimentos sobre a conduta da aluna em questão, sua ficha escolar, graus de aproveitamento, situação familiar, etc.. Findo o debate, foi a matéria posta em votação, individual, tendo a unanimidade dos professores votado pelo indeferimento da matrícula, ou pela manutenção do despacho denegatório ao ingresso da mencionada aluna no estabelecimento. Os Professores Marco Elísio Chaves Coutinho, Antônio Nogueira Gontijo e Ieda de Paula Machado Borges sugeriram que se desse a transferência da aluna para outro estabelecimento sem qualquer referencia aos motivos que a impediram de matricular-se no Colégio Estadual de Itaúna. O professor Antônio de Oliveira justificou o seu voto contrário à matrícula na exposição feita pelo Diretor. O Professor José Luiz Gonçalves Guimarães foi designado para a lavratura desta ata. Igualmente a professora Hilda de Sousa Coutinho sugeriu que se concedesse a transferência da aluna a outro estabelecimento. E, como de nada mais se tratasse, suspendeu-se a reunião pelo tempo necessário à lavratura desta ata. Reaberta a sessão, foi a presente lida e unanimemente aprovada, sem restrições. Do que tendo para constar, eu José Luiz Gonçalves Guimarães lavro e assino com os demais.”

Para o diretor-sacerdote parece que na escola não poderia existir perdão, portanto, em nome da moral, a aluna é excluída do convívio da escola para não atingir “a dignidade, honra e boa fama das demais estudantes”.

Pedras e telhados de vidro

Não me julgueis presunçoso se digo: ninguém realmente vive sua vida. As pessoas são acidentes, vozes, fragmentos, medos, banalidades, muita alegria miúda, já crianças, envoltas em dissimulação, quando adultas, máscaras, como rostos _ mudas.

R. M. Rilke

A “boa sociedade” compõe-se de uma rede de relações sociais onde o grupo central, mais destacado e determinante, cuida para que o sistema de normas e valores seja mandamento obrigatório para todos os indivíduos.

O círculo de normas e preceitos é traçado com nitidez e a censura e pressão da vida social faz com que os jovens se submetam ao padrão de comportamento exigido pela sociedade. Aqueles que não se submetem têm que “renunciar” à convivência em seu círculo de sociedade e à participação em seu grupo social.

Assim é na escola... assim é no Automóvel Clube... assim é na família...

O Diretor-Sacerdote convocou a aluna pessoalmente e obteve a sua “confissão espontânea”.

A afirmação de que a “confissão espontânea da aluna, confirmando os fatos contra ela apontados”, ao “Diretor do Colégio e não ao sacerdote” parece querer demonstrar que não houve coação e que se podia separar a imagem do sacerdote da imagem do diretor. A “confissão” foi obtida pelo Diretor na presença do Secretário e de um membro do conselho disciplinar, quando a aluna confirmou “os fatos contra ela apontados”.

Sabe-se que toda e qualquer pergunta realizada durante um interrogatório é meio utilizado pelo poder de penetração na parte mais íntima do indivíduo. Por vezes, a pergunta invade tão profundamente o indivíduo que “corta feito navalha o corpo do interrogado”.³⁹ Corta-se, provoca-se uma dor para saber coisas sobre as quais já se sabe.

Dessa forma, o efeito das perguntas realça o sentimento de poder daquele que interroga. O interrogado se acha a mercê do interrogador e se submete tanto mais quanto mais cede às perguntas. Assim, “a “confissão” “espontânea”, “de livre vontade” da aluna, confirmando os fatos contra ela apontados”, satisfaz aquele que interroga e justifica o seu afastamento para que a disciplina e moral fossem restabelecidas na escola.

O interrogatório, dirigido pelo diretor-sacerdote contra a aluna que se acha numa posição de mais fraca, tem o objetivo de saber o quanto a aluna interrogada era ou poderia se tornar perigosa: era necessário resguardar os bons costumes e a moral.

Dáí pode depreender a criação de um sistema de perguntas que sirva de controle para as respostas, que devem parecer naturais, espontâneas. E, sabe-se, quanto mais exigentes são as perguntas, maior a tirania do interrogatório, que obriga o interrogado a se situar em um determinado lugar e a aí permanecer enquanto o interrogador pode atacar de qualquer ângulo.

A aluna “errou” e atentou contra “a moral e a disciplina geral do Estabelecimento”. Portanto deve ser castigada. A trama delicada de controles induzida nos jovens através do exemplo e das ações dos adultos é reforçada constantemente pelas palavras: “pense antes de agir”, “pense no futuro”, “pense em seus pais”, “pense na sua honra”. “pense em Deus”, “seja educado”, “seja prudente”, etc, etc, etc.

Parece que o processo de julgar proporciona um prazer que é inconfundível: a alegria de

³⁹ - Ver Canetti, Elias, Op. Cit. Pág. 317

julgar é uma alegria dura e cruel e a sentença somente é uma sentença, quando é emitida com segurança atemorizante de tal forma que ela ignora a bondade e a prudência.

O prazer da sentença pode ser explicado pelo pressuposto de que quem sentencia, pertence a um grupo melhor e o sentenciado, a um grupo inferior.

Ao rebaixar o outro nós nos elevamos e sentimos que o dever foi cumprido. O Diretor convocou o “corpo docente em geral, em caráter extraordinário, a fim de relatar-lhes fatos que reputava de relevância para a disciplina do Estabelecimento”.

A existência da dualidade, que representa valores opostos, é considerada como natural e necessária. Tudo o que é bom existe para que se destaque do que é mau. E nós mesmos decidimos o que pertence a um campo ou a outro.

O que assumimos dessa forma é o poder de juiz que se conta entre os bons, pois a legitimação do seu cargo repousa, em grande parte, no fato de ele pertencer, inabalavelmente, ao campo do que é bom, como se tivesse nascido ali.

A separação entre o “bem” e o “mal” é um método antiquíssimo de classificação dualista.

Qualquer pessoa, nos mil relacionamentos de sua vida, pertence desta forma a inúmeros grupos de “bons”, que opõem a um número igualmente enorme de grupos de “maus”.

Não pode haver a menor dúvida de que muitas proibições existem apenas para sustentar o poder dos que podem punir ou perdoar transgressões. A graça é um ato muito elevado e concentrado de poder, pois pressupõe a condenação.

Quem castiga tomará cuidado para não ser excessivamente clemente; mesmo quando aparenta clemência, quando se comporta como se a dureza da execução contrariasse a sua natureza mais íntima, ele se sentirá na necessidade de recorrer a ela pelo sagrado dever de castigar.

É assim que “... a bem da moral e da disciplina do estabelecimento” o Diretor, com a “aprovação da unanimidade dos professores”, indeferiu a matrícula da aluna.

Ao “errar” e, conseqüentemente, “perder a honra”, o indivíduo tem que arcar com a perda de status e passa a ser recusado como membro da “boa sociedade”.

Os professores cujos nomes aparecem na “Ata”, pertencem à boa sociedade de Itaúna e, portanto, do Automóvel Clube e a ata foi redigida pelo professor Dr. José Luiz Guimarães, então, o advogado de maior prestígio na região.

O controle dos alunos da escola não pode permitir que um só saia da linha, uma vez que a moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, o hábito de ligar os fatos em elos de causa e efeito fazem parte da conduta e devem ser implantados de tal forma que passam a se tornar parte da natureza do indivíduo. Dessa forma, o indivíduo sente a necessidade de comportar-se corretamente, em todos os espaços e tempos, exigindo dele mesmo um autocontrole consciente e uma regulação de todos os impulsos emocionais. Sobre a aluna pesava a acusação de conduta duvidosa, fora do colégio.

Uma pressão constante no sentido de inibir as explosões emocionais faz com que os adultos induzam modelos de comportamentos que precisam ser implantados desde a infância. Dessa forma o indivíduo é treinado para se auto-controlar e para conformar-se. A aluna se afastou “espontaneamente” do Colégio, “deixando de freqüentar as aulas”.

É possível que a conformação possa ser explicada pelo desejo de pertencimento, de estar inserido na sociedade, de se destacar, de fazer parte, mas, também, pelo medo e pela vergonha.

*“Começamos a olhar o medo... o medo grande... e a pressa... O medo é uma pressa que vem de todos os lados, uma pressa sem caminho.”*⁴⁰

Guimarães Rosa

⁴⁰ - Rosa, João Guimarães. 1984. pág. 311. op. cit.

“Pelas margens”, seja através da literatura, seja através dos relatos frios que encobrem sentimentos, é preciso buscar o caminho... com pressa... mas, sem medo. Sem medo de fazer o retrato dessa instituição que, em cada período histórico, de suas origens à conjuntura atual, através de currículos, programas, métodos, processos e atividades, com uma força própria, engessa e cristaliza pensamentos e ações.

Assim, a organização escolar, entendida como produtora de uma cultura escolar organizada por um conjunto de normas e práticas produzidas historicamente, define os saberes a serem ensinados, bem como as condutas a serem inculcadas ou modificadas.

Através dos tempos e, ainda hoje, escola bem organizada e o bom mestre, elogiosamente descrito em muitos textos literários, persistem na visão de muitos professores que continuam fiéis à idéia da disciplina automática, autoritária e rígida como condição para a formação da criança. Isto permite pensar que a “criança” deve ser, exatamente, como a escola quer que ela seja. Dessa forma, é possível perceber o lugar da escola no processo “de produção e mesmo de reprodução de hábitos, estilos de vida e visão de mundo”⁴¹ na cidade de Itaúna.

Pensando no Lugar Social da Escola e no Papel da Escola Normal

*“Luego pasaremos a la escuela, o sea, a esse conjunto organizativo y cultural que te há deseducado por completo y que te coloca ante mi como un pobre idiota, humillado, degradado incluso, incapaz de comprender, atrapado en un cepo de mezquindad mental que entre otras cosas te angustia.”*⁴²

*Pasolini*⁴³

⁴¹ - Ver Uhle, op.cit.

⁴² - Logo passaremos à escola, ou seja, esse conjunto organizador e cultural que te deseducou por completo que te põe diante de mim como um pobre idiota, humilhado, inclusive degradado, incapaz de entender, preso a um tronco de mesquinharia mental que entre tantas coisas te angustia.

(tradução livre)

⁴³ - Passolini, 1997. p.32

A angústia de Genariello, descrita por Pasolini, não será a mesma de todos aqueles que, para serem aceitos e para sobreviver, devem renegar a si mesmos e fingir que a experiência vivida é normal?

A escola vista, não apenas como um lugar de instrução mas, também, como uma instância de difusão de saberes e de formação técnica deixa entrever nas aprendizagens nela desenvolvidas uma lógica de socialização que implica um modo de subjetivação.

Assim, a escola engendra o modo de socialização escolar que serve para enquadrar os jovens e adultos no seu processo de apropriação do saber, do saber-ser e do saber-fazer, julgados socialmente apropriados. É dessa forma que a cultura escolar composta por um conjunto de regras, define os conhecimentos e as condutas a ensinar e, ainda, um conjunto de práticas escolares que permitem a transmissão e a incorporação daqueles conhecimentos e comportamentos.

Portanto a análise da função social da escola passa, forçosamente, pela análise dos agentes que dão vida a esta instituição. As normas e as práticas escolares não podem ser analisadas sem levar em conta os agentes que são chamados a obedecer às ordens e a utilizar os mecanismos pedagógicos que facilitam a execução das mesmas. Por outro lado, não se pode ignorar que para além da escola, pode-se identificar modos de pensar e de agir, largamente difundidos no interior de nossa sociedade, que atravessam diversas instituições e entre elas, a própria escola. Em nenhum momento, em nenhum lugar, por mais autônoma que seja, uma unidade de ensino não pode esquecer a sua relação com outros espaços sociais, como a religião, a política, a “boa sociedade”, etc.

Assim, as regras escolares se fundamentam em regras gerais, mormente impessoais. Portanto, a codificação da organização das próprias práticas e saberes escolares é análoga aos processos extra-escolares de organização e de exercício do poder.

A exigência de um comportamento que tenha por finalidade servir de exemplo, faz com que o mestre se submeta a uma regra comum, que não resultou de uma convenção entre pessoas mas, sim, resultante de uma regra suprapessoal.

A criação e instalação da Escola Normal que marcou o fim do mestre-artesão, do mestre amador, leigo, marcou, também, a instauração da profissão de professor primário e, correspondentemente, o controle do ensino elementar.

O professor de ensino primário surgiu com uma dupla tarefa: a de ensinar a ler, escrever, contar e a de “formar a infância”, definindo-se esta atividade como um “ministério moral”. Portanto, além da instrução, cabia ao mestre estudar as regras que determinavam os “bons costumes” e definiam as condutas sociais. O mestre deveria, pois, ser um agente escolhido, cuidadosamente formado e estreitamente vigiado para realizar a tarefa de “educar as crianças”.

Em nome da ordem exigia-se, do professor e do aluno, o respeito aos lugares pré-determinados e aos horários estabelecidos, o bom relacionamento com as pessoas, o que implicava na submissão aos mais velhos _ “no meu tempo, quando o pai falava, a gente abaixava a cabeça” _ e a dedicação aos estudos dos saberes escolares. A aceitação e interiorização das normas escolares funcionavam como condição prévia para a tentativa de apropriação do “saber”. Assim, a escola regida por um conjunto de regulamentos apelava para que seus alunos se submetessem a uma ordem social precisa, sem recusas e sem resistências.

Para conseguir o silêncio e a imobilidade das crianças, o mestre deveria ter todas as atividades, dos exercícios às brincadeiras, criteriosamente calculadas e não poderia perder de vista os movimentos de seus alunos, inclusive no recreio, como atestam os registros escolares. A vigilância incansável para manter a ordem e a disciplina fazia com que o professor nunca deixasse um aluno desocupado. A vigilância, o silêncio e a ordem sintetizavam a própria disciplina escolar que valiam tanto para os professores quanto para os alunos.

É importante destacar que as Escolas Normais se estabeleceram sob a égide da austeridade da disciplina.

A calma e o recato que fazia sobressair o ar solene e reservado, o espírito de vigilância e, ainda, o exemplo de responsabilidade, de bondade e de dedicação eram qualidades essenciais do mestre.

Assim, a delação, as ameaças, as expulsões corroboradas no “Regimento Escolar” de uma Escola Normal, de formação de professoras, parecem tão naturais e indispensáveis como algo que sempre existiu e devia existir para salvaguardar os bons costumes e a moral.

A direção da Escola Normal de Itaúna àquela época, de 1966 a 1971, estava sendo exercida pelo Cônego José Ferreira Neto⁴⁴, após uma situação bastante conturbada, de efeito moral, pelo relacionamento do ex-diretor da escola com uma aluna. Este ex-diretor foi afastado do estabelecimento, tendo respondido a processo penal. Cabia, portanto, ao Cônego a tarefa de restaurar e manter a moral e bons costumes no Colégio Estadual.

Nesta situação pode-se perceber o princípio da interdependência que governa a sociedade moderna⁴⁵, onde cada segmento está conectado com todos os outros: igreja, escola, clube...

⁴⁴ - É interessante observar que o Cônego José Ferreira Neto foi vigário de Itaúna de 1943 a 1985. Durante este período, ele esteve presente em todos os acontecimentos da cidade e nos “livros dos Tombos” ele registrou, religiosamente, todos esses acontecimentos. (Ver fotos em anexo) Aos 93 anos, o Cônego José Ferreira Neto, ainda lúcido, tem muitas histórias para contar.

Na sua biografia consta o seguinte:

“Diversos de seus pastores, no início da década de 1940, quando o nazi-facismo ameaçava dominar o mundo e muitas de suas concepções foram introduzidas no País pela messiânica oratória de Plínio Salgado, invocando inspirações aparentemente cristãs e brandindo a ameaça comunista, se deixaram seduzir por esta pregação fundamentalmente anti-cristã. O pároco José Ferreira Neto, fiel aos ensinamentos bíblicos autenticamente interpretados pelo Vaticano, permaneceu imune à pregação totalitária. Nas décadas de 1970 e 1980, quando diversos pastores, não absorvendo bem, intelectualmente, a Teologia da Libertação, que contém, em si, vários aspectos positivos e se espalhou pela América Latina, passaram, conscientemente ou não, na impossível tentativa de conciliar o inconciliável, cristianismo e teoria marxista, a aceitar a luta de classes como base de interpretação da sociedade e da história, assim mais uma vez, não aceitou a pregação igualmente totalitária.”

Souza, Miguel A. G. de. Itaúna: 1765 – 2000. BH: Santa Clara, 2002. pág.517

⁴⁵ - Ver Lasch, Christopher. Op. Cit.

Naquele momento, “somente” o Cônego, que “representava” a própria moral, poderia restabelecê-la naquela instituição.

Assim, pode-se também, explicar o fato de todos os professores ficarem “contra a aluna”, como se fossem todos eles “guardiões da moral e dos bons costumes”.

A interiorização, pelos professores, dos valores, normas e princípios sociais exercitados no interior da escola normal contribuiu para assegurar a adequação entre as suas ações na prática pedagógica e na sociedade.

Portanto, os professores, ao colocarem em prática as exigências institucionais da escola, representadas pelas normas disciplinares, programas, atividades extra-classe, etc., podem, devido às suas próprias atitudes e práticas, propiciar aos alunos, um conjunto de categorias de pensamento, de códigos, de percepção e apreciação que contribuem para a classificação dos homens e das coisas. Através das pressões e do controle faz parecer que o comportamento socialmente desejável é gerado, voluntariamente, pelo próprio indivíduo e por sua própria iniciativa.

Sabendo-se que o indivíduo não se opõe à sociedade, ao contrário, é elemento da própria sociedade, há que se considerar que os professores têm um certo número de interesses fundamentais em comum, ligados à própria existência do grupo o que permite, entre eles, uma cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos.

Dessa forma, a culpabilização dos alunos, que não se enquadram nas normas da escola e da sociedade, tem o aval de todos os professores. Por outro lado, a “confissão espontânea” do desviante “permite” a sua exclusão, o que devolve a paz, a segurança e fecha a brecha que atingiu o muro protetor que envolve a escola.

Assim, o sentimento de pertencimento ao grupo, é mantido através da disciplina escolar que concorre para a formação do indivíduo reservado, comedido, que convém ao grupo, à sociedade e à família.

As sanções corporais ou morais (a vara de marmelo do mestre-escola ou a cadeirinha do pensamento do professor da pré-escola e do ensino fundamental, entre outras) surgem simplesmente como atributos da legitimidade da ação do professor.

É assim que a disciplina rígida, os castigos, os exames e o medo da “segunda época” não tiram do memorialista o prazer de lembrar a Escola Normal. Maria Lúcia M. de Oliveira⁴⁶, escritora itaunense, pinta a Escola Normal de Itaúna de cores maravilhosas:

“Tempo de estudante. A vida, uma alegria; o mundo, eterna esperança. A Escola Normal, um Ateneu de Raul de Pompéia, com duas diferenças: sem internato e sem a figura doentia e ameaçadora de Aristarco. No mais, disciplina rígida, professores excelentes e toda uma juventude que ali buscava formação e conhecimento...”

“...Éramos uma juventude sadia, sem o flagelo das drogas, juventude que aceitava, sem angústias ou revolta, o tênis já surrado, livros de segunda mão, os bolsos sempre vazios... Tínhamos sim, uma certa insegurança própria da idade e uma preocupação constante durante o ano: ficar em segunda época.”

“...Ali vivia-se plenamente o disse que Ovídio Decroly: “A escola da vida, para a vida e pela vida”. Num ambiente de amor e dedicação ao trabalho, nossos mestres empenhavam-se em dar aos alunos o máximo em matéria de ensino...”

“Em 1961 terminamos o Curso de Formação e deixamos a Escola para sempre. Éramos vinte e uma jovens professorandas ligadas pela amizade de muitos anos desde o curso ginásial. Juntas participamos deste tempo bom e inesquecível da vida de estudantes. Quando os sonhos ainda eram verdades...”

⁴⁶ Oliveira, Maria Lúcia M. de. Recado (em Pedras e Pétalas). Belo Horizonte: Editora Lemi S A , 1982

Também a memorialista Maria Batista Bechelaine⁴⁷ que se formou em 1934, na Escola Normal, ao final de um texto, no qual tece louvores a esta escola, diz:

“Todas as alunas, aqui formadas, levavam para suas cidades muita vontade de ensinar, de transmitir tudo o que aprenderam, de alfabetizar. Contribuíram para melhorar a vida de muita gente. Foi grande o impulso emanado da Escola Normal de Itaúna para muitos municípios mineiros. Para isso contribuíram com grande esforço, dedicação e ideal, os professores que ali lecionaram.”

Analisando a descrição das duas memorialistas realizadas num espaço de tempo de trinta anos percebe-se que as lembranças trazem apreciações semelhantes sobre o tempo vivido na Escola Normal.

As duas lembram-se da Escola Normal e do tempo de estudantes como um local e um tempo muito bom, de sonho ou de quando os “sonhos eram verdades”.

Destaca-se que até o início da década de setenta o corpo docente da Escola Normal era composto pelas pessoas mais influentes da sociedade, a maioria do sexo masculino. Isto porque eram os médicos, advogados e engenheiros do Município, os professores do curso normal. Somente duas professoras lecionavam no curso normal: uma lecionava desenho e trabalhos manuais e a outra, música, canto e educação física.

A Escola Normal parece ter exercido uma influência que aparece na representação que dela se fez. Assim, observa-se na fascinação pela escola, e no vínculo sentimental, descrito pelas duas

⁴⁷ - Bechelaine, Maria Batista. Traços de Giz em Quadro Negro: Memórias de uma estudante que se tornou professora. Belo Horizonte. Editora O Lutador, 1999.

memorialistas, uma visão meritocrática da escola⁴⁸.

A Escola Normal, além do ensino de conteúdos que as preparou para a profissão, ofereceu-lhes, igualmente, a educação geral que contribuiu para a aprendizagem das boas maneiras, o refinamento das condutas, o uso da linguagem, a postura corporal e o modo de vestir.

A profissão da “professora primária” era essencialmente feminina e por isso, era necessário desenvolver as “atitudes femininas de educadoras e as qualidades de coração” que facilitasse o exercício do magistério como missão e com total dedicação.⁴⁹

Portanto, os mecanismos de seleção e formação das moças do curso normal parecem ter contribuído para que todas elas adquirissem os traços gerais de uma qualificação profissional e, ao mesmo tempo, para a valorização das características de ordem, submissão, recato que lhes deram o que se poderia chamar de qualificação social e matrimonial. Daí a necessidade de um currículo que privilegiava o ensino de trabalhos manuais, útil desde a confecção do enxoval aos cuidados da casa; o ensino da música e do canto coral, que refinava o gosto e, ainda, o ensino das boas maneiras necessárias para o pertencimento à boa sociedade do Automóvel Clube.

⁴⁸ A influência da escola Normal reporta-me à leitura de: Faguer, Jean-Pierre no seu livro *Khâgneux pour la vie. Une histoire des années soixante*. França. Centre D’Etudes de L’emploi. Dossier 5. Nouvelle Série. 1995.

Para esse autor a Khâgne era um lugar de aprendizagem de uma profissão, mas, também, de aprendizagem social.

⁴⁹ – sobre a história da profissão do mestre ler Muel-Dreyfus. Op. Cit.

Concluindo: Da Vara de Marmelo à Cadeirinha de Pensamento, os Elos se Unem.

“O passado, conservando o sabor do fantasma, recuperará a luz e o movimento da vida, e se tornará presente”.

*Baudelaire*⁵⁰

A educação que os objetos, as coisas, a realidade física dão a uma criança, convertem esta criança no que ela será durante toda a vida.⁵¹

Os prédios imponentes da Escola Normal, do Automóvel Clube e da Igreja Matriz; os rituais das festas religiosas _ a primeira comunhão, a páscoa, a coroação de Nossa Senhora, no mês de maio _ os bailes de gala, a parada de Sete de Setembro, cuidadosamente preparados através de longos ensaios, são “coisas” guardadas e carinhosamente lembradas pelas professoras.

Ao mesmo tempo, superpondo-se às coisas, as palavras e os exemplos dos pais e professores contribuíram para que as condutas adequadas e desejadas pela sociedade fossem garantidas como se fossem naturais.

E, assim para salvaguardar a moral e os bons costumes exigidos socialmente e a disciplina escolar, de forma cruel, a escola do passado, conforme atestam os documentos, ia eliminando os alunos que não se enquadravam dentro do “ambiente harmonioso” da escola. Salvavam-se, também, as professoras que, livres dos alunos desobedientes, difíceis e burros, podiam exercer a “nobre missão” que lhes era confiada pela família, com o apoio da igreja e da sociedade, da forma como era esperada: com dignidade e respeito e, mesmo mascarando os sentimentos através do controle das emoções, davam o exemplo através de uma conduta rígida e austera.

⁵⁰ - Baudelaire, Charles. Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna. Op.cit.

⁵¹ - ver Pasolini, Pier Paolo. Op. Cit.

Os alunos dóceis, obedientes, estudiosos, selecionados pela escola, eram premiados e privilegiados por possuírem as professoras bondosas, responsáveis e queridas.

Foi dessa forma que o passado veio, devagar, ao encontro da minha própria experiência. Sinto que desvendando este passado, eu vejo “o inferno dessa coisa chamada escola”, como diz Adélia Prado, e assumo os seus problemas.

A figura de Arlete volta à minha memória...

E o seu olhar continua a me desafiar...

Vejo aquele olhar, no olhar das crianças de hoje, para as quais a escola e tudo aquilo que dela decorre – deveres, lições, horários, imobilidade, fila, silêncio – podem parecer como ocasião de sofrimento, de punição, de privação, de dor...

No movimento que faço entre a minha própria vida e a vida de tantas e tantas professoras, penso nas centenas de alunos, entre eles, nós mesmas, nos quais o agulhão das ordens e dos castigos escolares permanecem, “secretos e invisíveis, armazenados para sempre”⁵².

E eu compreendo que é fácil, para os alunos de hoje, esquecer os objetos escolares, que representam a origem de uma experiência dolorosa, bem como de “fugir” dos controles, também dolorosos, da sala de aula, através de brincadeiras, conversas, bilhetinhos, aviõezinhos, bolinhas de papel, gestos...

⁵² – Sobre o assunto ler Canetti, op.cit.

E eu penso que há esperança, para essa “coisa” chamada escola, quando observo e converso com esses alunos.

Lembrando Carlos Drumond de Andrade:

*Não há que desesperar do homem.
Temos ainda – arca de surpresas – os meninos,
E é proibido antecipar a sorte.
Degustam bem aventuradamente um naco de melancia, acomodam-se
numa caixa de biscoito, aderem ao Carnaval.
Seus olhos profundos indagam: - que fazes por mim?
Não sabemos responder – os meninos continuam,
Esperança de todos os dias e promessa de humanidade.*

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. S. Paulo. Ática, 1979.
- AMAS. **Famílias de Crianças e Adolescentes: diversidade e movimento**. AMAS. Belo Horizonte, 1995.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Confrontos na sala de aula**. São Paulo: Summus, 1996.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e prática**. São Paulo, Summus, 1996.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drumond de. **Contos de Aprendiz**. 9ª ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio. Editora Sabiá. 1973
- ANDRADE, Carlos Drumond de. **Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Rita de Cássia Barbosa**. São Paulo. Nova Cultural. 1988.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. S.P. Editora Perspectiva S.A, 2000
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. R.J. Forense Universitária, 2000
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. R.J. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo. Ática. 1991.
- BARROS, Maria Paes de. **“No Tempo de Dantes”**. São Paulo: Paz e Terra, 1998 2ª edição (1ª edição 1946).
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1996.
- BECHELAINE, Maria Batista. **Traços de Giz em Quadro Negro**. Belo Horizonte. Editora O Lutador, 1999.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas I – magia, técnica, arte e política**. São Paulo. Brasiliense. 1987.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas II – rua de mão única**. São Paulo. Brasiliense, 1987.

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas III Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo. Brasiliense, 1989.

BODEI, Remo. **L'expérience et les formes**. In Wismann, H. Walter Benjamin et Paris. Colloque international 27-29 jun 1983. Paris. Éditions du cerf. 1986

BONAZZI, Chantal de Tourtier. Arquivos: propostas metodológicas. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. S. P. Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro. Editora Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Livraria Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes. 1998.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris. Les éditions de minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Questões da Sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas. São Paulo, Papirus Editora, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1994.

CANETTI, Elias. **A Língua absolvida**. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Tradução de Rodolfo Kresta. São Paulo, Melhoramentos [Brasília] Ed. Universidade de Brasília, 1983.

CASTRO, Magali de. **Relações de Poder na escola Pública de ensino Fundamental: uma radiografia à luz do Weber e Bourdieu**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1994 (Tese de Doutorado)

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Ewd Abreu Dobrauský. Campinas, S. P. Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, R. J. Vozes. 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Portugal. Difel, 1990. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, SA.

CORALINA, Cora. **Poemas e Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo. Global. 1985

CORREA, Viriato. **Cazuza**. São Paulo. Companhia Editorial Nacional. 1984

COSTA, Marisa Vorraber, Org. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre, Editora Mediação, 1996.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. Campinas, S.P.: Papirus, 1994.

DAVIS, Natalie Zernon. **Nas margens: três mulheres do Séc. XVII**. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

DECCA, Edgar Salvadori de e Lemaire, Rita (org.) **Pelas Margens: Outros Caminhos da História e da Literatura**. Campinas, Porto Alegre. Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade UFRGS. 2000

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

DURKHEIM, Émile. **A evolução Pedagógica**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 11º ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno (1969)**. Lisboa. Edições 70, 1985.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed. Vol. 1/1993 Vol. 2/1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2001.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1994.

ERASMO. **A Civilidade Pueril**. Lisboa. Editorial Estampa. 1978.

ESTRELA, Maria Tereza. **Relação Pedagógica Disciplina e Indisciplina na aula**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

FAGUER, Jean-Pierre. **Khângneux pour la vie. Une histoire des années soixante.** France. Centre D'Etudes de L'Emploi. Dossier 5. Nouvelle Série , 1995.

FERREIRA, Rodolfo. **Entre o Sagrado e o Profano: o lugar social do professor.** Rio de Janeiro, Quartet Editora, 1998.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História Oral de Vida.** São Paulo: Papirus, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. Petrópolis.** Rio de Janeiro, Vozes, 1996 14ª edição: org. Roberto Machado.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin.** S. Paulo. Editroa Perspectiva S.A, 1999.

GALZERANI, Maria Carolina Boverio. **“O Almanaque, a Locomotiva da Cidade Moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880.** Tese de Doutorado. Unicamp, 1998.

GONDRA, José (org). **Dos Arquivos à Escrita da História: A Educação Brasileira entre o Império e a República.** Bragança Paulista. EDUSF, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da cultura.** Trad. Carlos Nelson Coutinho, Ed. Civilização Brasileira. R. J. 1978.

GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em Representações Sociais.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HAMILTON, David. **Adam Smith y la economia moral del Sistema del aula.** Barcelona. Revista de estúdios del Curriculum. Vol. 2, n.º 1, 1999.

HAMILTON, David. **Mudança Social e Mudança Pedagógica: A trajetória de uma pesquisa histórica.** Porto Alegre, RS. Teoria e Educação. n.º 6. 1992.

HAMILTON, David. **Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna.** Campinas, S. P. Revista Brasileira de História da Educação. Ed. Autores Associados. N.º 1 janeiro/junho 2001.

JAMATI-ISAMBERT, Viviane. **Solidarité Fraternelle et Réussite Sociale. La correspondance familiale des Dubois-Goblot 1841-1882.** Paris. Éditions L'Harmattan, 1995.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança.** São Paulo Summus, 1981

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras: Arma e Sonho na Escola.** S.P. Editora Ática, 1998.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas. S.P. Ed. UNICAMP, 1996.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política.** Campinas, S. P. 1986.

MAINTENON, Madame de. **“Comment la sagesse vient aux filles”.** Propos d’ education choisis et presentes par Pierre – E. Leroy et Marcel Loyau. France. Bartillat. 1998.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina.** São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

NOGUEIRA, Maria Alice e outros (org). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares.** Petrópolis, R.J. Vozes, 2000.

NÓVOA, Antônio e outros. **Vida de Professores.** Portugal, Porto Editora Ltda, 1995, 2ª edição.

NUNES, Clarice. **(Des) Encantos da Modernidade Pedagógica.** In: Lopes, Eliane Marta Teixeira e outros. (Organizadores). 500 anos de Educação no Brasil. BH. Autêntica 2000. P. 371-398.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Mendes. **Recado em Pedras e Pétalas.** Belo Horizonte. Ed. Lemi, 1982.

PASOLINI, Pier Paolo. **Cartas Luteranas.** Madrid. Editorial Trotta, 1997.

PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. **Histoire de l’Education. Service d’histoire de l’education.** INRP. Paris, 1995.

PEREIRA, Maria José de M. **Disciplina e Castigo na Escola.** Dissertação de Mestrado. PUC/MG. 2000.

PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do Século XII.** Rio de Janeiro. Rocco, 1996.

PRADO, Adélia. **Os componentes da Banda.** São Paulo. Siciliano, 1992.

QUINTANEIRO, Tânia e outros. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996, p. 15 a 57.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar.** São Paulo. Cortez e Moraes, 1978.

RIBEIRO, Renato Janine. **Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo.** Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984

SÁ, Nicanor Palhares. **Política educacional e populismo no Brasil**. São Paulo. Cortez e Moraes, 1979.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. 3ª edição. São Paulo, Saraiva, 1978.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita, 5ª ed. R. J. Record.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. S.P. Companhia das letras, 1988.

SIROTA, Regine. **A escola primária no cotidiano**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1994.

SNYDERS, Georges. **Alegria na Escola**. São Paulo. Editora Manole LTDA. 1998.

SOUZA, Miguel A. G. de. **Itaúna: 1765 – 2000**. BH: Santa Clara, 2002

STAL, Isabelle. **A Escola dos Bárbaros**. S.Paulo: T. A. Queiroz. Editora Universidade de São Paulo. 1987.

VINCENT, Guy. **L'éducation prisonnière de la forme scolaire? Scolarisation et socialisation dans les sociétés industrielles**. France. Presses Universitaires de Lyon, 1994.

WEBER, Max. **Sociologia**. org. Gabriel Cohn. S. P. Editora Ática. 1987.

XAVIER, Maria Elizabete S. Prado. **A Educação na Sociedade Brasileira: um exame da concepções e das práticas educacionais na produção literária nacional (1840-1920)**. Tese de livre-docência. UNICAMP, 2002.

REVISTAS

AFONSO, Almerindo Janela. Notas para o estudo sociológico da (in)disciplina escolar na formação dos professores. **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho. Vol. 4, nº 1, p. 119-128, 1991

AMADO, João da Silva. Pedagogia e Actuação Disciplinar na Aula. **Revista Portuguesa de Educação**. Nº 11. Universidade do Minho, 1998.

ARAÚJO, Helena Costa G. (org). Memórias da Escola. **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto. Afrontamento. Nº 5, 1996.

ARAÚJO, Helena Costa G. As professoras primárias e suas histórias de vida: das origens aos primeiros anos de vida profissional. **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto. Afrontamento. Nº 3, 1995.

AZEVEDO, Rodrigo. "Formação Moral, Prudente Vigilância e Correção Oportuna", Disciplina e Incidentes Críticos no Liceu de Viana do V Castelo (1926-1950). **Revista Portuguesa de Educação**. Nº 11. Universidade do Minho, 1998.

COSTA, Gilda de Araújo. Violência, Exclusão e Educação. **Revista de Educação da FAESA**. Nº 1, 2000.

Educação e Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) Nº 78. 2002.

FERREIRA e EIZIRIK, Nilda Teles e Maria Fabmam. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, nº 61, janeiro março 1994.

FERREIRA, Antônio Gomes. O castigo será reservado para quem dele precisar. Argumentos e critérios sobre a aplicação dos castigos no Séc. XVIII. **Revista Portuguesa de Educação**. Nº 11. Universidade do Minho. 1998.

GOMES, Carlos Alberto. "Estratégias" na Sala de Aula: Questões Teóricas e Metodológicas. In Estruturas Sociais e Desenvolvimento. **Actas do II Congresso Português de Sociologia**, Vol. II, 1993.

GOMES, Carlos Alberto. A Interação Seletiva na Escola. In **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 3, Lisboa. Publicações Europa-América, 1987.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis e outros. O Problema da Disciplina na Sala de Aula. **Revista Idéias e Debates**. Nº 3, 1997.

LARROSA, Jorge. A estruturação pedagógica do discurso moral. Algumas notas teóricas e um experimento exploratório. **Educação e Realidade**. Julho/dezembro. 1996.

LOPES, João A. Indisciplina, Problemas de Comportamento e Problemas de Aprendizagem no Ensino Público. **Revista Portuguesa de Educação**. Nº 11. Universidade do Minho, 1998.

MAGALHÃES, Justino. Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do antigo regime (um factor de disciplina). **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto. Afrontamento nº 5, 1996.

MARTINS, Carlos Benedito. A pluralidade dos mundos e das Condutas Sociais: A contribuição de Bourdieu para a Sociologia da Educação. **Revista Educação e Sociedade**, nº 27, set. 1987.

MENDES, Francisco. A Gestão do Tempo de Aula e os Comportamentos de Indisciplina dos Alunos. **Revista Portuguesa de Educação**. Nº 11. Universidade do Minho, 1998.

MORAIS, Ana Alcídia de Araújo. História de Vida: a trajetória pessoal/profissional de uma professora de leitura. **19ª reunião da ANPED**. GT. Formação de Professores, Caxambu, 1986.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Transformações no pensamento de Emile Durkheim. **Caderno de Educação**. FAE/UEMG.

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e Oblatos – um exame na relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto . Afrontamento. Nº 7, 1997.

PINEAU, Pablo. **Premisas básicas de la escolarización como construcción moderna que construyó a la modernid**. Barcelona. Revista de Estudios del. Curriculum, vol. 2, n.º 1, 1999.

REGO, Izabel Estrela e CALDEIRA, Suzana Nunes. Perspectivas de Professores sobre a Indisciplina na Sala de Aula. **Revista Portuguesa de Educação**. Nº 11. Universidade do Minho, 1998.

RIBEIRO, Laura Cançado e BREGUNCI, Maria das Graças de C. O papel da autoridade do professor: as bases do poder social como foco de análise da interação na sala de aula. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Nº 65-149. 1994.

UHLE, Águeda Bernadete Bittencourt. **Orozimbo Maia: Cultura e Política no final do Século XIX**. Pro-Posições. Vol. 9. Nº 1. 1998

VALERA, Júlia e AVAREZ. Uria Fernando. **A maquinaria Escolar**. Teoria e Educação. nº6. 1992.

VASCONCELOS, José Gerardo. Subjetividade e disciplinamento na escola – uma leitura Foucaultiana do espaço e do tempo. **Educação em Debate**, nº 37. Fortaleza. 1999.

VASCONCELOS, José Gerardo. A produção de saber/poder e os processos de disciplinamento na escola: revivendo o pensamento de Michel Foucault. **Educação em Debate**, nº 29, p. 30-32. 1995.

VICENT, Guy e outros. **Sobre a história e a teoria da forma escolar**. Belo Horizonte. Educação e Revista. N.º 33. Jun /2001.

VIEIRA, Ricardo. Mentalidades, Escola e Pedagogia Intercultural. **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto. Afrontamento nº 4, 1995

VINHA, Telma Pillegi. Valores Morais em Construção. **Amae Educando**. Nº 285, 1999.

ZAGURY, Tânia. Relação Professor/Aluno, Disciplina e Saber. **Pátio Revista Pedagógica**. Nº 8, 1999.

LEI nº 8069/90 de 13/07/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente.

ANEXOS

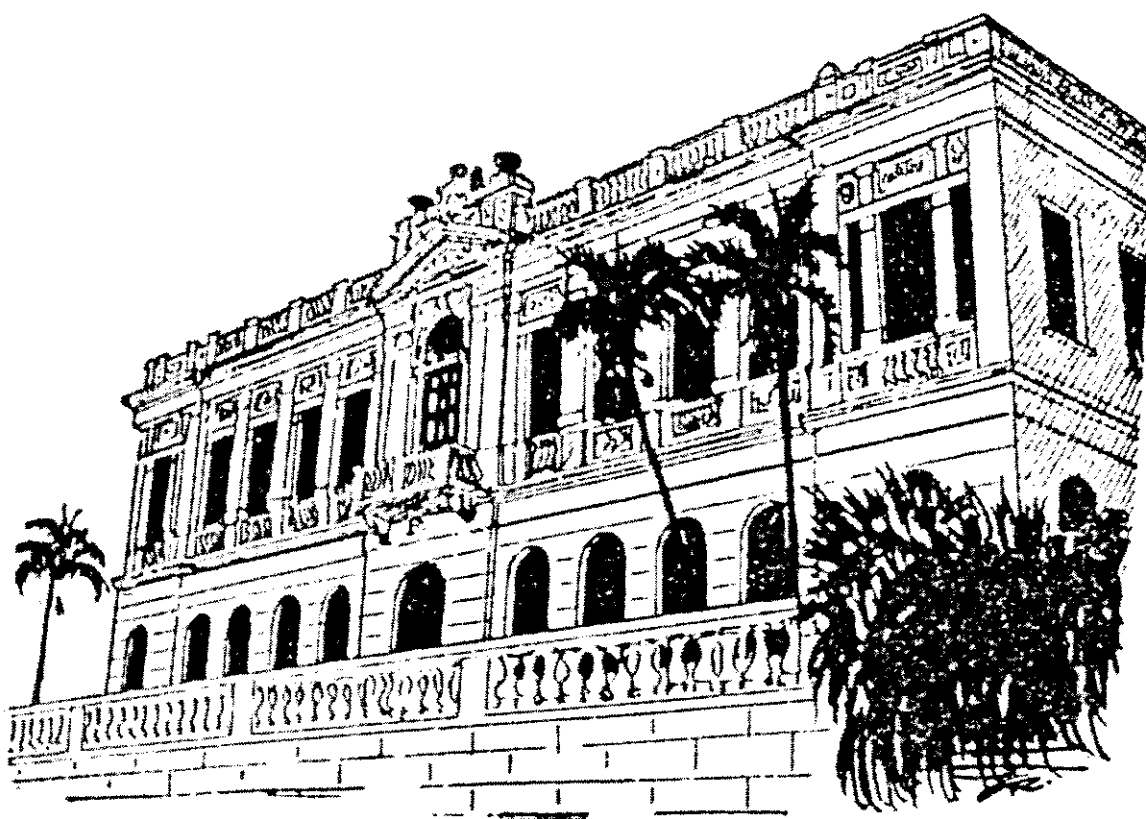
FOTOGRAFIAS

Fonte: Arquivo Público Municipal de Itaúna

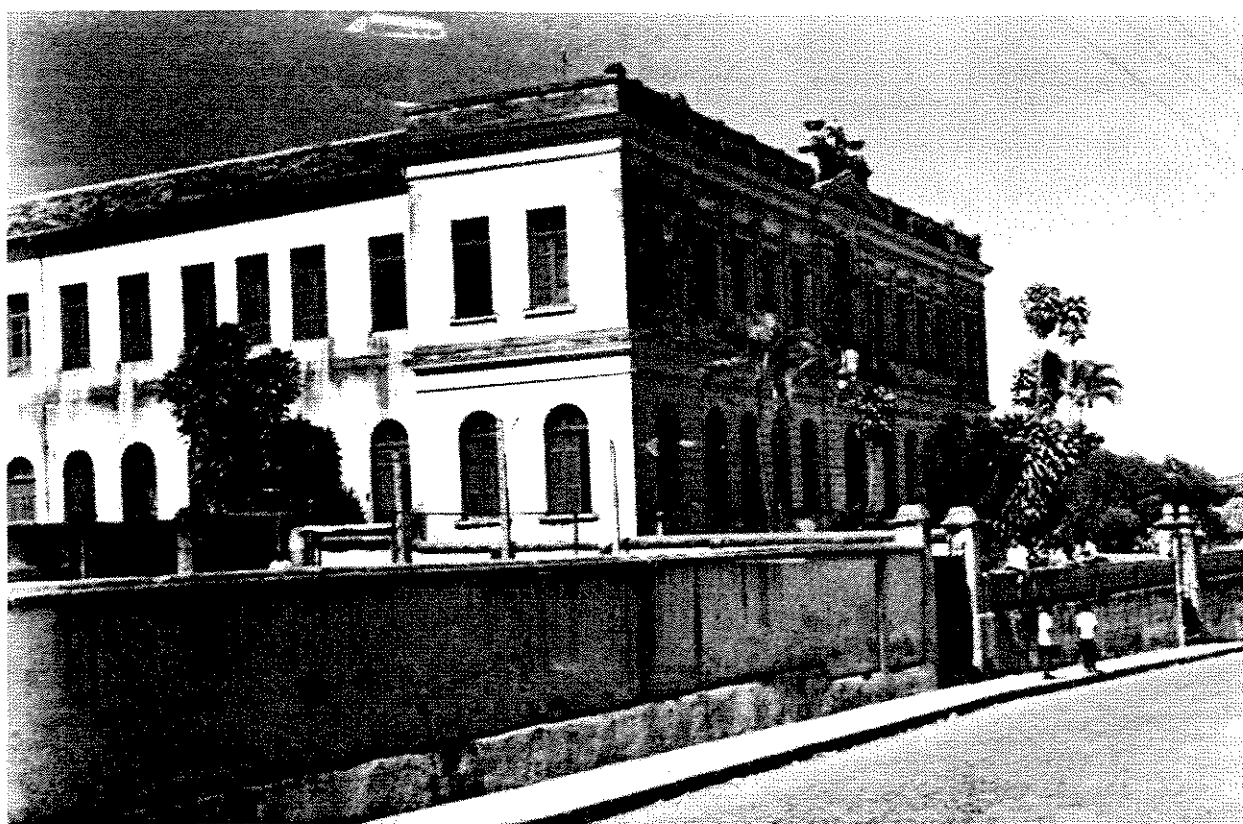
Observações:

O desenho da Escola Estadual de Itaúna é de autor anônimo.

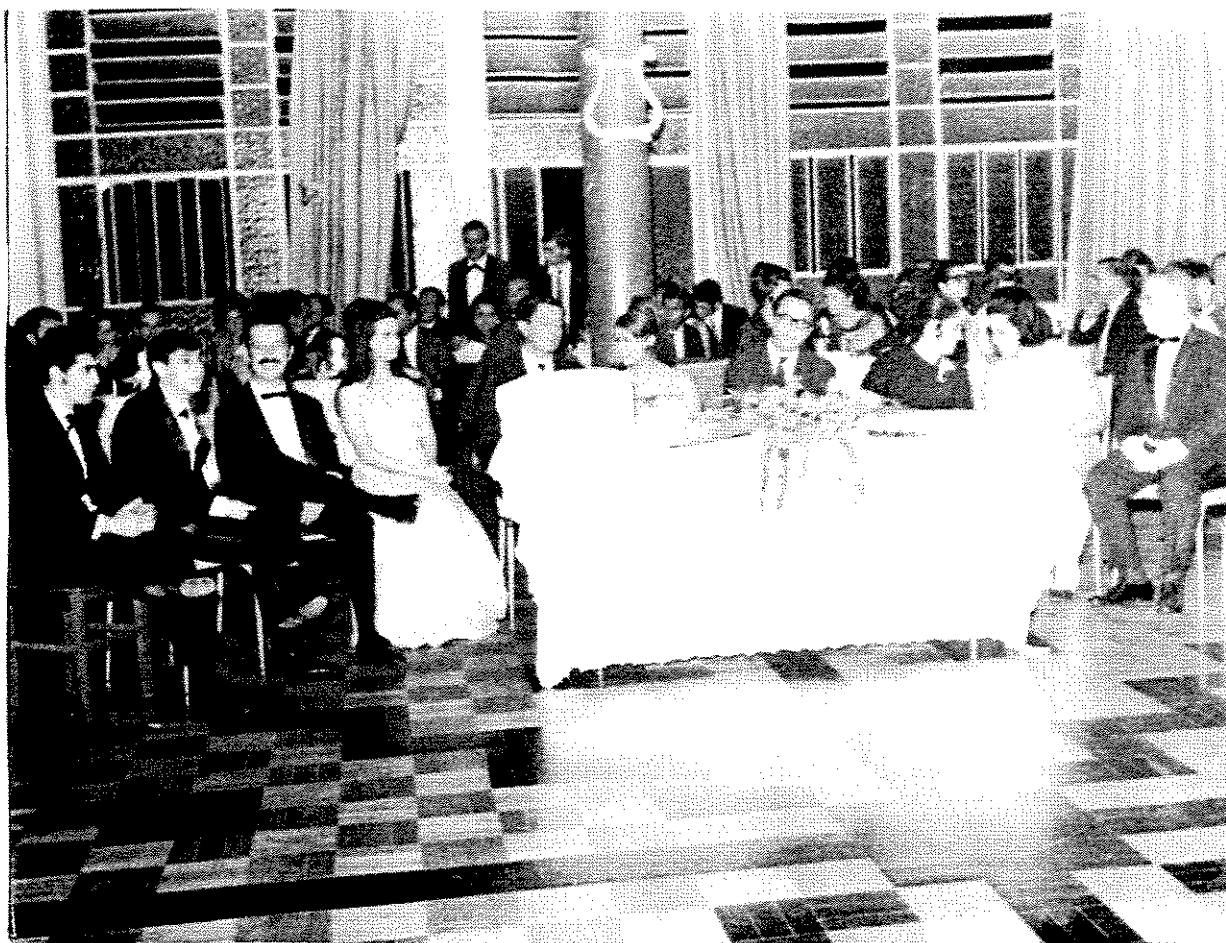
Os registros das outras fotos foram transcritos como constam no verso das fotos. Não há o registro do nome do fotógrafo e, em algumas fotos, não há data.



Escola Normal Oficial de Itaúna, hoje Escola Estadual de Itaúna



Escola Estadual de Itaúna (foto recente)



Automóvel Clube de Itaúna – Festa da Juventude Itaunense – 1959



Normalistas de 1964 no Baile de Formatura, no Automóvel Clube de Itaúna



Nornalistas de 1937
Na foto os Senhores Viriato Fonseca e Anselmo Barreto, Inspetores de Ensino



Normalistas de 1943 com o Padre José Ferreira Neto



Normalistas de 1944 com o uniforme de gala, que era branco, de seda francesa,
com o Padre José Ferreira Neto



Normalistas de 1952 na Praça da Matriz (principal da cidade)



Normalistas de 1952 na festa de 5º ano de aniversário de formatura.
Na foto autoridades do município e o Padre José Ferreira Neto.



1946
1ª Comunhão



16/05/1956

Primeira Comunhão de dois irmãos da família Penido, celebrada por D. Geraldo Maria de Moraes Penido, então Bispo de Aparecida do Norte.

Na foto, além dos familiares e colegas dos dois irmãos está o Padre José Ferreira Neto

CÓPIAS DE REGISTROS ESCOLARES

Instruções

- para os Estabelecimentos do Ensino Primário da 34ª Circunscrição de Minas Gerais.

1. - O fim de que se unifique, acerte e harmonise o trabalho de todos, é preciso que cada um obedeça Código, Programa e Leis do Ensino, em base ao que deverão ser dirigidos, orientados e inspecionados todos os movimentos.

2. - Respeito ao horário e ao mais - artigos 215 e seguintes do Código - devendo ser assinado o ponto também nos dias de reunião e festas nacionais e verificar, antes do começo das aulas, se carteiras, giz e outro material estão em ordem, não sendo permitida a saída das salas durante as aulas, a ninguém senão por moléstia.

3. - Preparar aulas diariamente - não menos de seis - motivando-as e dorando-as, devendo predominar o oral e o quadro negro para demonstrações individuais dos alunos: "ledonar em giro pela sala" - artigo 317 do Código - para despertar interesse, corrigir em flagrante toda má conduta, posições e atitude dos meninos.

4. - O aluno que não responder à chamada, que é feita na entrada, arts 314 do Código e seguintes - não terá direito a notas, por não assistir e perturba a primeira aula, entrando tarde.

5. - Os notas serão conferidos ao fim do mês, sendo de procedimento e apuradamente não excluindo o que se pratica fora da escola - por intermédio de monitores, escolhidos pela ordem do P.

D. - art. 346 do Código - sendo permitida a reclamação do interessado, a respeito - arts. 354 e, 346 e seguintes.

6 - O ensino deve ter muito de real, prático e partir do meio em que se vive - pag. 45, 46 e 69 do Programa; lições curtas, sendo preferível repeti-las do que prolongá-las, pag. 163 do Programa, não se esquecendo de seguir a Metodologia das matérias, que antecede a cada uma, no Programa, prevalecendo, em todas, a Língua Pátria - pag. 69 do Programa.

7 - A correção nos exercícios escritos (e pouca coisa haverá se houve bom ensino oral e no quadro negro) deverá ser feita apontando erros a lápis vermelho e entregando-os de novo aos alunos, que poderão corrigi-los logo ou indagar da mestra, não dando feição, ficando banidos os pontos - pag. 162 e 163 do Programa.

8 - Não deixar que respondam em coro, pois é possível saber se quem fala bem, se, um de cada vez, manifestar seu pensamento; assim também não deve ser permitido que alunos da 3ª série e 4ª escrevam a lápis, pag. 127 do Programa, para cuja disciplina, a partir da 1ª série, convém se observe o que diz o Programa à pag. 122.

9 - Os professores especializados devem seguir o Programa, conferindo notas e submetendo os alunos a provas, obedecendo o programa, a saber: a de Desenho e Trabalhos nas pag. 257 e seg.; a de Música nas pag. 269 e seg. e de Educação Física nas pag. 285 e seguintes.

10 - Oros, campanhas e atividades similares ao volume se ferem terminadas por inquéritos, exposições, demonstrações ou provas de qualquer espécie.

11 - Cessarem o uso de palatinas orais

mesmo no fim de cada mês, quando por ocasião das provas escritas, distribuindo-se essa missão, sempre à professora douta classe e que as notas, em consequência dessa tarefa, que apuram a educação dentro e fora da sala, art. 226 do Código que diz: "O ensino primário tem por fim, não somente a instrução, mas, antes e sobretudo a educação, etc, etc, expressam a verdade, mas só a verdade, para haver justiça, mesmo porque, ao professor primário, só é permitido dar funções aos seus discípulos, pelas notas, conforme diz o Código no art. 227 e seu parágrafo único.

É o que espero encontrar, em movimento, nos estabelecimentos de ensino, nas nossas visitas, para organizar fichas e remittê-las ao D. E.

Que Deus abençoe nosso trabalho.

Staína,

(a) Mário Frância Pinto, Inspetor do Ensino

Termo de Visita

Trabalhei no grupo "Os Caminhos do Nilo" em

Staína, 2 de Setembro de 1956.

Mário Francisco Pinto, Insp. do Ensino.

Termo de visitas

Estive neste estabelecimento, dia 19 deste, em visita de inspeção e orientação.

Estava presente a ex. auxiliar Marta Gonçalves Franco.

Staína, 19 de junho de 1957.

Adalberto Villares, Insp. Regional.

Ata da reunião do dia 11.2.1950

Nos onze dias do mês de fevereiro de 1950, em uma das salas do Grupo Escolar "José Gonçalves de Melo", com a presença da Sra. Diretora, D. Iteá Brandão Couto e professoras do estabelecimento, realizou-se a primeira reunião pedagógica deste ano.

Inicialmente, D. Iteá leu os resultados de promoção obtidos no ano de 1949, fazendo votos para, no presente exercício, serem obtidos resultados ainda melhores.

Pediu o comparecimento das professoras, quinze minutos antes do início das aulas, bem como a colaboração de todas no tocante à disciplina, explicando como atender aos sinais para entrada e saída dos três turnos.

Que as professoras sejam, sobretudo, pacíficas e usem voz moderada, em se tratando com alunos, pois, a criança requer atenção e carinho. E para manter boa disciplina não é necessário gritar. Fazer a criança compreender que ela pode aprender.

Orientou as professoras de primeiro ano novato, que, neste período, devam apenas fazer a adaptação da criança ao grupo, dando aulas recreativas, fazendo pequenas excursões no interior do estabelecimento, dando alguns números de ginástica, contando histórias e fazendo de auditórios.

D. Iteá pediu as professoras, planos de aula, podendo as regentes de classe de 1º ano, fazer dois por semana e as demais, diariamente. Em seguida, apresentou o esquema de um plano de lição, no quadro negro. E disse, para que os planos sejam bem feitos, devam trazer por extenso todos os temas aplicados, ou então, no caso de histórias ou parábolas, anexá-las.

19 de maio de 1951

Inicialmente, D. Iles comentando a morte da prima, algumas das professoras Iles de Pinera, passou a dar aos alunos importantes recomendações às professoras que tivessem a máxima atenção e atenção com essas crianças diferentes das outras, tais como: acinodas, memoras, caladas, etc, das quais somos educadoras. Devemos pois, dedicar-lhes toda a atenção e carinho para educá-las e instruí-las, dando-lhes uma boa formação moral, afim de que possam formar homens, capazes de serem as perfeições da vida. A infância precisa de amparo. Sendo a grande frequência de crianças a fêmea impropria e a anulação de regras mais como Guri, Geli, X9, etc. pedindo aos a Sra. Diretora, que falassem aos alunos sobre as suas várias influências, principalmente nos corações infantis, que se deixem levar por tudo aquilo que lhes agradam. Encarregue a Sra. Diretora a professora Iles Campos, de fazer um ofício ao Sr. Promotor Valeriano, pedindo-lhe a sua colaboração, para alcançar esse bom êxito em nossa campanha.

A seguir, a Sra. Diretora falou aos a respeito da disciplina das crianças no dia da Páscoa. Esta, porém não foi suficiente.

A pedido do Revmo. Padre José Ferreira Neto, D. Iles fez um apelo às professoras, no sentido de auxiliarmos as catequistas na disciplina das crianças, aos domingos, na assistência da Santa Missa. Somos educadoras, portanto, cumpramos a nossa nobre missão com carinho e amor, tanto no grupo, como em qualquer lugar em que estivermos.

"Não somos educadoras somente no grupo".

Falou aos em seguida a Sra. Diretora sobre a Páscoa. Acoler, no sentido de cooperarmos para esta instituição com mais interesse, verificando em seguida os sócios de cada professora.

Passamos a falar sobre a festa que será realiza-

Ata da sessão pedagógica do dia 5 de maio de 1962

Os 5 dias do mês de maio de 1962, às 15 horas, houve uma sessão pedagógica no G. E. "José Gonçalves de Melo", presidida pela diretora do estabelecimento.

Foi lida a ata da sessão anterior e posta em discussão.

Na reunião de hoje, D. Ilka explicou que não fez a reunião programada com o 1º ano, em virtude de estar trabalhando com a Inspectora nos exames das professoras rurais. E, como a primeira comunhão não é cuidada apenas das professoras do 1º ano, que as demais, se lembrem de uma advertência do Pe. Ilvário Negromonte, para uma preparação melhor do aluno para este ato tão significativo em nossa vida. A ausência dos adultos a muitos atos religiosos, o fracasso da vida espiritual de muitos, se deve muitas vezes, a uma preparação deficiente e corriqueira para a primeira comunhão. Este preparo deve ser feito o ano inteiro, dando uma formação mais sólida, um conhecimento firme da doutrina, o reconhecimento de assistir à Santa Missa e o sentimento da presença de Deus. Nesta época de tantas idéias errôneas, principalmente em se tratando do comunismo, cabe às professoras estarem preparadas para responder com conhecimento e orientar com segurança aos seus alunos sobre o regime comunista. É do conhecimento novo a situação da Alemanha de hoje, com Berlim Oriental e Ocidental e as consequências dessa divisão no povo alemão. Todos nós sabemos o que vem acontecendo em Cuba sob o poder de Fidel Castro. Vimos sempre através da imprensa, os castigos, os crimes, as fugas, as perseguições registradas nestes lugares. Para responsabilidade e grande diante das crianças. Neste mês de Maio, vamos

oferecer as orações de todas as classes, ante o altar que erigimos em nossa escola, pedindo a Vós de Deus, um governo bom e santo para o Brasil, sob a bandeira grandiosa da paz. Que todas as classes regem um mistério do terço e no fim do mês a Imagem da Virgem percorra todas as salas, ficando a idéia de no último dia, fazer a coroação lá na Quinta. Não esqueçam de incentivar os meninos a Santa Euseúbia designando pelo menos, 3 de cada classe para comungar diariamente. Estamos também no mês consagrado a Oba das Vocações Sacerdotais e embora, tenhamos perdido este ano passado, a bandeira para um grupo de Garç de Umas, nosso trabalho não deve emorruçar e sobre tudo, a parte de orações que devemos fazer por esta intenção.)

As festas cívicas devem ser olhadas com mais carinho, principalmente pelas professoras do 3º e 4º ano. Apenas uma, preparou alguma coisa pelo dia 21 de abril. Onde estão os sentimentos de patriotismo e civismo de cada uma? Não é necessário que a diretora esteja mandando preparar números e festas em todas as ocasiões (que se fizer necessário). As próprias professoras devem tomar a iniciativa e fazer tais comemorações, despertando no aluno o sentimento de patriotismo e civismo. Os encarregados dos auditórios gerais cuidem de arranjar alguns primos bons para que sejam apresentados em ocasiões oportunas. Quanto a disciplina, as professoras esqueceram um pouco esta obrigação, deixando de lado a vigilância aos alunos. É necessário chamar a atenção das crianças no sentido de respeitar as plantas aqui do estabelecimento e a limpeza do prédio. O 3º ano do lado externo olhar mais a disciplina das crianças e quando as professoras tiverem de discutir matéria que venham mais cedo para o grupo, evitando conversas à porta das salas e todas devem preceder e acompanhar a classe na entrada e saída das aulas. As professoras do curso noturno que vêm tentando disciplinar alunos aplicando beliscões, devem modificar este sistema

Ota da sessão pedagógica do dia 7 de agosto de 1965

Nos 7 dias do mês de agosto de 1965, houve no C.E. "José Gonçalves de Melo", mais uma reunião de professoras. Iniciando esta reunião, a 1ª do 2º semestre, D. Elka deu boas vindas as professoras, pois era a primeira vez que se encontrava com todas. Pediu que os trabalhos continuem sendo feitos com boa vontade, eficiência e todas cumpram seus deveres evitando problemas e casos difíceis e que no noturno com a direção da Izegulha Saldanha, tudo corra o melhor possível. Referindo-se a disciplina do estabelecimento, pediu mais uma vez a cooperação do professorado, que os sinais, 1º para silêncio, 2º para calma e 3º para entrada sejam respeitados rigorosamente. Quem estiver na diretoria tem autorização para suspender o recreio, dando tempo apenas para merendar e o restante do horário dando as crianças de pé, no pátio. A ordem é amiga da perfeição. Não deixem os alunos fazer algazarra dentro das salas. Havendo ordem há tempo para executar todo plano. A saída das classes continuem obedecendo a ordem dos 3 sinais. Quanto as aulas de religião, encontra-se na sala das professoras um quadro com os temas a serem ensinados neste semestre. A Jarcisia fica encarregada de averiguar junto as professoras se o plano está sendo executado. Todas devem ter a preocupação de despertar nos alunos o amor a Deus e a vida, formar o senso de julgamento, de honestidade de cada um.

Depende muito da professora esta formação que às vezes não é recebida pelo aluno, em sua casa. Lembrem sempre que todos devem se cuidar, cuidar e assistir.

Ata da sessão pedagógica do dia 19 de março de 1967

Os 13 dias do mês de março de 1967, numa das salas do C. E. "José Gonçalves de Melo", às 8 horas, houve mais uma reunião de professoras, presidida por D. Maria Josefina, diretora em exercício.

De início, a diretora falou a respeito da disciplina assunto tratado constantemente e que ainda está bem longe de alcançar aquele ideal de disciplina que satisfaz. Com a boa vontade das professoras poderemos melhorar esta parte, cuidando das fileiras, estando junto das crianças ao ser dado o sinal, estando no seu posto de vigilância durante o recreio. D. Josefina pediu com insistência para que atendam nesta parte. Saçam mesmo um pouco mais de sacrifício em benefício dos alunos e do grupo. Durante o recreio façam com que os meninos permaneçam na área externa e as meninas no pátio interno. Nesta hora não deverão deixar o grupo de castigo. O castigo deverá ser dado depois da aula. Sugere D. Josefina, sejam proibidas as bolinhas de gude que costumam sempre desordenar as fileiras e dentro das salas. Mais uma vez, a diretora espera contar com o trabalho de todas para uma disciplina melhor.

A parte principal desta reunião é a de referir-se a Semana de Estudos sobre o Programa de Ensino - trabalho lido do par D. Elda. Haverá uma aula inaugural dia 27 às 13 de 30 horas na Escola Normal, presidida pela delegada regional. Nesta aula é exigido o comparecimento de todas com assinatura de ponto que servirá para a 19 reunião próxima. Disse D. Josefina que ninguém deverá pedir-lhe dispensa, pois, antecipadamente avisou que não atenderá a ninguém. Serão feitos debates em torno do Programa

Ata da sessão pedagógica do dia 9 de março
de 1968

Os 9 dias do mês de março de 1968, houve no C. E. "José Gonçalves de Melo", uma reunião de professoras, quando a diretora do estabelecimento, D. Maria Josefina Botta Costa Baccarini, transmitiu a todas, avisos para o bom andamento da vida escolar neste recinto, a saber:

Disciplina - Um assunto que não pode ser abandonado. A entrada das aulas, às 7,15 e às 12,15 o portão estará fechado, não sendo permitida a entrada de alunos depois deste horário. À noite poderá haver uma tolerância maior, considerando-se vários fatores a que estão sujeitos os alunos deste curso. Entretanto, todas as professoras deverão estar no estabelecimento alguns minutos antes do sinal e aguardar seus alunos à porta das salas.

Exigir uniforme dos alunos. Aqueles que comparecerem sem uniforme serão mandados para casa, levando um bilhete para os pais pedindo providência a respeito. Será dado o sinal 5 minutos antes do horário de saída - às 11,15 e 16,15 para as professoras organizarem a saída das classes, acompanhando-as até o portão. O aluno que sair em desordem será voltado. Quanto ao recreio será dado apenas um sinal para terminá-lo, e os alunos irão logo para os seus lugares, em silêncio. Se houver perda de tempo esperando ordem, este tempo será descontado então ao fim da aula. As (f) meninas permanecerão no pátio interno e os meninos na área de fora. Todas as professoras ficam encarregadas da disciplina no horário de recreio. Dentro da sala de aula, a disciplina é única e exclusivamente de responsabilidade da professora e nenhuma deverá deixar aluno sozinho, de castigo, depois da aula; quando o aluno ficar em horário excedente a professora deve ficar com ele. Em casos de maior indisciplina os pais deverão ser avisados

Ata na fundação da "Liga da Bondade", do
Grupo Escolar "D. Pedro II".

Nos 13 dias do mez de Maio de 1920, no salão de festas do Grupo Escolar "D. Pedro II", reunidos a directora, professores e alumnos d'este estabelecimento de ensino, foi fundada, com grande enthusiasmo a associação "Liga da Bondade".

Formou-se uma commissão composta da dignissima directora D. Anna Guimarães, das professoras S.ª Luiza Magalhães e Humbertina dos Santos, para organizar os estatutos da nova associação.

Em seguida, a directora discorreu sobre os fins e finalidades da "Liga da Bondade" estimulando a todos para trabalharem e se esgerarem com perseverança em prol de tão benemerita instituição.

Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão da qual se lavrou a seguinte acta.

Humbertina A. dos Santos

Luiza de Magalhães Gomes

Anna Ferreira Guimarães

Estatutos da "Liga da Bondade"

Da denominação, fins e sede da associação.

Art. 1 - Com a denominação de "Liga da Bondade", fica creada neste estabelecimento onde terá a sua sede, uma associação escolar, cujo fim é desenvolver no espirito da criança o temor de Deus, o amor da bondade, tudo que vive, ensinar-lhe o horror da violência e da mentira, a belleza da misericordia, o respeito e obedição para com seus mestres e superiores e ao mesmo tempo todas as virtudes necessarias á formação de um caracter nobre e illibado.

Art. 2 - É facultativo aos alumnos uma inscrição, como socio da "Liga da Bondade".

Art. 3 - É illimitado o numero de socios, podendo adhirir á mesma pessoas estranhas ao estabelecimento.

Da administração e funcionamento

Art. 4 - A "Liga da Bondade" é administrada por uma directoria composta de:

(a) Uma directora geral; (b) um presidente; (c) um secretario dirigido por uma professora; (d) um thesoureiro; (e) 2 procuradores em cada classe.

Art. 5 - Todos os membros das directorias serão eleitos por maioria absoluta de votos, excepto os procuradores que no 1º dia lectivo de cada mez serão escolhidos em cada classe pelas respectivas professoras para prestarem seus serviços á associação durante aquelle mez.

Parágrafo unico. A directora geral será uma das professoras do estabelecimento, eleita pelos alumnos,

por maioria absoluta de votos.

Art. 6 - Votará somente os alunos do 3º e 4º anno.

Art. 7 - As eleições terão lugar num dos primeiros dias dos nacionaes do anno lectivo.

Dos socios e seus deveres.

Art. 8 - Os socios da "Liga da Bondade", podem ser contribuintes e benemeritos.

Paragrapheo 1º - São contribuintes os que pagarem a mensalidade de \$100.

Paragrapheo 2º - Benemeritos os que publicarem algum acto de reconhecido valor moral ou que contribuirem com quantia superior a 10\$000 ou com roupas, objectos escolares ou qualquer donativo em beneficio da "Liga da Bondade".

Art. 9 - Os membros da "Liga da Bondade", devem assumir o compromisso de, no Grupo ou fora do Grupo, promover os fracos e de intervir sempre em favor de tudo quanto sirva: pessoas, animaes ou plantas que possam necessitar do seu auxilio.

Art. 10 - O membro da "Liga da Bondade", deve se comprometter a não mentir e a proceder sempre com a maxima correção e lealdade em suas relações, especialmente com as pessoas de sua familia, com seus professores, seus collegas, etc.

Do rendimento da Liga e sua applicação.

Art. 11 - A receita será constituída:

(a) pelas contribuições pagas pelos socios; (b) pelos donativos feitos á "Liga".

Constitue despesa para a "Liga".

Art. 12 - (a) A aquisição de material escolar e objectos escolares que não possam ser fornecidos pela "Caixa".

(b) A aquisição de roupas, calçados e em casos especiais, merenda para os alumnos pobres de reconhecido merito.

Do modo pelo qual se deverá fazer a distribuição dos ob-
jectos adquiridos pela "Liga".

Art. 13 - Estes objectos, no ultimo dia lectivo de cada mes, serão distribuidos solemnemente, em presença de todo o pessoal do estabelecimento.

Art. 14 - Para os fins do art. precedente, a directora do estabelecimento recolherá em cada classe, organizada previamente pela respectiva professora, a lista dos alumnos que fize-
rem jus a este beneficio.

Das attribuições das directorias.

Art. 15 - A directora geral compete:

(a) dirigir e incrementar a associação; (b) presidir a to-
das as reuniões; (c) abrir, numerar e encerrar os livros da associação.

Art. 16 - O presidente compete:

(a) diffundir a associação; (b) deliberar sobre a entrada
de socios; (c) aconselhar os socios quando não procede-
rem de accordo com o fim da "Liga".

Art. 17 - Compete ao secretario:

(a) fazer toda a scripta da Liga; (b) lavrar os actas
das reuniões sob a direcção de uma professora do bina-

Senhores Pais de Josemar Rolim da Silva

Bom dia

De há bastante tempo vimos sentindo a ausência presente de Josemar na sala de aula. Desde o início de julho quando iniciamos as aulas após a greve dos professores ele está muito desinteressado.

Ultimamente ele não faz deveres, não faz provas pois só as assina. Não gosta de ficar na sala. Está na escola e não faz Ed. Física. Em vista disto pedi aos pais a presença dos senhores 5ª feira, dia 8, depois de amanhã às 16,30 h, na escola quando estarão presentes: a Srta. Inspectora, a supervisora, os professores os senhores, eu e o aluno. Não venham predispostos que temos um levantamento sério e cuidadoso e a explicação das atitudes.

Se por motivo forte não puderem estar aqui peço-lhes que me comuniquem até amanhã, às 9h.

Atenciosamente.

6-10-87

Edelfino de O. Cast.

Em 24 de agosto de 2000, compareceu a diretoria da escola o aluno Paulo Henrique da Silva Júnior para ser advertido pela falta de comparecimento regular com alguns de falta com frequência, porém o aluno não compareceu, e após algum tempo compareceu. Diante do fato, a professora Regina Santiago e alguns alunos que estavam observando o aluno, tendo a certeza de que o aluno compareceria, foram avisados. Em 24 de agosto de 2000, Paulo Henrique da Silva Júnior compareceu à escola. O aluno foi advertido e assinou o documento de comparecimento. Em 25 (vinte e cinco) dias do mês de agosto de dois mil compareceu à escola municipal. Augusto Gonçalves a Senhora Ramilda, mãe do aluno Paulo Henrique da Silva Júnior (3ª série) foi uma visita ocasional, sem a escola chamar; onde a mãe ficou sabendo do ocorrido acima (do dia 24/08) e se comprometeu a tomar providências necessárias. Nada mais havendo a tratar dato e assinou a ocorrência. Data 25 de agosto de 2000. Valéria Rangel Correia Lamba Ramilda E. Silva (mãe) Margareth Conceição (testemunha).

Em 21 de setembro, na sala de aula da professora Giselle, foi advertido o aluno Luciano Gomes pela sua má conduta, pois após Amanda e Gabriela, os quais ele agrediu, ele se pôs no chão para cair e tapando a boca de Gabriela. O aluno disse que agiu desta maneira porque as meninas o insultaram. Após uma conversa séria com o aluno, ficou determinado um castigo de uma semana sem recreio e o mesmo se retratou com as colegas. Nada mais havendo a tratar, logo data e assinou por mim e pelo demais interveniente. Encerrou.

Stámina, 21 de setembro de 2000

Por 27 dias do mês de novembro, Felipe Lammargos Moreira, após várias conversas e "acordos" não mudando sua conduta deixando de cumprir suas responsabilidades assinará ~~essa~~ essa ocorrência para tornar verídica a ação. (Professor Olli.)

Plano: Felipe Lammargos Moreira

Por 05 dias do mês de abril do ano de 2001 compareceu à Escola Municipal Augusto Gonçalves na sala da diretoria a Srta. Graziella Eugênia de Lima, mãe do aluno Paulo Henrique da Silva Júnior, trazendo o referido aluno que havia fugido da sala de aula às 01:05 horas momento em que a diretora Ela Rodrigues o mandava para a outra turma de 4ª série, deixando seus materiais e indo para casa. A mãe o trouxe de volta para a escola e conversou com a diretora que escreveu: o aluno havia brigado com duas colegas; Disla e Jéssica Apareci chegando a estragar a merenda de uma delas quando a diretora foi chamá-lo ele fugiu. A mãe se comprometeu a tomar as providências necessárias para melhorar o comportamento do aluno. Sem mais a tratar, assinou a ocorrência junto com as demais testemunhas. Valéria Romão Borraia Santana (pedagoga) Lúcia Aparecida Moreira Ruano (professora) Graziella Eugênia de Lima (mãe) Paulo Henrique da Silva Júnior (aluno)

3-3-66

No dia seguinte de distribuir os blocos de passagem, fiquei sabendo hoje Terri, ligado o de Roberto de Jesus. Hoje desapareceu outro. Que pediu aos alunos, de sala em sala, para procurarem. Passado tempo ameaçam chamar a polícia. Mas não chamam. Explicamos a ele q. queríamos apertar os olhos e que seriam amarrados a lousca e que isto não se realizaria. Foram avisar que iam fazer a busca. Foram um pouco de tempo. Foi a professora Lúcia chamou que havia na sala, uma aluna sentindo-se mal. Uma colega de caminhar-a e ficou, por cima, das tábuas de construção na varanda. O pulso estava bom, ela não voltou a si. Busquei água, fiz um chá. Como demonstrava a voltar mandamos pedir álcool na vizinhança e que fosse no rosto um punhado. 2ª vez ela piscou. Voltou a si e ficou mole. Enquanto isto 2 colegas chegaram perto de Ana M. e disseram tu ela desmaiou do por ter tirado o talão e que haviam visto onde colocaram e indo com elas as professoras encontraram. Devolvemos este ao dono. Pedimos as 2 colegas de Maria Luzia dos Reis que acompanhassem a colega ali à casa por ter se sentido mal.

M. de C. S.

4-3-66

Hoje mandamos quiza pela professora Marilza para o Sr. Carlos Oliveira pois o seu filho depois de António Gomes ter deixado de querer cair em um marulho em seu

Mãe de Souza Coutinho -
Mário Furtado dos Santos
Guedes de Sá

~~Antônio~~ Moraes.

Maria Regina Guimarães Soares

Sérgio José Camillo

Maria Rita Pontes

Barbosa Soares

Antônio

Ata da Reunião Extraordinária da
Congregação do Colégio Estadual de
Itaboraí -

As dez horas e meia do dia 15 de maio de 1970, reuniram-se os membros da Congregação do Colégio Estadual de Itaboraí, para a reunião extraordinária, com o objetivo de discutir e aprovar o projeto de reestruturação do Colégio, na sala para este fim destinada. O Diretor declarou que havia convocado o corpo docente e que, em virtude da extraordinária a fim de relatar o que se passou de reestruturação para a disciplina do estabelecimento. Concluiu dizendo que no ano letivo de 1970, houve uma mudança de Direção, com a chegada de um novo Diretor, por meio do qual se deu início a reestruturação do Colégio, com a participação dos próprios alunos e professores. Relatou que, por meio do fato da reestruturação do Colégio, e especialmente dentro da

classe a que pertenciam as mencionadas
duas alunas. Para que se não atingis-
sem a dignidade, honra de boa fama
das demais estudantes das terceiras sê-
ries, ou para que ficassem fora de
qualquer suspeita, o diretor seria
forçado a declinar o nome das alunas
implicadas. Depois de fazer a identi-
ficação, o diretor aprovou o fato, apri-
mou no aspecto em que ele passava a
interessar a moral e a disciplina geral
do estabelecimento, como a aluna sobre
quem pesava a acusação de conduta
dilatada, fora do colégio, se afastasse
suficientemente deixando de frequen-
tar as aulas. - julgou que a melhor
solução seria esperar. Já que o
incidente passou a ser praticamente
esquecido. Por infrequente a mencio-
nada aluna... foi reprovada. Sua au-
sência prolongada restabeleceu a disciplina
da classe, em sala de aula. - Eis que, em
finitivos deste ano, a aluna, embora
reprovada, - requereu matrícula no
terceiro ano, como repetente. - Explicou
o diretor ainda, que durante o período
em que aquela aluna esteve afastada
por motivos particulares dela, recebeu
ele varias denúncias de pessoas idô-
neas, inclusive de familiares do
amante, se se fosse diante da aluna,
sobre fatos graves, atentatórios da
moral e dos bons costumes. - e que

comprovavam as suspeitas existentes. — Em
prosequimento, disse o Director, acompanhando
seu relato, que ao ter conhecido a grafia
da matricula da aluna em questão,
conheceu-a pessoalmente, e dela, em
presença do Secretario prop. Sr. Correia, do
Camargo e do professor Sr. Pires, uni-
cando este membro do Conselho discipli-
nar, obtive a confissão espontânea da
aluna, e confirmando os factos sobre os
aponta dos. Esclareceu o Director que a
aluna fez a revelação de um mesmo
facto, simultaneamente, e em presença
das testemunhas, ao Director do Colégio
e ao sacerdote, como alia, se con-
firmou pelas respectivas circumstancias, e
publicidade do acto. Diante disso, o
Director fez um breve relato sobre o
caso na reunião dos professores em
25 de mes de fevereiro, tendo alguns
membros da Congregação aconselhando
a que o Director indicasse a matricula,
a qual a aluna Anna, impedia
a bem da disciplina e da moralidade
do estabelecimento. — Como a reunião
não tomou uma deliberação geral
da Congregação solicitou o promova-
mento de cada professor sobre o assunto,
acrescentando que havia sido
a matricula. Por fim, a seguir o assunto
em discussão, varios professores fizeram
uso da palavra, solicitando esclareci-
mentos sobre a conduta da aluna em

questões, sua ficha escolar, graus de aproveitamento, situação familiar etc. . . . Fuida o debate, foi a vez da sua porta e votação, individual, tendo a unanimidade dos professores votado pelo indeferimento da matrícula, ou pela manutenção do despacho denegatório ao ingresso da mencionada aluna no estabelecimento. Os Professores Marco Elísio Chaves, Contínlio, Autório Ráfuerri Goulgo e Zeder de Paule Machado Borges sugeriram que se desse a transferência da aluna para outro estabelecimento, sem qual-quer referência aos motivos que a impediram de matricular-se no Colégio Estadual de Ilheus. O professor Autório de Oliveira justificou o seu voto contrário à matrícula, na explicação feita pelo diretor. O Professor José Luiz Guedes Guimarães foi designado para a lavatura desta ata. Igualmente a professora Hilda de Souza Contínlio sugeriu que se concedesse a transferência da aluna a outro estabelecimento. E, como de nada mais se tratasse, - suspendeu-se a reunião pelo tempo necessário à lavatura desta ata. Reaberta a sessão, foi a presente lida e unanimemente aprovada, sem retricações. Do qual tudo para constar, em José Luiz Guedes Guimarães.

laquei e escrevi com os seguintes:

[Signature]

Maria Antônia de Almeida

Ed. José da Silva

Ign. de Almeida

Antônio Marques Mendes

Antônio de Jesus

Antônio de Jesus

Antônio de Jesus

Alvaldo Chaves

Vânia M. Nogueira

João José Filho

José de Paiva Ribeiro

Manoel de Jesus

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

Alta de Sousa Lobo

.n.

A mãe de Cláudio Augusto Ramalho
entrevistou aqui e pediu que qualquer
atitude indesejável do seu filho é
só telefonar para o juiz.

A mãe trabalha na casa
de Elite.

Sra. Beatriz

Logo desculpas por não
escrever a tempo mas é
que eu gostaria de dizer a que
Juliana "não fez nada de mais,
mas como é a diretora que tem
a última palavra, ela teve que
se retirar da escola. Fique sosse
já da'!

Um abraço

Professora Anna Lúcia

Bilhete mandado pela professora no
dia 19/10, para a tia da aluna, porque
a diretora não admitiu "dois pesos
e duas medidas". no tratamento com os
dois alunos implicados em briga
na sala.

A professora não mandou o aluno
Jesulito embora, deixando a aluna
Juliana, porque aquela ela não
considera seu aluno e a outra
é boa aluna.

Se os dois brigaram, ambos teriam
a mesma penalidade.

Para de Lerina Bulhões Leite
Beatriz Maria Ferreira

senhores Pais de Sérgio Alexandre Alves

Seu filho hoje ficou de castigo
na Escola por brincadeiras ~~de~~ classe e por
não a atender nas repetições. Conversei com
eles e se continuarem assim infelizmente
não os poderei lê-los mais aqui.

Espero que conversem muito com eles
para não mais acontecer.

Espero muito a ajuda de casa.

4. 10. 87 ^{Atenciosamente} Ubocash ..

assinature: Maria da Conceição Alves
Maria da Conceição Alves

É preciso a mulher vir à Escola, pois assim
 não poderemos tê-la aqui. 1ª advertência
 Ouro Preto, 16. de setembro 1983
 Ubocastro.
 P. M. P. P.

Manoelório Lourenço de Araújo.

As alunas abaixo assinadas participantes de conversas e brigas após aconselhadas estão assinando pois foram advertidas que, se tornarem a brigar esta vez, pela atitude, serão convidadas a irem para outra escola no mês de novembro.

Ouro Preto, 20. 9. 83
 Ubocastro

Sara Cristina Martins de Oliveira.
 Renata Cardinalli Nardi
 Aparecida Lomseca Silva
 Marina de Lima
 Anita Trindade Barbosa Testemunha

For he sido suspenso de aula (mandado fora de sala) por indisciplina
suspensa por 3 dias de atividades escolares. 3-10-85.

Wanessa de Castro Alves. 3-10-85

For he sido mandado para fora de classe por indisciplina
suspensa 3 dias de aula. 3-10-85. Emerson Wagner Valadun

Odmaris Pinho mandou em sala 2 alunos
por indisciplina em classe, da primeira vez expulso

Henrikur de Brito Reis.

Wladimir Luiz Pinheiro.

D. Shirley mandou este aluno por indisciplina em
sala. da primeira vez expulso.

Waldemar Luciano Ferreira.

For buga fora da escola ficam advertidos
Gilio Ropa.

Adverti ao aluno abaixo, que se não
melhorar a disciplina, e a maneira de agir na
escola não vai poder continuar nesta escola
7-10-85

Ulberth Luiz de Souza

For tu dado um tapa em sua colega que
não lhe quiz emprestar seu elástico ficou suspenso
por 2 dias. Claudiana S.D.

Tomou posto fora de sala. Para isso foi a 1ª
advertência para Claudiane não dar mais suspenso
de 1 dia. Wladimir Luiz Pinheiro. 3-10-85. Wladimir
Luiz Pinheiro.

O aluno abaixo não atende ao ensino, que
faz o que quer, portanto foi advertido e suspenso

fevereiro 6 1967 - D. Maria F. de S. 48
Assinatura do Inspetor

TERMO DE VISITA DO INSPETOR

O Inspetor lançará, neste livro, termo de cada visita, fazendo constar a apreciação, as sugestões e as advertências que julgar necessárias, sob todos os aspectos da vida da escola.

Até o dia _____ de cada mes, o inspetor remeterá a _____

cópia dos termos de visita lançados no mes anterior com o «Ciente» e a assinatura do diretor da escola

1. E. E. José Gonçalves de Melo - I. E. O. B. Itatima - Pentes
3. Compareci a esta entidade escolar para cumprir
minhas atribuições como Inspectora Escolar da 6.ª
Delegacia Regional de Ensino de Ilheusópolis.
Houve um problema entre dois alunos da 3.ª
série. Um dos alunos feriu o braço do colega
com uma pequena facininha (apontador de lápis).
O aluno levou alguns pontos cirúrgicos. A diretora
registrou em livro próprio a ocorrência.
Visitei a classe e notei que são alunos bem
comportados, com professora eficiente, cumpridores
dos deveres. Concluí que foi realmente
um acaso o acontecimento. Ambos já se desculpam
e continuam amigos. A professora
e a diretora encontram-se aborrecidas com o que
houve e já reprimiram as crianças pelo fato.

Itatima 22 de setembro de 1968

8. Inspectora Maria F. de S.
Ciente - Diretor

M. S. Rocha
Ass. do Inspetor

Terminu de vizita.

Aos vinte dias do mez de Agosto de 1915, fiz minha primeira visita ao Grupo Escolar D. Pedro II, em cumprimento das funcões da carga. Encontrei os professores em uma cathedra, com attenção e interesse de alumnos. Não posso deixar de salientar a salutar impressão experimentada pelo ~~meu~~ ~~meu~~ ~~meu~~ zelo e intelligencia de todo o corpo docente e o promptamente dos alumnos, o que muito me lembra este estabelecimento de ensino. A disciplina e a ordem em tudo revelam a boa vontade de todos os professores.

Notei, com pesar, porém, que as obras mandadas executar, que, ainda, não satisfazem as necessidades do edificio, mas as obras em andamento, com grande prejuizo e embozago para a administração do grupo, que, se não em colisão, para resolução das inconvenientes.

É digno, com especialidade, de ser aqui consignado, a maneira correcta, energica, intelligente, previdente, decidida e reformada com que a actual directora interina tem desempenhado suas attribuições, com realisação

Hino da Escola Normal Oficial de Itaúna

Desta escola, se evola, em constante
Espiral, sem igual, a instrução
Na disputa que luta o estudante
Vem à frente o docente em ação
Neste ensejo um desejo altruísta
Em nossa alma é a palma que vem
Tua glória, na história é conquista
Do discente e docente também

Coro

A tua história escola é plena de emoção
A tua glória é nossa e de outras gerações

Esta casa que abraça e norteia
Essa gente que sente o pendor
Sem engodos a todos enleia
Sem cansaço no abraço de amor
Exaltado no estado nós vemos
Teu exemplo no templo da luz
Para os feitos de eleitos que temos
Um farol natural nos conduz